

# ÍNDICE DE CIDADES EMPREENDEDORAS

---

BRASIL  
2016





# AGRADECIMENTOS

Este estudo é fruto do trabalho e dedicação de diversas pessoas e organizações. Gostaríamos de agradecer ao Conselho e a toda equipe da Endeavor Brasil pelo suporte incondicional em todas as etapas do estudo, em especial: Amanda Freitas, Bárbara Freiris, Bruna Eboli, Camilla Junqueira, João Melhado, Julia Yazbek, Juliano Seabra, Luiza Barbosa, Luiza Zanotto, Marcela Porto, Pedro Lipkin e Ricardo Rocha.

Este relatório é fruto também do grande apoio dos nossos parceiros na formulação da metodologia e na obtenção de dados: Sergio Fontenelle, Graziela Baffa e equipe da EY, que desenvolveram e coletaram uma série de indicadores de Ambiente Regulatório; Edivan Costa e equipe da SEDI, pelos indicadores de tempo de processos regulatórios; Roger Thornham e Gorkan Ahmetoglu e equipe do META, pelo índice de Potencial Empreendedor; Felipe Schepers e equipe da Opinion Box, pela pesquisa primária de todos os indicadores do pilar de Cultura Empreendedora; Ricardo Kanitz, Rafael Bassani e equipe da Spectra Investimentos, pelos indicadores do mercado de capital de risco; Jaime de Paula, Rodrigo Barcia e equipe da Neoway pelo indicador de patentes; Paulo Cabral e equipe Waze e Pedro Somma e equipe da 99, pelos dados de mobilidade urbana; Brian Requarth, Gabriel Porto e equipe da VivaReal pelos dados de mercado imobiliário; Sheila Pires e equipe da Anprotec, por informações sobre parques tecnológicos. Agradecemos também a cada um dos mentores que dedicaram tempo para rever e criticar o estudo, levando às inúmeras melhorias nesta versão final: Alexia Aslan, Anders Hoffman, Carlos Arruda, Débora Horn, Emanuella Silva, Evelyn Nour, Felipe Maciel, Frederico Wiesel, Guilherme Mori, Helena Lima, Leonardo Barone, Luis Guimarães, Maria Emília Braga, Matheus Assunção, Pablo Ribeiro, Pamella Gonçalves, Ricardo Nicolosi, Talita Taveira e Viviane Vieira. Por último, agradecemos às Prefeituras Municipais espalhadas pelo Brasil que têm utilizado este Índice como base de análise, ferramenta de gestão e inspiração para melhorar as condições para os empreendedores se desenvolverem.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09	<b>COMO USO ESTE RELATÓRIO?</b> .....	120
Impactos do estudo .....	10	<b>ONDE ENCONTRO ESSES E OUTROS EXEMPLOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS?</b> .....	122
Novidades para 2016 .....	12	<b>REALIZAÇÃO E APOIO</b> .....	125
Como ler este relatório .....	14	<b>ANEXOS</b> .....	129
<b>ÍNDICE DE CIDADES EMPREENDEDORAS 2016</b> .....	18	Anexo 1: Metodologia .....	129
<b>OS PILARES</b> .....	25	Indicadores, fontes e formas .....	140
Ambiente regulatório .....	26	de cálculo de Campo .....	144
Infraestrutura .....	34	Siglas e seus significados .....	144
Mercado .....	40	Anexo 2: Metodologia do determinante .....	146
Acesso a Capital .....	48	de Cultura Empreendedora .....	
Inovação .....	54	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	148
Capital Humano .....	62		
Cultura Empreendedora .....	70		
<b>PERFIL DAS REGIÕES</b> .....	79		
Sudeste .....	80		
Sul .....	90		
Nordeste .....	98		
Centro-Oeste .....	108		
Norte .....	114		

# INTRODUÇÃO

Em um dos anos mais conturbados da política e da economia do País, este Índice de Cidades Empreendedoras chega à sua terceira edição. Já consolidado como um dos principais estudos sobre o assunto, suas análises e recomendações se fazem urgentes.

Se para uma empresa, manter-se viva já é difícil em um momento como esse — são mais de 12 milhões de pessoas desempregadas — crescer é ainda mais desafiador. É imprescindível, então, que tenhamos cidades onde as condições para empreender sejam melhores.

Mais do que imprescindível, é possível. Cidades por todo o País têm utilizado este estudo como guia para direcionar esforços. No caso mais emblemático, Porto Alegre empenhou esforços ao longo dos últimos 15 meses para reduzir a burocracia para abertura de empresas. Como apresentado nas edições anteriores deste estudo, eram mais de 200 dias para registrar um negócio na capital gaúcha, mas até o final deste ano, empresas de baixo risco poderão fazê-lo em até cinco dias.

O caso de Porto Alegre é um exemplo de política pública cada vez menos raro, mas o caminho para melhorar as condições para que os empreendedores possam crescer ainda é longo: menos de 1% das empresas do País conseguem crescer acima de 20%

ao ano por três anos consecutivos. Ainda que pouquíssimas, essas empresas, chamadas “Scale-ups”, são responsáveis por gerar quase metade dos novos postos de trabalho na economia brasileira, criam quase 100 vezes mais empregos do que a média no Brasil.

Para que cada vez mais empresas possam crescer, trazendo com elas inovações e gerando oportunidades para todos, é preciso identificar as principais forças e os desafios de cada cidade. Assim gestores públicos e organizações de apoio (universidades, empreendedores, mídia) poderão agir de forma precisa, conhecendo bem os desafios e os indicadores que refletem o ambiente empreendedor, e tendo acesso a bons exemplos nacionais e internacionais que ajudem a acelerar a transformação do cenário atual.

Só assim teremos empresas cada vez melhores, que criam inovações para solucionar os grandes problemas do país, ganham escala e, com elas, fazem crescer também as pessoas, o mercado e as possibilidades de transformação da sociedade. Neste estudo, está a crença de que um Brasil com menos amarras para que as empresas possam se desenvolver é um País com mais e melhores empreendedores, que querem e conseguem fazer a diferença para construir uma realidade melhor para todos.

IMPACTO

DAS PRIMEIRAS

EDIÇÕES DO ESTUDO

Desde sua primeira edição, em 2014, uma das maiores preocupações da Endeavor esteve em levar o conhecimento e as análises levantados para além de um relatório. No ano passado, celebramos a cobertura da mídia local, sempre intensa, o início de uma preocupação maior entre governos de todos os níveis e o reconhecimento internacional do estudo. Sem dúvida, há ainda mais avanços este ano, mas principalmente a certeza das enormes barreiras ainda oferecidas por nossas cidades.

## SIMPLIFICANDO A VIDA DOS EMPREENDEDORES EM PORTO ALEGRE

O Índice de Cidades Empreendedoras 2014 mostrou uma situação alarmante: registrar uma empresa em Porto Alegre levava mais de 240 dias - oito meses, portanto. No ano seguinte, o ICE2015 mostrou que a burocracia não era uma exclusividade apenas da capital gaúcha: a média nas principais cidades do País chegava a quase 130 dias.

Mais do que diminuir o tempo de abertura de empresas em Porto Alegre, o **Projeto Simplificar** se apresenta então com o objetivo de se transformar em um exemplo para todas as

cidades do País. Como se verá com mais profundidade na página 93, com alterações legislativas, redesenho de processos e integração de sistemas, além da necessária disposição política, a cidade está prestes a chegar a 5 dias para se abrir um negócio de baixo risco.

Esta é a primeira edição em que já se nota o impacto das melhorias que devem ficar ainda mais evidentes na edição de 2017 do estudo, e, principalmente, para quem for empreender na capital gaúcha a partir de agora.

## MOVIMENTO +EMPREENDEDORES +EMPREGOS

No ano de 2016, tivemos as primeiras eleições municipais após o lançamento do Índice de Cidades Empreendedoras. Pela importância latente do empreendedorismo em meio à crise, e com suporte do estudo, a Endeavor liderou o Movimento +Empreendedores +Empregos, liderado pela Endeavor, que contou com a participação de mais de 60 organizações espalhadas pelo País.

O Movimento teve por objetivo colocar o empreendedorismo no centro do debate eleitoral, e teve a adesão de 42 candidatos a

prefeito das principais cidades do País. Entre eles, João Doria Jr (São Paulo), Roberto Claudio (Fortaleza), Alexandre Kalil (Belo Horizonte), Rafael Greca (Curitiba), Geraldo Júlio (Recife), Gean Loureiro (Florianópolis), Jonas Donizette (Campinas) e Marcelo Belinati (Londrina), que assumirão em 2017 com o compromisso de reduzir a burocracia de suas cidades, fortalecer o diálogo com empreendedores, e trabalhar junto com as empresas para resolver os desafios públicos, através de programas de inovação aberta.

**Saiba mais em:** [maisempregos.empreendedorismo.org.br](http://maisempregos.empreendedorismo.org.br)

## LIDERANÇAS LOCAIS TRABALHANDO EM REDE POR UMA MELHORIA EM SUAS CIDADES

Presente em mais de 180 países, a Rede Global do Empreendedorismo teve um novo objetivo traçado neste ano no Brasil. Partindo da ideia de que a melhoria do ambiente empreendedor tem mais chances de ocorrer na prática se contar com lideranças locais engajadas, um processo seletivo para encontrar representantes nas 32 cidades analisadas neste estudo contou com a participação de mais de 1.200 pessoas.

Agora, 24 comitês locais estão espalhados por essas cidades, com o objetivo de, a partir das recomendações do Índice de Cidades Empreendedoras, traçar estratégias para engajar e cobrar as lideranças locais pela melhoria do ambiente empreendedor.

**Saiba mais em:** [lideres.empreendedorismo.org.br](http://lideres.empreendedorismo.org.br)

NOVIDADES

PARA 2016

Desde a sua primeira edição em 2014, o Índice de Cidades Empreendedoras tem sido um exercício de análise em profundidade do ecossistema dos principais municípios do País. Esse exercício já havia passado por melhorias na edição de 2015, com a adição de novos indicadores e cidades à metodologia original. Nesta edição também foram feitas pequenas evoluções, como premissa da busca pela melhor representação do ambiente empreendedor local.

## METODOLOGIA APROFUNDADA

Entre os sete determinantes do crescimento das empresas em uma cidade brasileira, dois deles passaram por melhorias significativas, a fim de apresentar uma visão mais completa do ecossistema:

### • AMBIENTE REGULATÓRIO

Analisar a burocracia nas cidades brasileiras não é tarefa simples. Com diversas regras e variáveis diferentes entre municípios e estados, definir um padrão comparável se torna um desafio complexo. Grande parte dos dados tampouco existe, o que exige o trabalho de definir critérios e compilar informações direto de fontes específicas para cada uma das cidades e estados do estudo, de maneira desagregada.

Tudo isso sempre foi fato desde a primeira edição do estudo sobretudo quanto a dados que devem ser obtidos junto às prefeituras. Por isso, nesta edição, a EY e a Endeavor aprofundaram ainda mais sua pesquisa de ambiente regulatório e produziram quatro novos indicadores sobre o tema, todos em nível municipal:

- Alíquota média do ISS
- Obrigações acessórias dos municípios, para pagamento do ISS
- Número de atualizações tributárias municipais para ISS e IPTU
- Qualidade e facilidade para emissão de Certidões Negativas de Débito (CNDs) nos municípios

### • INFRAESTRUTURA

Um dos grandes desafios de todas as cidades analisadas neste estudo tem a ver com a facilidade com que pessoas e mercadorias podem ser transportadas no dia a dia. Estar em uma cidade com boa mobilidade é fundamental para que empreendedores tenham empresas com logística eficiente, onde todos tenham maior qualidade de vida.

Por tudo isso, nesta edição do estudo foi adicionado um **novo indicador do índice de fluidez no trânsito**, formado por dados do Waze e da 99, ambas empresas cada vez mais comprometidas com a mobilidade urbana das cidades em que atuam.

Todos os indicadores da pesquisa e sua metodologia, incluindo esses novos, podem ser vistos na página 130 deste relatório.

## EXEMPLOS DE EMPREENDEDORES PARA CADA REGIÃO

Nesta edição, na seção do perfil das regiões, foram adicionadas histórias de empreendedores que retratam com seu dia a dia algumas das principais características de cada uma das regiões do País. A intenção é mostrar que, por trás dos dados apresentados no ICE 2016, há empreendedores que sentem todos os dias os desafios e as potencialidades de cada local. Para além dos dados, as histórias nos trazem uma visão do ambiente empreendedor da região, por quem mais a vive.

# COMO LER ESTE RELATÓRIO

O Índice de Cidades Empreendedoras tem como objetivo analisar o ecossistema empreendedor das principais cidades brasileiras, para apontar aquelas que possuem condições mais propícias para o desenvolvimento de empresas, e mostrar como ainda podem evoluir.

## FRAMEWORK PARA AVALIAÇÃO DO AMBIENTE EMPREENDEDOR

Para a construção do Índice, a Endeavor Brasil elaborou um framework adequado à realidade do país, em sintonia com as ferramentas utilizadas por organizações internacionais, como a OCDE e consultorias especializadas.

A seleção dos critérios considerou o universo de empresas como um todo, sem se restringir a nenhum setor ou porte específico. O framework está estruturado a partir de sete pilares, ou determinantes, que formam os rankings temáticos do relatório e são a base do índice final de cidades. Os detalhes do framework são apresentados na seção metodológica do relatório, a partir da página 130.



## PROPORCIONALIDADE E TAMANHO DAS CIDADES

Nesta terceira edição do Índice - assim como em 2015 - foram analisadas 32 cidades brasileiras, que variam consideravelmente entre si: a cidade de São Paulo, por exemplo, tem mais de 11 milhões de habitantes, enquanto Blumenau, Vitória e Maringá possuem menos de 400 mil moradores.

Para reduzir a distorção, causada pelo tamanho da população ou da economia das cidades, grande parte dos dados utilizados na análise foram ajustados para refletir o desempenho proporcional das cidades em cada pilar. Os indicadores foram calculados de maneira cuidadosa e em função da natureza do dado. Em geral, apresenta-se o desempenho das cidades em cada indicador pelo número total de empresas da cidade, população ou PIB, dentre outros exemplos.

## INDICADORES E FONTES DE DADOS

Não existe produção de dados sistemáticos sobre ambiente empreendedor no Brasil, e o acesso a informações confiáveis, principalmente a nível local, foi um dos maiores desafios deste projeto.

Para coletar um conjunto extensivo de indicadores sobre 32 cidades brasileiras, foram utilizadas diversas fontes de dados, a maioria municipal e alguns estaduais. Quando determinado indicador é um recorte estadual, como parte dos dados do determinante de Ambiente Regulatório, foram utilizados, como convém, os mesmos valores para cidades do mesmo estado.

As principais fontes são bases públicas, cuja publicação acontece por vezes com dois ou até três anos de defasagem - a exemplo do Produto Interno Bruto de cada município, publicado pelo IBGE.

Para os casos em que não havia indicadores disponíveis em fontes públicas, contamos com parceiros para a produção e coleta dos dados. É o que foi feito ao analisar a complexidade burocrática, mobilidade urbana e o acesso a capital de risco, em que se contou, respectivamente, com o apoio da EY e da SEDI, do Waze e 99, e da gestora de recursos Spectra Investimentos.

Por fim, para os casos em que não havia indicadores de nenhuma fonte, foram produzidos indicadores próprios ou "proxies". Isto acontece para os indicadores do pilar de Cultura Empreendedora, cujos dados são baseados em uma pesquisa de campo feita em parceria com o Instituto META e a Opinion Box (para mais informações, veja pág. 146).

A seção metodológica contém informações completas sobre todos os indicadores, fontes e formas de cálculo.

Disponibilidade do Indicador	● Indicador Público e Disponível	● Indicador sob domínio de terceiros	● Inexistente Obtida por pesquisa <sup>1</sup>
#Indicadores	33	14	13
Determinantes	<ul style="list-style-type: none"> <li>MERCADO</li> <li>CAPITAL HUMANO</li> <li>INFRAESTRUTURA</li> <li>INOVAÇÃO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>ACESSO A CAPITAL</li> <li>AMB. REGULATÓRIO</li> <li>INOVAÇÃO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>CULTURA EMPREENDEDORA</li> </ul>

<sup>1</sup> Foi realizada uma pesquisa de campo com mais de 9.000 pessoas distribuídas nas 32 cidades.

## ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA, ECONÔMICA E TEMPORAL DO ESTUDO

No Índice de Cidades Empreendedoras 2016 (ICE2016) são analisadas 32 cidades brasileiras, de 22 estados. Com exceção da região Norte, onde são analisadas apenas Belém e Manaus, todos os estados das demais regiões foram representados ao menos por suas capitais.

Além da grande abrangência geográfica, juntas essas cidades representam também mais de 40% das Scale-ups do país, e cerca de 40% do PIB nacional.

Ainda que os indicadores incluídos neste relatório possam ser utilizados na avaliação de outras cidades brasileiras, são necessários cuidados e adaptações ao transpor a análise para outros municípios. O estudo traz um retrato das cidades analisadas em um momento do tempo e, portanto, não reflete o seu desempenho histórico. Dessa forma, uma análise do ambiente empreendedor dessas cidades no tempo também requer ajustes e, sobretudo, um esforço de coleta de dados que ultrapassa os objetivos deste relatório.

- Aracaju
- Belém
- Belo Horizonte
- Blumenau
- Brasília
- Campinas
- Campo Grande
- Caxias do Sul
- Cuiabá
- Curitiba
- Florianópolis
- Fortaleza
- Goiânia
- João Pessoa
- Joinville
- Londrina
- Maceió
- Manaus
- Maringá
- Natal
- Porto Alegre
- Recife
- Ribeirão Preto
- Rio de Janeiro
- Salvador
- São José dos Campos
- São Luís
- São Paulo
- Sorocaba
- Teresina
- Uberlândia
- Vitória



# ÍNDICE DE CIDADES

## EMPREENDEDORAS 2016

1º São Paulo		8,493	0	—
2º Florianópolis		8,324	0	—
3º Campinas		7,300	2	▲
4º Joinville		6,962	5	▲
5º Vitória		6,937	-2	▼
6º São José dos Campos		6,864	0	—
7º Porto Alegre		6,751	0	—
8º Sorocaba		6,715	7	▲
9º Maringá		6,440	2	▲
10º Ribeirão Preto		6,434	2	▲
11º Belo Horizonte		6,429	2	▲
12º Caxias do Sul		6,396	4	▲
13º Blumenau		6,324	7	▲
14º Rio de Janeiro		6,228	-4	▼
15º Curitiba		6,118	-7	▼
16º Brasília		5,891	3	▲
17º Uberlândia		5,819	1	▲
18º Recife		5,773	-14	▼
19º Londrina		5,706	-2	▼
20º Aracaju		5,620	3	▲
21º Goiânia		5,619	-7	▼
22º Natal		5,541	3	▲
23º Teresina		5,487	8	▲
24º Cuiabá		5,455	4	▲
25º Salvador		4,961	-1	▼
26º Belém		4,948	3	▲
27º João Pessoa		4,945	-5	▼
28º Manaus		4,944	-2	▼
29º Fortaleza		4,826	1	▲
30º São Luís		4,768	-3	▼
31º Campo Grande		4,667	-10	▼
32º Maceió		4,314	0	—

## SÃO PAULO: CIDADE E ESTADO LÍDER

Na edição 2016 do Índice de Cidades Empreendedoras, a cidade de São Paulo conseguiu abrir vantagem sobre Florianópolis, a segunda colocada. Não apenas a capital paulista obteve pelo segundo ano consecutivo a liderança do ICE, como, pela primeira vez, todas as cinco cidades do estado no estudo aparecem entre as 10 melhores no ranking geral. A maior cidade do Brasil beneficia-se com sua potência econômica e se destaca pelas condições de mercado, acesso a capital e conectividade, elevando o nível de todo o estado. As cidades do interior paulista apresentam os resultados mais consistentes em diferentes pilares, ao mesmo tempo em que possuem custos relativamente mais baixos que diversas capitais. Especialmente por ser o centro financeiro do país e ter o maior mercado consumidor, São Paulo continua sendo extremamente atraente aos empreendedores de alto impacto. Uma realidade cada vez mais de todo o estado.

## A CRISE ATINGE OS EMPREENDEDORES PARA O BEM E O MAL

O empreendedorismo, como era de se esperar, não sai ileso da crise. Além da recessão econômica, que fez o crescimento médio do PIB nas cidades cair de 3,9% no triênio 2010-2012 para 2,4% entre 2011 e 2013, outros efeitos são visíveis. É o caso dos recursos financeiros, com queda na poupança per capita, nos empréstimos e nos investimentos de Private Equity, que teve redução de 23%. Diversos parques tecnológicos ainda não saíram do papel e a educação também foi afetada, com queda inédita na proporção de alunos no ensino médio (de 2,2%) e fechamento de vagas no ensino técnico por todo país. No entanto, sempre há o lado cheio do copo. O número de empresas exportadoras cresceu em 7% e, apesar de o total de empresas também ter diminuído, os setores de TICs e da Economia Criativa tiveram crescimento de cerca de 14%. Ou seja, quem conseguiu inovar mais e buscar o mercado externo, pode estar saindo da crise melhor do que entrou.

## A ILHA MAIS LONGE, MAS AINDA EMPREENDEDORA

Florianópolis liderou a primeira edição do Índice de Cidades Empreendedoras, em 2014. Em 2015, apareceu na segunda posição, praticamente empata com São Paulo. Nesta terceira edição, a distância para a capital paulista aumentou. Mesmo repetindo vários excelentes resultados estruturais das últimas edições, a cidade vem perdendo parte do seu fôlego, como no Índice de Inovação, em que agora é vice-líder. Ainda assim, continua sendo um exemplo de planejamento e da importância dos formuladores de políticas públicas para o desenvolvimento econômico, institucional e social, em uma história que começou há mais de 30 anos, com foco intenso na formação de boas escolas e universidades.

## O INTERIOR AINDA MAIS FORTE

No ICE 2015, cidades como Campinas, São José dos Campos e Joinville já apareciam entre as dez melhores. Neste ano, o interior se destaca ainda mais. Campinas é a terceira melhor, e Joinville subiu cinco posições, alcançando o quarto posto. São José aparece em sexto, e além das três, entre as 10 melhores aparecem também Sorocaba, Maringá e Ribeirão Preto. Novamente, é notável a qualidade de vida e os custos mais baixos, com níveis também avançados de capital humano e inovação. Se há um descolamento maior da líder São Paulo, é inegável que o interior do Sul e Sudeste aparece cada vez mais forte.

## GRANDES CAPITAIS COM GRANDES PERDAS

Enquanto a capital paulista domina o ICE pelo segundo ano consecutivo, o mesmo não acontece com outras grandes capitais brasileiras. Em especial, Rio de Janeiro (14<sup>ª</sup>), Curitiba (15<sup>ª</sup>) e Recife (18<sup>ª</sup>) perderam respectivamente 4, 7 e 14 posições em relação ao estudo anterior. Os empreendedores cariocas penam com seu péssimo ambiente regulatório (aparece na última posição do pilar) e condições internas complexas, com custos altos e a pior mobilidade urbana do estudo. Problemas no trânsito também em Recife, na 29<sup>ª</sup> posição do indicador. A capital pernambucana ainda fechou 26 mil vagas no ensino técnico e as compras públicas municipais caíram 25%. No Paraná, a capital aparece atrás de Maringá. Além da cultura empreendedora mais favorável no interior, Curitiba também tem impostos mais altos (só está à frente do Rio em Ambiente Regulatório) e teve o maior recuo na oferta de crédito. São capitais com grandes mercados consumidores, mas precisarão fazer mais para se tornarem polos do empreendedorismo e competir com São Paulo.

## CORRENDO ATRÁS DA HISTÓRIA

Fora do eixo Sul-Sudeste, as condições para empreender ainda tem muito a melhorar, e não é de agora. As melhores cidades do Centro-Oeste, Nordeste e Norte brasileiro são Brasília (16<sup>ª</sup>), Recife (18<sup>ª</sup>) e Belém (apenas a 26<sup>ª</sup> melhor). E a base para isso existe, com alguns dos melhores índices de Cultura Empreendedora nessas regiões, como a liderança de Natal. É preciso olhar para melhorias que podem ocorrer a curto-prazo, como diminuir a burocracia, que conta com alguns destaques positivos nessas regiões. Mas os grandes gargalos dessas cidades são questões estruturais. A educação pode seguir o exemplo de Teresina e Fortaleza, que vêm avançando consistentemente, como é necessário. Já Recife e Manaus, também atrás do seu potencial, dado o famoso Porto Digital e a Zona Franca manauara, podem inspirar as demais cidades a serem mais inovadoras. Capital humano e inovação são déficits históricos da região, e não há mais tempo a perder.

## MELHORANDO SEM REINVENTAR A RODA

Desde a primeira edição deste estudo, foram apresentadas aqui iniciativas em cidades brasileiras e estrangeiras que estão melhorando o ambiente empreendedor local com ações muitas vezes simples. Elas podem inspirar cada vez mais governos e empreendedores a adaptarem essas boas práticas para suas regiões, sem precisarem de grandes inovações. É o caso do Minas Fácil e do Tu Empresa em un Día, do Chile, estudados no ICE2015, que serviram de exemplo para o Projeto Simplificar — agora ele próprio um caso de sucesso. Melhorar o ambiente empreendedor não é trivial, mas bons exemplos existem para serem copiados.



OS PILARES



## AMBIENTE REGULATÓRIO

1º	Uberlândia	7,486	▲ 3
2º	Brasília	7,458	▲ 13
3º	Joinville	7,212	▲ 20
4º	Aracaju	7,208	▲ 14
5º	Cuiabá	7,182	▲ 15
6º	Ribeirão Preto	7,096	▲ 4
7º	Teresina	7,084	▲ 25
8º	Florianópolis	6,877	▲ 1
9º	Campinas	6,754	▲ 12
10º	Caxias do Sul	6,700	▲ 14
11º	São Paulo	6,612	▲ 1
12º	Belém	6,468	▼ -7
13º	São José dos Campos	6,316	▲ 1
14º	Natal	6,200	▲ 11
15º	Londrina	6,090	▼ -2
16º	Blumenau	6,041	▲ 13
17º	Salvador	5,936	— 0
18º	Maceió	5,931	▲ 12
19º	Belo Horizonte	5,902	▲ 3
20º	Manaus	5,824	▼ -1
21º	Porto Alegre	5,580	▲ 6
22º	Recife	5,572	▼ -15
23º	Goiânia	5,525	▼ -22
24º	Maringá	5,370	▼ -13
25º	Vitória	5,341	▼ -17
26º	São Luís	5,137	▼ -20
27º	João Pessoa	4,980	▼ -24
28º	Sorocaba	4,966	▼ -2
29º	Fortaleza	4,790	▼ -1
30º	Campo Grande	4,703	▼ -28
31º	Curitiba	4,332	▼ -15
32º	Rio de Janeiro	3,327	▼ -1

AMBIENTE REGULATÓRIO				
Tempo de Processos	Custo de Impostos		Complexidade Tributária	
Tempo de Abertura de Empresas (em dias)	Alíquota interna média do ICMS <sup>1</sup>	Alíquota média do IPTU	Obrigações Acessórias estaduais <sup>1</sup>	Obrigações Acessórias municipais
Tempo para Regularização de Imóveis (em dias)	Número médio de incentivos fiscais estaduais <sup>1</sup>		Número de Atualizações Tributárias Municipais	
Taxa de congestionamento em Tribunais Estaduais <sup>1</sup>	Alíquota média do ISS		Número de Atualizações Tributárias Estaduais <sup>1</sup>	CNDIs Municipais

<sup>1</sup> Indicadores estaduais

Quanto tempo um empreendedor gasta para abrir um novo negócio? Quanto os impostos municipais e estaduais pesam nos custos? Como um sistema tributário mais ou menos complexo afeta a empresa? Essas perguntas importam? Sim. Porque toda a burocracia representada pelo ambiente regulatório interfere no dia a dia do empreendedor, dificultando ou facilitando sua vida.

Apesar de muitas dessas regras serem tratadas no âmbito nacional (e, nesses casos, desconsideradas neste estudo), parte importante da burocracia varia conforme o estado ou município das empresas. Os impostos locais - ISS e IPTU no município, ICMS no estado, principalmente - podem representar um peso ainda mais significativo nas operações da empresa, desde a sua instalação até as etapas seguintes, afetando a lucratividade e as perspectivas de crescimento.

Soma-se a isso o tempo a ser dispensado para cumprir todas as regras, que mudam constantemente, em uma fase em que o empreendedor deveria concentrar seus esforços e recursos para implantar e crescer sua empresa.

Para trazer entendimento a esse espaço tão complexo, o Ambiente Regulatório das cidades brasileiras foi avaliado neste estudo pela perspectiva de três subdeterminantes: Tempo de Processos, Custo de Impostos e Complexidade Tributária. Esses indicadores foram criados em parceria com a SEDI e a EY, que este ano aprofundou ainda mais os dados de custo e complexidade tributária, agora avaliada também pelo contexto municipal.

O Tempo de Processos analisa o tempo gasto com a burocracia em atividades que todo empreendedor enfrenta, como abrir a empresa e regularizar o imóvel, além de avaliar a taxa de congestionamento em

tribunais. Já o Custo dos Impostos é medido pelas taxas e incentivos fiscais de cada cidade e seus respectivos estados. Por fim, a Complexidade Tributária avalia as dificuldades para pagar os impostos nas cidades e nos respectivos estados, considerando aspectos como as obrigações acessórias, emissão de CNDIs e o número de novas normas tributárias. **Em todos os subdeterminantes, buscou-se analisar o ambiente regulatório sob os diferentes setores da economia: serviços, comércio e indústria.**

Todos esses dados oferecem ao empreendedor um quadro comparativo que esclarece o quanto a burocracia local pode interferir ou contribuir com os negócios. Em um país como o Brasil, onde o ambiente regulatório é altamente complexo e os impostos não são baixos, essa informação pode fazer uma enorme diferença!

*Em um país como o Brasil, onde o ambiente regulatório é altamente complexo e os impostos não são baixos, essa informação pode fazer uma enorme diferença.*

## Tempo de Processos

Cidade	Índice de Tempo de Processos	Tempo de abertura de empresas (em dias)	Tempo para regularização de Imóveis (em dias)	Taxa de congestionamento em tribunais estaduais
Aracaju	8,872	79	117	56,9%
Uberlândia	7,761	52	128	64,4%
Maceió	7,002	61	176	62,9%
João Pessoa	6,906	134	150	60,1%
Cuiabá	6,735	109	127	65,5%
São Paulo	6,648	136	94	67,1%
Belo Horizonte	6,585	62	184	64,4%
Ribeirão Preto	6,580	107	94	69,9%
Sorocaba	6,579	107	94	69,9%
Recife	6,439	151	178	58,5%
Campinas	6,412	119	94	69,9%
Caxias do Sul	6,366	140	147	63,0%
Manaus	6,356	66	171	66,6%
Natal	6,248	101	184	63,1%
Londrina	6,098	116	149	66,2%
Porto Alegre	6,049	82	211	63,0%
Maringá	6,049	123	146	66,2%
Goiânia	5,994	135	137	66,5%
Teresina	5,804	103	169	67,0%
Campo Grande	5,786	61	189	68,5%
Salvador	5,726	86	158	69,9%
São José dos Campos	5,697	111	124	71,5%
Blumenau	5,644	77	181	68,8%
Florianópolis	5,606	142	130	68,8%
Curitiba	5,400	145	164	66,2%
Vitória	5,198	178	154	65,6%
Brasília	5,049	182	189	62,5%
São Luís	4,993	146	139	71,0%
Belém	4,848	113	204	67,8%
Joinville	4,570	139	189	68,8%
Rio de Janeiro	4,396	120	210	69,2%
Fortaleza	3,602	266	196	63,0%
Média		117	155	66,06%
Fonte		SEDI	SEDI	CNJ
Ano		2016	2016	2015

## DESORDEM BUROCRÁTICA

Nesta nova edição do Índice de Cidades Empreendedoras é possível perceber, ainda mais, a despadronização do ambiente regulatório de cada uma das cidades. Cada um possui características peculiares, com grandes especificidades. A começar pelo longo processo de abertura de empresas. Apesar de o tempo médio para se abrir uma empresa nas 32 cidades analisadas ter caído de 129 dias para 117 dias, não há uma tendência geral de queda desse indicador. **Enquanto algumas cidades estão se esforçando para melhorar seus processos, outras estão estagnadas no indicador e algumas delas estão ainda mais lentas.**

O destaque positivo está no Rio Grande do Sul, que tinha Porto Alegre e Caxias do Sul como as cidades mais demoradas neste indicador no ano passado. Com a implantação do Projeto Simplificar (detalhado a seguir) e mudanças importantes na legislação estadual, ambas as cidades conseguiram reduzir em mais de 150 dias

o prazo para regularizar empresas, em especial as de baixo risco. Na próxima edição do estudo, com as últimas melhorias sendo implementadas, é esperada uma redução ainda maior.

No outro espectro, a cidade onde a burocracia mais se agravou em relação ao ano passado é Brasília. Uma mudança de regulação no alvará de publicidade, somada a maior demora do alvará do corpo de bombeiros, fez a Capital Federal subir o tempo para se abrir uma empresa de 105 para 183 dias.

Mais generalizada foi a alta na fila dos tribunais, em que 23 das 32 cidades do estudo estão com mais processos para serem julgados em relação ao ano passado. O percentual de processos parados aumentou de 62,4% para 66,6%, com destaque negativo para Belém, a cidade do estudo com maior aumento na lentidão (de 56,2% para 67,8% de fila).

## IMPOSTOS EM TEMPOS DE CRISE

Em um cenário de recessão, os impostos são tema de preocupação constante dos governos e dos empreendedores. De um lado, aumentar alíquotas parece fazer sentido para governos em busca de recursos para investimento e custeio dos serviços públicos. Por outro, o aumento das alíquotas pode sufocar ainda mais os empreendedores, já sem fôlego em tempos de crise. Entre as duas opções, a maioria dos estados e municípios preferiu manter as mesmas alíquotas do ano passado. Mas há exceções: o governo do Rio de Janeiro, que está passando por uma grave crise fiscal, não chegou a aumentar diretamente a alíquota do seu ICMS, mas aumentou de 1% para 2% a contribuição obrigatória para o Fundo de Combate à Pobreza do Estado. Na prática, um aumento no imposto final às empresas.

O novo indicador de alíquota do ISS mostra que boa parte das cidades não consegue aumentar sua alíquota, por estarem no limite previsto, sobretudo as capitais, onde 14 das 22 analisadas taxam prestadores de serviço em 5%. As 10 cidades presentes no estudo que não são capitais, portanto, tendem a ter alíquotas de impostos mais baixas que suas respectivas capitais. A menor alíquota para o conjunto de empresas analisadas no indicador está em Joinville e Salvador, ambas com tarifa de 3,65%. O IPTU das 32 cidades tem uma média de alíquota de 1,34%. Mas, como ocorre nos indicadores de tempo de abertura, as alíquotas variam muito entre as cidades: Vitória, a mais baixa, tem média de 0,39%, enquanto em Blumenau a taxa é quase dez vezes maior (3,5%).

## A REGRA NÃO É CLARA - E ESTÁ SEMPRE MUDANDO

Em cada estado e cidade o empreendedor precisa descobrir quanto imposto deverá pagar. Algo que deveria ser simples, e de fato é, em países com ambiente regulatório organizado. Já nas cidades brasileiras, isso se torna quase uma saga diária, que exige adaptações constantes e geram um peso extra para os empreendedores.

O maior vilão é o ICMS. Cada estado da pesquisa produziu, em média, 161 novas normas para a cobrança deste imposto entre 2013 e 2015: quase 4,5 novas normas por mês. O problema é maior no Rio Grande do Sul, outro Estado em grave crise fiscal, onde 422 novas regras entraram em vigor no período. O exemplo positivo está logo na divisa: Santa Catarina contabilizou apenas três mudanças no mesmo período.

No novo indicador de atualizações tributárias municipais, produzido pela EY, que contabiliza mudanças de IPTU e ISS nos municípios, é possível ver como o ICMS é um imposto desproporcionalmente mais complexo. Enquanto a média de mudanças do ICMS está em 161, as cidades mudam o ISS e o IPTU, em média, 23 vezes no mesmo período. Ainda assim, cidades como o Rio de Janeiro (59 mudanças), a última colocada nesse indicador e no pilar geral de Ambiente Regulatório, poderiam diminuir a quantidade de alterações feitas em seus impostos. **As mudanças constantes, além de trazerem**

**insegurança jurídica, tornam impraticável o cotidiano de um empreendedor comum**, que precisa contratar contadores e assessorias externas para não se perder no mar de alterações, aumentando seus custos para além dos impostos.

Parte dessa complexidade está nas obrigações acessórias, já monitoradas anteriormente para o pagamento do ICMS e sem mudanças significativas neste ano: continuam tortuosas. Neste ano, a novidade é a produção, também pela EY, de um indicador sobre obrigações acessórias municipais, focadas no ISS. A mesma conclusão se repete mais uma vez: as cidades possuem regras muito distintas para o pagamento do mesmo imposto. Um exemplo está na utilização do livro do ISS por 10 municípios. Nas demais 22 cidades, o empreendedor que emite nota fiscal eletrônica está dispensado dessa obrigação. Também no novo indicador sobre Certidões Negativas de Débitos, São Paulo leva a nota máxima (10) nos critérios utilizados, como facilidade e clareza para emissão das CNDs. Já Uberlândia, Goiânia e Recife receberam nota 1,5, principalmente pela dificuldade até de especialistas para acessar as regras e sistemas de emissão das certidões. Aumentar a quantidade de indicadores neste pilar era necessário para captar com mais propriedade o ambiente regulatório das cidades, mas a conclusão continua sendo a mesma: **é essencial e urgente que as cidades e estados se esforcem para simplificar e padronizar seus processos.**

*O maior vilão é o ICMS. Cada estado da pesquisa produziu, em média, 161 novas normas para a cobrança deste imposto entre 2013 e 2015.*

## Custo dos Impostos

Cidades	Índice de Custo de Imposto	Alíquota interna média do ICMS	Alíquota média do IPTU	Alíquota média do ISS	Número médio de Incentivos Fiscais Estaduais
Brasília	8,783	11,83%	1,00%	3,82%	2,14
Florianópolis	7,136	15,61%	1,10%	4,04%	3,03
Caxias do Sul	7,128	14,36%	0,41%	4,55%	1,88
Joinville	7,121	15,61%	1,67%	3,65%	3,03
Ribeirão Preto	7,088	16,50%	0,60%	3,71%	2,54
Maringá	6,917	15,82%	1,00%	4,10%	2,78
Londrina	6,811	15,82%	1,00%	4,21%	2,78
Belém	6,734	14,40%	1,86%	5,00%	3,79
São José dos Campos	6,648	16,50%	0,71%	4,10%	2,54
Porto Alegre	6,616	14,36%	1,10%	4,61%	1,88
Uberlândia	6,518	15,99%	1,00%	3,82%	1,69
Salvador	6,445	16,50%	1,35%	3,65%	2,18
Vitória	6,284	15,04%	0,39%	5,00%	1,67
Fortaleza	6,217	15,61%	1,67%	4,21%	2,32
Manaus	6,118	16,50%	0,90%	3,82%	1,29
Campinas	6,104	16,50%	1,25%	4,30%	2,54
Goiânia	6,073	15,61%	1,00%	5,00%	2,57
Teresina	6,019	15,61%	1,18%	4,10%	1,11
Curitiba	5,631	15,82%	1,68%	5,00%	2,78
Cuiabá	5,596	15,61%	0,40%	5,00%	0,91
Rio de Janeiro	5,543	16,35%	2,80%	4,21%	3,15
São Luís	5,430	16,50%	1,20%	5,00%	2,43
Blumenau	5,372	15,61%	3,50%	4,21%	3,03
São Paulo	5,350	16,50%	1,40%	5,00%	2,54
Recife	5,302	16,50%	1,89%	5,00%	3,06
Belo Horizonte	5,115	15,99%	1,46%	5,00%	1,69
Sorocaba	5,010	16,50%	3,00%	4,21%	2,54
Natal	4,968	16,50%	1,00%	5,00%	1,30
Campo Grande	4,948	15,61%	1,00%	5,00%	0,44
Maceió	4,748	16,26%	1,00%	5,00%	0,66
João Pessoa	4,250	16,50%	1,50%	5,00%	0,58
Aracaju	3,977	16,50%	1,70%	5,00%	0,31
Média		15,8%	1,34%	4,48%	2,10
Fonte		EY	EY	EY	EY
Ano		2016	2016	2016	2016

## Complexidade tributária

Cidades	Índice de Tempo de Processos	Obrigações Acessórias estaduais	Obrigações Acessórias municipais	Número de Atualizações Tributárias Estaduais	Número de Atualizações Tributárias Municipais	CNDs municipais
Joinville	8,089	4,32	0,55	3	14	8,7
Teresina	7,770	4,32	0,55	61	18	9,1
Cuiabá	7,406	4,22	0,55	171	12	7,9
Belém	7,105	4,22	0,55	65	8	3,0
Natal	7,077	3,77	1,55	82	15	7,1
Blumenau	7,044	4,32	1,83	3	12	8,9
Aracaju	6,925	4,91	0,55	145	11	8,3
São Paulo	6,901	4,57	0,55	177	26	10,0
Campinas	6,591	4,57	0,55	177	28	8,7
Florianópolis	6,547	4,32	2,28	3	16	9,2
Fortaleza	6,403	4,77	0,55	81	5	2,0
Brasília	6,310	3,88	1,28	138	33	7,0
São Luís	6,308	3,98	1,28	35	25	3,6
Belo Horizonte	6,156	4,77	0,55	100	42	8,4
Maceió	6,149	4,88	1,83	103	12	9,4
São José dos Campos	6,120	4,57	1,83	177	2	7,3
Ribeirão Preto	5,942	4,57	1,83	177	12	8,3
Uberlândia	5,905	4,77	0,55	100	14	1,5
Salvador	5,735	4,22	1,50	52	50	8,2
Recife	5,631	2,98	1,28	222	39	1,5
Vitória	5,551	5,11	1,28	232	17	8,7
Caxias do Sul	5,534	4,43	1,28	422	9	7,7
Campo Grande	5,361	4,22	0,55	219	33	2,0
João Pessoa	5,345	3,88	1,83	391	14	6,6
Manaus	5,267	4,66	2,05	54	41	9,1
Goiânia	5,236	4,22	1,28	90	31	1,5
Londrina	5,223	5,22	1,28	300	11	7,9
Sorocaba	4,891	4,57	1,50	177	33	5,1
Porto Alegre	4,719	4,43	1,50	422	33	9,1
Curitiba	4,518	5,22	1,28	300	31	8,0
Rio de Janeiro	4,134	5,31	0,55	178	59	5,5
Maringá	4,109	5,22	1,50	300	22	5,1
Média	4,48	1,18		161	23	6,7
Fonte	EY	EY		EY	EY	EY
Ano	2016	2016		2016	2016	2016

## BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

### Força-Tarefa Red Tape | Canadá

Red Tape é o termo em inglês para a burocracia governamental pouco útil para servir o interesse público, criando custos financeiros ou frustração para todos.

Conhecida pela quantidade de Red Tape, a província canadense Colúmbia Britânica apresentou por seis anos um crescimento real do PIB menor do que o de seu país. **Mas tudo mudou quando o governo iniciou, em 2001, uma política de reforma e criou a Força-Tarefa Red Tape. Inspirada pela Federação Canadense de Negócios Independentes (CFIB), a proposta era eliminar dois requisitos regulamentares para cada um introduzido.**

**Um diferencial da reforma foi um amplo conjunto de consultas com o setor privado.** A força-tarefa foi em grande parte composta por representantes da indústria, que foram encarregados de revisar e priorizar 150 propostas das cerca de 600 propostas vindas da comunidade empresarial.

O Ministro da Desregulamentação apresentou essas prioridades aos demais líderes do governo para que todos dessem prioridade ao tema em seus planejamentos. **A população da Colúmbia Britânica também foi convidada a participar usando a hashtag #helpcutredtape no Twitter com novas ideias para reduzir a burocracia.**

Como resultado do programa, que durou até 2004, o governo reduziu as exigências regulatórias em 43%. **E durante o período de redução da burocracia, a província, que era uma das mais pobres do Canadá, passou a figurar entre as melhores, e seu PIB cresceu mais rápido que o do Canadá.** A criação de empresas passou de 20.759 em 1998 para 34.036 em 2007. O número de falências comerciais também diminuiu consideravelmente e foi de 1.031 em 1998 para 189 por ano em 2013. Para que esses resultados positivos se mantenham a comunidade empresarial se reúne regularmente com os políticos para ampliar ainda mais a redução da burocracia. Afinal, todos saem ganhando.

### Self Service Digital para Serviços Públicos | Dinamarca

E se ao invés de percorrer os órgãos públicos em diferentes endereços, caçando carimbos e licenças, o empreendedor pudesse apenas digitar alguns dados sem sair do escritório?

**Modernidades do mundo digital que nem sempre estão disponíveis, agora facilitam a vida dos empreendedores e cidadãos de Copenhague, que criou um verdadeiro Self Service Digital para Serviços Públicos.** Proposta que vem se expandindo, juntamente com o conceito de governo eletrônico, para acabar com os processos burocráticos presenciais que estão sendo substituídos por processos digitais, mais centralizados e sem papel.

**O Self Service Digital oferece alguns serviços diferenciados como: o eBoks e o NemID, um cartão de código pessoal que integra os pedidos de autoatendimento de Copenhague, como troca de endereço, acesso a contas bancárias e acesso aos serviços de visto e estudo no exterior. O Borger.dk oferece todas as informações relacionadas ao setor público, como os impostos da cidade e uso do serviço de saúde pública de cada cidadão. Para completar, a livraria municipal possui o primeiro serviço no mundo de autoatendimento para renovação de passaportes em máquinas.** Mas para implantar tudo isso era preciso vencer o desafio da inclusão digital

e para isso foi criado o programa de Embaixadores Digitais. Através de manuais detalhados em várias sessões de treinamento, 500 funcionários públicos e cidadãos já foram treinados em cada cidade média da Dinamarca para auxiliar os outros cidadãos no acesso às soluções do self service digital. Claro que um sistema como este é um dos sonhos dos empreendedores, que costumam perder um tempo precioso em processos burocráticos infundáveis. O país nórdico é mais desenvolvido que o Brasil em muitas aspectos, e também podemos olhar para lá quando o assunto é facilidade para registrar endereços, obter alvarás e pagar taxas.



## INFRA-ESTRUTURA

1º	São Paulo	8,16	— 0
2º	Sorocaba	8,04	— 0
3º	Campinas	7,33	▲ 1
4º	São José dos Campos	7,10	▲ 2
5º	Blumenau	7,01	▲ 3
6º	Ribeirão Preto	6,90	▼ -1
7º	Joinville	6,83	▼ -4
8º	Curitiba	6,70	▼ -1
9º	Florianópolis	6,62	▲ 4
10º	Maringá	6,58	▲ 4
11º	Londrina	6,54	▲ 6
12º	Caxias do Sul	6,32	▲ 4
13º	Vitória	6,32	▼ -3
14º	Porto Alegre	6,31	▲ 1
15º	Aracaju	6,16	▼ -3
16º	Rio de Janeiro	5,97	▲ 2
17º	Belo Horizonte	5,84	▲ 6
18º	Uberlândia	5,65	▲ 7
19º	Salvador	5,63	▼ -10
20º	Brasília	5,62	▲ 4
21º	Goiânia	5,60	▼ -1
22º	João Pessoa	5,56	— 0
23º	Natal	5,51	▼ -4
24º	Campo Grande	5,41	▼ -3
25º	Recife	5,39	▼ -14
26º	Maceió	5,22	▲ 2
27º	Teresina	5,15	▲ 2
28º	São Luís	4,84	▲ 2
29º	Fortaleza	4,84	▼ -3
30º	Belém	4,61	▲ 2
31º	Cuiabá	4,23	— 0
32º	Manaus	3,99	▼ -5

## INFRAESTRUTURA

### Transporte Interurbano

### Condições Urbanas

Conectividade via rodovias (em km)	Número de passageiros em voos diretos (por ano)	Distância ao porto mais próximo (em km)	% da população com acesso a internet rápida	Preço médio do m²	Custo médio da energia elétrica
			Índice de fluidez do trânsito	Taxa de homicídios (para cada 100 mil habitantes)	

Conectividade é quase uma palavra mágica, que abre portas de novos mercados e alcança consumidores em todas as partes do mundo. Essencial no e-commerce e na prestação de serviços, ela é quase sempre associada à internet de boa qualidade. Mas a conectividade física é também decisiva para os setores que dependem de acesso rápido e fácil por rodovias, aeroportos e portos, recursos essenciais para receber insumos de outras regiões e escoar os produtos com agilidade e segurança.

E mesmo com essas boas condições presentes, tudo pode ser prejudicado se o produto ou serviço não tiver um preço competitivo. Para isso a empresa precisa se instalar em uma cidade com custos baixos de energia e imóveis. Importa

ainda a qualidade de vida dos empreendedores, clientes e funcionários, impactada pelos índices de segurança e mobilidade. E todos esses fatores acabam formando uma verdadeira rede com enorme influência no sucesso dos negócios, por oferecerem a **infraestrutura** adequada à instalação, produtividade e crescimento das empresas.

No pilar de **infraestrutura**, os indicadores foram divididos em dois grupos, que avaliam as condições de conectividade externa e interna das cidades. O **Transporte Interurbano** mede a conexão da cidade “da porta para fora”, avaliando o acesso às outras cidades e mercados em itens como: distância por rodovias para todas as 31 demais cidades do estudo, número de passageiros em voos diretos por ano

e distância até o porto mais próximo. **As Condições Urbanas** avaliam a infraestrutura da cidade “da porta para dentro” no que se refere a: acesso à internet rápida, custo médio de energia, preço médio do m², qualidade de vida relacionada à fluidez do trânsito (medida pelo Waze com a contribuição da 99) e segurança (com dados da taxa de homicídio para cada 100 mil habitantes).

Se existisse um paraíso perfeito para os empreendedores, todos esses indicadores de infraestrutura seriam excelentes, mas as cidades apresentam condições por vezes antagônicas. Especialmente no Brasil, com distorções intensas e sentidas dia a dia pela população e pelos empreendedores, discutir a infraestrutura das nossas cidades é imprescindível.

*Se existisse um paraíso perfeito para os empreendedores, todos esses indicadores de infraestrutura seriam excelentes, mas as cidades apresentam condições por vezes antagônicas.*

## Transporte Interurbano

Cidades	Índice de Transporte Interurbano	Conectividade via Rodovias (em km)	Número de passageiros em voos diretos por ano	Distância ao porto mais próximo (em km)
São Paulo	9,50	43311	58.264.644	94
Rio de Janeiro	7,83	47759	26.560.426	0
Campinas	6,89	43241	10.324.658	186
Sorocaba	6,81	43598	9.292.192	197
Curitiba	6,65	49234	7.235.634	92
Vitória	6,54	50404	3.583.875	0
Salvador	6,52	59252	9.047.403	0
Belo Horizonte	6,52	44679	10.815.153	439
São José dos Campos	6,31	44750	63.622	178
Joinville	6,30	51103	519.062	47
Florianópolis	6,21	56402	3.693.486	96
Porto Alegre	6,19	67766	8.354.961	0
Ribeirão Preto	6,13	42514	1.109.809	406
Aracaju	6,02	62077	1.280.236	0
Blumenau	6,02	53945	1.334.977	210
Recife	6,00	70918	6.700.696	0
Maceió	5,90	66564	1.982.393	0
Londrina	5,85	47383	1.057.163	488
Uberlândia	5,78	42483	1.168.978	668
Brasília	5,77	46200	19.779.581	1296
Maringá	5,75	48718	876.461	524
Fortaleza	5,71	76518	6.347.543	55
João Pessoa	5,63	73728	1.463.315	0
Natal	5,56	77354	2.583.293	0
São Luís	5,54	76599	1.701.015	0
Belém	5,49	81154	3.732.336	0
Caxias do Sul	5,33	63183	193.996	439
Goiânia	5,28	46174	3.312.290	1023
Teresina	5,18	69147	1.209.559	438
Campo Grande	4,85	53605	1.555.602	1088
Manaus	4,01	121760	1.982.393	0
Cuiabá	3,91	62525	3.308.289	1619

Média	58876	6.576.095	299
Fonte	Google Maps	Infraero e concessionárias	Receita Federal e Google Maps
Ano	2015	2015	2015

## A QUALIDADE DE VIDA DAS CIDADES NO INTERIOR PAULISTA

Continua valendo o que dissemos em 2015: as melhores cidades no quesito infraestrutura têm excelentes condições internas, em geral são pequenas, centrais, e, por consequência, bem conectadas. Das 15 primeiras colocadas neste pilar de Infraestrutura, só três têm mais de 1 milhão de habitantes (São Paulo, Campinas, Curitiba) e só uma não está no Sudeste ou Sul (Aracaju, na 15ª posição). Das 6 primeiras, 5 são paulistas (com exceção de Blumenau, 5ª). Há alta qualidade de vida, mas sem perder a proximidade e conexão com os principais centros econômicos do País. Os maiores exemplos disso são as cidades do interior paulista, que aparecem nas primeiras posições gerais: Sorocaba (2ª), Campinas (3ª), São José dos Campos (4ª) e Ribeirão Preto (6ª), que também dividem as melhores condições do novo indicador de Mobilidade Urbana (com exceção de Ribeirão, na 7ª posição).

Sorocaba, com o melhor trânsito entre todas, tem também um custo de imóvel menor que a metade de São Paulo. São José dos Campos e Ribeirão, com custos intermediários,

ainda têm uma das menores taxas de homicídios. Campinas, por fim, ainda que comece a sofrer as consequências das grandes cidades, consegue ter um trânsito controlado e, ao mesmo tempo, é cortada por diversas rodovias importantes e conta com o Aeroporto de Viracopos ao lado, o sétimo mais movimentado do País, atrás dos de São Paulo, Rio, Brasília e Belo Horizonte.

*Há alta qualidade de vida, mas sem perder a proximidade e conexão com os principais centros econômicos do País.*

## A CONECTIVIDADE DAS GRANDES CAPITALS

**Já a capital paulista não tem a mesma qualidade de vida, mas é o grande hub logístico do País:** Guarulhos e Congonhas são os maiores aeroportos, a cidade também é cortada por algumas das rodovias mais movimentadas do Brasil e está a 80 quilômetros do Porto de Santos. Por outro lado, tem só a 21ª melhor condição interna. Pesam o alto custo do m2 de imóveis (R\$ 6.902, terceiro maior, atrás de Rio de Janeiro e Brasília) e o segundo pior trânsito, só atrás da capital fluminense.

Para entender como São Paulo poderia estar pior, basta olhar para o Rio de Janeiro. A 2ª cidade mais bem conectada (atrás de São Paulo) tem a energia mais cara, o pior trânsito e o custo de energia mais alto, além de pouca gente acessando internet de alta velocidade e uma taxa de homicídios que não é baixa (ainda que seja bem melhor do que em outras cidades brasileiras). Estas são condições que São Paulo consegue, ao menos, manter minimamente controladas.

## MUDANÇAS DE LONGO PRAZO, AÇÕES DE CURTO

Por depender de obras e altos investimentos, os aspectos de infraestrutura dependem de tempo para mudar. É o exemplo dos aeroportos, reformados em muitas cidades para a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Nas sedes esportivas, as melhorias tendem a ajudar as cidades a estarem preparadas para receber mais passageiros nos próximos anos, com mais conforto e agilidade.

Mesmo com a crise econômica, já houve um pequeno aumento no número de passageiros transportados, e é esperado um alto crescimento nos próximos anos com a retomada econômica. Em Brasília, por exemplo, foram

1,6 milhão de passageiros a mais transportados em comparação à 2014, ano de inauguração do novo terminal e de diversas reformas.

Se é complexo melhorar sua conectividade, é urgente que as cidades mais distantes dos grandes centros criem condições internas melhores, como Belém e Manaus e algumas do Nordeste. Além de estarem distantes dos grandes centros, são capitais com a violência descontrolada, um trânsito já pesado (mesmo com renda e tamanhos menores) e um alcance limitado de internet. Para avançar no futuro, precisam começar o trabalho já.

## Condições Urbanas

Cidades	Índice de Condições Urbanas	% da população com acesso à internet rápida	Preço médio do m <sup>2</sup>	Custo médio da energia elétrica	Taxa de homicídios (para cada 100 mil habitantes)	Índice de fluidez do trânsito
Sorocaba	8,19	16,10%	R\$ 3.260,29	R\$ 0,404	18,52	7,97
Blumenau	7,47	12,79%	R\$ 3.038,08	R\$ 0,444	3,89	6,20
São José dos Campos	7,29	11,66%	R\$ 4.014,60	R\$ 0,430	8,22	6,86
Ribeirão Preto	7,18	13,50%	R\$ 3.684,05	R\$ 0,447	9,88	5,83
Caxias do Sul	7,14	10,74%	R\$ 3.400,75	R\$ 0,415	19,78	5,91
Maringá	7,11	13,99%	R\$ 4.130,48	R\$ 0,421	17,36	5,31
Campinas	7,06	13,26%	R\$ 4.756,39	R\$ 0,447	17,24	7,26
Londrina	6,94	13,05%	R\$ 3.531,88	R\$ 0,421	25,05	4,60
Joinville	6,92	12,58%	R\$ 3.336,19	R\$ 0,444	18,75	4,99
Florianópolis	6,70	16,70%	R\$ 4.875,53	R\$ 0,444	14,08	3,73
Curitiba	6,38	16,05%	R\$ 4.475,46	R\$ 0,421	39,80	2,74
Campo Grande	6,29	11,40%	R\$ 2.966,70	R\$ 0,499	22,89	4,38
Porto Alegre	6,26	13,84%	R\$ 4.991,93	R\$ 0,415	46,11	4,02
Aracaju	6,22	10,67%	R\$ 3.450,26	R\$ 0,432	60,92	4,90
Goiânia	6,13	12,79%	R\$ 3.946,26	R\$ 0,467	59,62	5,49
Vitória	5,93	14,81%	R\$ 5.584,21	R\$ 0,465	48,85	4,92
João Pessoa	5,73	8,54%	R\$ 4.356,48	R\$ 0,418	67,37	4,50
Natal	5,72	5,18%	R\$ 3.828,44	R\$ 0,405	64,61	4,57
Uberlândia	5,70	7,87%	R\$ 3.100,53	R\$ 0,531	25,97	4,76
Brasília	5,67	11,24%	R\$ 8.170,25	R\$ 0,437	33,17	6,47
São Paulo	5,65	12,72%	R\$ 6.901,84	R\$ 0,404	13,98	1,37
Teresina	5,57	5,01%	R\$ 3.512,19	R\$ 0,440	58,41	4,47
Cuiabá	5,50	10,02%	R\$ 3.512,66	R\$ 0,508	51,78	4,18
Belo Horizonte	5,24	13,49%	R\$ 4.433,81	R\$ 0,531	35,37	2,33
Recife	5,10	9,84%	R\$ 6.041,32	R\$ 0,441	44,89	2,42
Manaus	5,05	3,09%	R\$ 4.048,64	R\$ 0,445	45,59	2,79
Maceió	4,96	5,97%	R\$ 4.113,44	R\$ 0,439	82,86	3,39
Salvador	4,93	7,40%	R\$ 4.891,05	R\$ 0,501	49,61	3,90
São Luís	4,76	4,70%	R\$ 3.947,97	R\$ 0,464	90,68	4,32
Fortaleza	4,59	8,91%	R\$ 4.409,97	R\$ 0,475	88,30	2,46
Belém	4,47	6,09%	R\$ 4.498,62	R\$ 0,525	49,48	2,66
Rio de Janeiro	4,13	10,77%	R\$ 7.221,23	R\$ 0,544	21,48	1,26
Média	10,77		R\$ 4.388,48	R\$ 0,454	39,20	4,40
Fonte	Anatel	FIPE	Aneel	Datasus / IBGE	Waze/99	
Ano	2016	2016	2016	2014	2016	

## BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

### Centro de Mídia Social | Coreia do Sul

No mundo todo, o setor público demonstra uma atitude cultural de resistência à mudança. Em Seul não é diferente. Ou melhor, não era.

Desde 2008, a cidade teve um verdadeiro salto de qualidade nas condições de infraestrutura, iniciado com o Escritório de Comunicação Pública (PCB) e viabilizado com o Centro de Mídia Social (SMC). O escritório está ligado diretamente ao gabinete do prefeito, evidenciando o propósito de incorporar a inovação social e o engajamento dos cidadãos.

A iniciativa busca ouvir as vozes dos cidadãos através de ferramentas de mídia social e dos sites que informam

as atividades da Câmara Municipal e dos cidadãos de Seul. Sob o nome 'administração SNS' (Social Networking Service), a cidade fornece informações interativas para os cidadãos em tempo real e abre espaço para que o público adicione e compartilhe conteúdo. Esta mídia também é utilizada pelas empresas locais para propor mudanças na cidade, além de anunciar seus produtos ou programas. Como reúne automaticamente as mensagens recebidas através de 44 contas, o SMC canaliza as mensagens e o feedback do público para as equipes especializadas.

Na prática, isso significa que os cidadãos agora podem participar mais ativamente da política da cidade e dos

processos de tomada de decisão. E os funcionários públicos passaram a enxergar os cidadãos como parceiros importantes em soluções de co-criação.

Para os empreendedores, essa plataforma é relevante porque ouve os cidadãos, aperfeiçoando os serviços públicos e divulga gratuitamente as empresas que promovem o desenvolvimento local. Como atende às demandas dos cidadãos também permite a mobilização de empreendedores para soluções mais ágeis, que incentivam a abertura e o desenvolvimento de negócios, principalmente aqueles ligados à infraestrutura. Um verdadeiro círculo virtuoso que beneficia empresas, cidadãos e gestores públicos.

### Distrito Tecnológico | Argentina

Buenos Aires oferece um bom exemplo de como revitalizar áreas esquecidas das cidades e trazer para elas um conjunto de empresas com alto poder de atração para os talentos locais. Criado por Lei em 2008, o Distrito Tecnológico funciona como um centro de promoção e desenvolvimento de tecnologia, informação e conhecimento. Também conhecido como "Distrito Criativo", abriga empresas de Tecnologia de Informação e Comunicação, softwares e profissionais com alto valor agregado. Um verdadeiro polo de inovação que atua como instrumento de intercâmbio cultural e estímulo à inclusão social.

Estrategicamente localizado no Parque Patrícios, antigamente degradado, em

uma área de 200 hectares, o local oferece condições muito positivas, como a proximidade com o centro da cidade, áreas livres para construção, facilidade de acesso e confluência de linhas de ônibus, metrô e trens.

O governo investiu mais de 15 milhões de Pesos (aproximadamente R\$ 3 milhões) em obras para melhorar o espaço público, como calçadas, iluminação, arborização, quadras esportivas, nova estação de metrô e ponto de Ecobici para compartilhamento de bicicletas. Mas o principal atrativo para as empresas se instalarem veio da redução de taxas e impostos e dos programas públicos de suporte para empreendedores e residentes.

Esse apoio em várias frentes já atraiu 2.458 estabelecimentos em diferentes setores da economia, sendo 240 empresas de software e grandes consultorias globais como Tata, Accenture e Deloitte. Algumas extensões universitárias já estão em obras e o distrito abriga ainda um campus do Instituto Tecnológico Buenos Aires (ITBA), a prestigiada universidade de engenharia. Tanto as novas empresas como as obras beneficiaram mais de 12 mil trabalhadores. E finalmente, para demonstrar seu comprometimento com a causa e reforçar a revitalização da área, o governo municipal se instalou no distrito, trazendo novos benefícios para a gestão pública pelo compartilhamento do ambiente inovador.



## MERCADO

1º	<b>Sorocaba</b>	<b>8,16</b>	▲	5
2º	Manaus	7,78	■	0
3º	Brasília	7,63	■	0
4º	São Paulo	7,55	▼	-3
5º	Campinas	7,21	▲	6
6º	Rio de Janeiro	7,08	▲	1
7º	Curitiba	7,07	▲	6
8º	Belém	7,05	▲	7
9º	Caxias do Sul	7,04	▼	-1
10º	Blumenau	6,59	■	0
11º	Belo Horizonte	6,23	▲	8
12º	Porto Alegre	5,92	▲	6
13º	Joinville	5,84	▼	-1
14º	Campo Grande	5,75	▲	3
15º	Uberlândia	5,75	▲	8
16º	São Luís	5,72	▼	-11
17º	Maringá	5,68	▲	12
18º	Salvador	5,64	▲	9
19º	São José dos Campos	5,51	▼	-10
20º	Fortaleza	5,48	■	0
21º	Recife	5,48	▼	-7
22º	Cuiabá	5,47	▲	9
23º	Teresina	5,38	▼	-2
24º	Aracaju	5,37	■	0
25º	Ribeirão Preto	5,20	▼	-3
26º	Vitória	5,19	▼	-22
27º	Natal	5,16	▲	3
28º	Goiânia	5,14	▼	-2
29º	Londrina	5,07	▼	-4
30º	Florianópolis	4,86	▼	-14
31º	Maceió	4,65	▼	-3
32º	João Pessoa	4,36	■	0

MERCADO					
Desenvolvimento Econômico			Clientes Potenciais		
PIB Total	Crescimento real médio do PIB (últimos 3 anos)	Proporção de Empresas Exportadoras com Sede na Cidade	PIB per Capita	Média das proporções entre grandes e médias empresas e médias e pequenas	Média das compras públicas por empresa

Se existe uma pergunta básica para todo empreendedor, essa pergunta é: para quem vou vender o meu produto ou serviço? Considerando que nem sempre é simples expandir para outras cidades e regiões, dado que as condições de infraestrutura do país nem sempre favorecem os empreendedores, o mercado consumidor interno se apresenta como um fator ainda mais relevante.

**Quanto maior o mercado, maiores serão as oportunidades.** Quanto maior for o poder de compra local, maiores serão as chances de crescimento das empresas, que deixam de depender das facilidades de acesso às outras regiões para a expansão dos negócios. Mais do que isso, os empreendedores em grandes mercados podem testar e validar seu modelo de negócios sem necessariamente expandir no curto prazo. Nas cidades em que o mercado é pequeno, o empreendedor que quiser crescer terá

de buscar novas fronteiras rapidamente, seja no Brasil ou mesmo exportando.

Por isso vale também analisar o alcance ao mercado internacional, que ganha relevância em momentos de crise como o atual, mesmo que a proporção de empresas exportadoras brasileiras ainda seja irrisória.

No pilar de Mercado são analisados dois conjuntos de indicadores: Desenvolvimento Econômico e Clientes Potenciais. O primeiro se concentra nos dados que dimensionam o tamanho do mercado, como o PIB total e seu crescimento recente, e o alcance ao mercado externo, analisando a proporção de empresas exportadoras com sede na cidade.

O subdeterminante de Clientes Potenciais mede o poder de compra dos clientes, sejam eles os consumidores

finais (no modelo Business to Consumer, B2C); as empresas (Business to Business, B2B) ou os próprios governos (Business to Government, B2Gov). Para cada conjunto de consumidores, um índice aponta o mercado potencial: o PIB per capita mede o poder de compra dos clientes B2B, a proporção entre grandes e médias empresas, e entre médias e pequenas avalia o potencial B2B e a média de compras públicas por empresa indica o mercado B2Gov.

Com esse conjunto de dados, o empreendedor tem um quadro abrangente do mercado local e de como ele vem se comportando nos últimos anos, para dimensionar suas perspectivas futuras. Se o “sonho” do empreendedor for muito grande, felizmente o mercado interno de uma cidade, qualquer uma, será pequeno para aquela empresa. Aí, é questão de olhar para fora e ter ainda mais impacto.

*Se o “sonho” do empreendedor for muito grande, felizmente o mercado interno de uma cidade, qualquer uma, será pequeno para aquela empresa.*

## Desenvolvimento Econômico

Cidades	Índice de Desenvolvimento Econômico	PIB Total	Crescimento médio real do PIB (últimos 3 anos)	Proporção de empresas exportadoras com sede na cidade
São Paulo	8,34	R\$ 570.706.192,00	0,84%	1,124%
Sorocaba	7,64	R\$ 26.908.887,00	5,01%	1,505%
Rio de Janeiro	7,58	R\$ 282.538.827,00	2,97%	0,529%
Caxias do Sul	7,52	R\$ 21.349.578,00	1,27%	2,220%
Campinas	7,17	R\$ 51.347.711,00	4,06%	0,957%
Curitiba	7,13	R\$ 79.383.343,00	3,25%	0,830%
Maringá	6,94	R\$ 13.733.657,00	8,83%	0,634%
Manaus	6,75	R\$ 64.025.434,00	1,01%	1,064%
Belo Horizonte	6,58	R\$ 81.426.708,00	3,35%	0,367%
Porto Alegre	6,42	R\$ 57.379.337,00	2,57%	0,580%
Londrina	6,19	R\$ 15.930.758,00	5,63%	0,553%
Belém	6,17	R\$ 25.772.207,00	3,71%	0,620%
Recife	6,07	R\$ 46.445.339,00	3,96%	0,174%
Goiânia	5,93	R\$ 40.461.354,00	3,52%	0,220%
Blumenau	5,86	R\$ 12.893.271,00	1,50%	1,167%
Joinville	5,85	R\$ 21.979.954,00	-1,12%	1,342%
Brasília	5,84	R\$ 175.362.791,00	-0,78%	0,125%
Fortaleza	5,83	R\$ 49.745.920,00	2,39%	0,236%
Ribeirão Preto	5,79	R\$ 23.510.302,00	2,49%	0,595%
Uberlândia	5,65	R\$ 25.774.947,00	3,12%	0,324%
Salvador	5,64	R\$ 52.667.933,00	1,69%	0,178%
Natal	5,62	R\$ 19.992.607,00	4,37%	0,215%
Campo Grande	5,45	R\$ 20.674.988,00	3,17%	0,277%
Cuiabá	5,44	R\$ 17.673.958,00	4,03%	0,206%
Aracaju	5,25	R\$ 13.918.124,00	4,99%	0,008%
Teresina	5,07	R\$ 14.803.635,00	3,80%	0,057%
Florianópolis	5,03	R\$ 14.679.653,00	1,46%	0,455%
João Pessoa	5,00	R\$ 14.841.805,00	3,20%	0,105%
Maceió	4,94	R\$ 16.385.771,00	2,40%	0,151%
São Luís	4,74	R\$ 23.132.344,00	0,68%	0,123%
São José dos Campos	4,61	R\$ 27.401.017,00	-5,08%	0,977%
Vitória	3,96	R\$ 22.289.815,00	-5,39%	0,642%
Média	R\$ 60.785.567,72	2,40%	0,580%	
Fonte	IBGE	IBGE	MDIC / RAIS (MTE)	
Ano	2013	2011-2013	2015	

## A FORÇA DO INTERIOR NA LÍDER SOROCABA: MANTENDO O RITMO DO CRESCIMENTO

São Paulo continua sendo a maior economia do País, com um PIB mais de duas vezes maior do que a segunda colocada neste aspecto, o Rio de Janeiro. Neste pilar, tamanho é importante, mas a direção e a velocidade em que a economia evolui também são essenciais para determinar se, no curto prazo, é um bom negócio investir e se instalar numa cidade. **Nesse sentido, os primeiros sinais da crise econômica já começam a ser vistos nesta edição do estudo - e tudo indica que no próximo ano devem ser ainda mais claros.**

Sorocaba é a nova líder em condições de Mercado, ganhando cinco posições em comparação ao ano passado. A cidade paulista reforça uma tendência já encontrada anteriormente: o interior cresce mais rápido do que as capitais, mesmo durante o início da desaceleração econômica. A média do crescimento do PIB destas cidades foi de 4,1% no estudo de 2015, para 2,6% neste ano, enquanto o crescimento das capitais também caiu de 3,7% para 2,3% na edição atual.

No período analisado, entre 2011 e 2013, outro grupo que manteve o crescimento foi o das capitais nordestinas. Mesmo com o início da crise, a região cresceu 3,1% no intervalo, com destaque para Aracaju, Natal e Recife, com taxas acima de 4,0%. Comparadas às capitais do Sul e Sudeste, que tiveram crescimento de apenas 1,3%, o impacto é mais evidente.

Além de um dos maiores avanços na produção interna, Sorocaba também é a segunda cidade com maior nível de exportação, junto a três cidades do interior muito industrializadas: Caxias do Sul, Joinville e Blumenau. A cidade do interior paulista também tem a prefeitura que proporcionalmente mais investiu em compras públicas, ficando atrás apenas do Governo do Distrito Federal.

## SÃO PAULO: 10% DA PRODUÇÃO NACIONAL

Apesar da queda para a quarta posição no estudo deste ano ter tido influência da crise, São Paulo continua abrigando o mercado consumidor mais pujante do País. O crescimento médio do PIB regrediu de 1,8% entre 2010 e 2012 para 0,8% entre 2011 e 2013 (e já havia tido queda de 1% no período anterior), mas, nela, ainda vivem mais de 11 milhões de pessoas, que movimentam cerca de meio trilhão de reais todos os anos. É pouco menos de 10% de toda a produção nacional. Se um empreendedor realmente quer ganhar o país, é impossível

desconsiderar São Paulo como um mercado fundamental para criar um grande negócio. Mesmo diante desse cenário, cidades médias e não tão centralizadas começam a tirar um pouco da diferença que a capital paulista impõe, e podem ser bons endereços para começar um novo negócio. Ainda mais pelo momento econômico atual, é preciso refletir se é mais fácil abrir uma empresa e surfar a onda de uma cidade menor, mas com menos sensibilidade à crise, ou buscar os grandes centros. Nesse caso, Sorocaba se apresenta como uma melhor opção.

*Se um empreendedor realmente quer ganhar o país, é impossível desconsiderar São Paulo como um mercado fundamental para criar um grande negócio.*

## A CRISE QUE ATRAPALHA E AJUDA

Crises têm muitas consequências negativas para os empreendedores e para a população como um todo. Mas, como dizem, sempre há o lado cheio do copo.

Segundo o Banco Mundial, o Brasil é um dos países que menos exporta no mundo em relação ao tamanho da sua economia. Porém, no último ano, com o País decrescendo 3,8%, uma boa notícia: **o número de empresas exportadoras nas cidades pesquisadas subiu 5,6%**, na contramão do número total de empresas empregadoras, que encolheu em 1% durante o ano passado.

Para aproveitar o desaquecimento do mercado interno e olhar para mercados estrangeiros, ajuda o Real desvalorizado, que, na cotação do Dólar Comercial (venda), em 2014 oscilou de R\$ 2,19 a R\$ 2,74 e teve valor médio de R\$ 2,35, enquanto foi de R\$ 2,57 a R\$ 4,19 em 2015, com média de R\$ 3,33, uma desvalorização de 40%. Mesmo assim, na média das cidades analisadas, apenas 0,58% das empresas exportam. Caxias do Sul é a cidade mais bem colocada nesse indicador. Por lá, cerca de 2,2% são empresas exportadoras. É preciso que esse indicador avance mais, mesmo quando a crise passar.

A crise também puxou para baixo as chances de empreendedores menores conseguirem vender para empresas de maior porte. Apesar da média total de empresas empregadoras ter caído em 1%, o número de empresas de grande e médio porte caiu mais nas cidades analisadas: 5,9% e 4,9%, respectivamente. Apesar da variação negativa, as três primeiras cidades desse indicador continuam sendo as mesmas do ano passado: Manaus, Belém e São Luís.

Outro sinal da desaceleração econômica pode ser visto no orçamento mais apertado das prefeituras e a consequente diminuição do volume de compras pelo governo local. No geral, as despesas públicas com empreendedores caíram 5,7% em um ano, sem descontar a inflação. Três capitais tiveram grandes quedas nos seus gastos: Rio de Janeiro (-33,5%), Recife (-25,4%) e São Paulo (-21,3%). A queda da capital paulista, inclusive, foi um dos principais motivos para que a cidade perdesse sua posição de liderança no pilar de mercado. Além delas, o indicador de Florianópolis reforça sua posição de mercado limitado, já que é a última colocada nesse indicador, com uma média de apenas R\$ 21 mil de compras públicas por empresa - contra cerca de R\$ 80 mil da líder Brasília nesse indicador.

*Crises têm muitas consequências negativas para os empreendedores e para a população como um todo. Mas, como dizem, sempre há o lado cheio do copo.*

## Clientes Potenciais

Cidades	Índice de Clientes Potenciais	PIB per Capita	Média das proporções entre grandes e médias empresas e médias e pequenas	Média das compras públicas por empresa
Brasília	8,59	R\$ 62.859,43	21,70%	R\$ 80.859,33
Manaus	7,89	R\$ 32.300,56	26,47%	R\$ 66.071,92
Sorocaba	7,57	R\$ 42.764,71	19,14%	R\$ 75.560,29
Belém	7,40	R\$ 18074,06	26,27%	R\$ 67.491,39
Blumenau	7,01	R\$ 39.179,50	20,90%	R\$ 50.998,68
São Luís	6,84	R\$ 21.948,81	25,08%	R\$ 56.202,03
Vitória	6,83	R\$ 64.001,90	20,63%	R\$ 37.709,05
São José dos Campos	6,66	R\$ 40.699,31	18,66%	R\$ 61.364,59
Campinas	6,63	R\$ 44.850,56	17,73%	R\$ 62.713,35
Curitiba	6,47	R\$ 42.934,37	20,77%	R\$ 43.303,74
Campo Grande	6,19	R\$ 24.839,23	19,74%	R\$ 61.814,54
Caxias do Sul	6,04	R\$ 45.883,07	16,61%	R\$ 42.741,84
Rio de Janeiro	6,03	R\$ 43.941,24	20,76%	R\$ 39.463,04
Teresina	6,00	R\$ 17.697,64	22,82%	R\$ 50.788,42
São Paulo	5,97	R\$ 48.275,44	19,69%	R\$ 40.536,05
Uberlândia	5,97	R\$ 39.857,77	19,52%	R\$ 35.520,99
Joinville	5,91	R\$ 40.184,12	19,90%	R\$ 29.680,81
Salvador	5,83	R\$ 18.264,12	21,34%	R\$ 54.890,46
Aracaju	5,82	R\$ 22.646,67	21,59%	R\$ 48.796,64
Belo Horizonte	5,76	R\$ 32.844,40	19,29%	R\$ 48.184,73
Cuiabá	5,76	R\$ 31.016,19	19,93%	R\$ 45.803,87
Porto Alegre	5,47	R\$ 39.091,64	19,80%	R\$ 32.464,17
Fortaleza	5,39	R\$ 19.494,39	19,74%	R\$ 50.286,21
Florianópolis	5,28	R\$ 32.385,04	21,28%	R\$ 21.063,05
Recife	5,15	R\$ 29.037,17	20,53%	R\$ 35.795,50
Natal	5,13	R\$ 23.412,52	19,66%	R\$ 40.258,24
Maceió	5,05	R\$ 16.439,47	20,07%	R\$ 43.418,87
Ribeirão Preto	5,02	R\$ 36.194,41	16,06%	R\$ 37.523,29
Goiânia	4,78	R\$ 29.034,21	17,78%	R\$ 33.948,39
Maringá	4,58	R\$ 35.602,20	13,93%	R\$ 33.829,38
João Pessoa	4,56	R\$ 19.284,91	19,08%	R\$ 33.431,78
Londrina	4,42	R\$ 29.634,98	15,34%	R\$ 32.004,23

Média	R\$ 53.896,07	20,06%	R\$ 46.703,71
Fonte	IBGE	RAIS (MTE)	FINBRA (STN) / RAIS (MTE)
Ano	2013	2015	2015

## BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

### *Shenzhen Creative Exchange | China*

**Shenzhen**, uma das maiores e mais importantes cidades chinesas, considerada o Vale do Silício da China e **Edimburgo**, a capital da Escócia, reconhecida como centro de conhecimento, cultura e inovação na Europa, oferecem um exemplo ímpar de incentivo ao mercado, o **Edimburgo - Shenzhen Creative Exchange**. Um acordo firmado em 2013, **baseado em incentivar e apoiar o investimento, o crescimento e as oportunidades de ambas as cidades em novos mercados**. Em 2015, quando foi consumado o acordo, cada uma abriu uma incubadora na cidade parceira para expandir o intercâmbio de empresas dos setores criativo e tecnológico das duas regiões.

Além de explorar novos mercados, a iniciativa promove a troca de conhecimentos sob um palco internacional, um verdadeiro intercâmbio criativo, para incentivar novos talentos e apoiar o crescimento de startups e empresas de mídia digital.

O acordo oferece uma verdadeira vitrine para as empresas, permitindo explorar novos e importantes mercados a partir de uma estrutura local. O ESCE Shenzhen Center é a incubadora em Shenzhen e atende a 30 startups, sendo seis empresas de Edimburgo, com meta de chegar a 10 até o final do ano. A incubadora ESCE em Edimburgo

conta com oito empresas de Shenzhen, que já participam ou estão a caminho da incubadora.

O intercâmbio está sendo fortalecido por dois novos acordos para financiar e apoiar startups de tecnologia, e fazer os preparativos para operar uma escola co-educacional para um mínimo de 1.500 alunos em Shenzhen.

**Muito mais do que abrir mercados, esse tipo de iniciativa abre fronteiras de conhecimento para empreendedores, beneficiando toda a comunidade nos dois países.**

### *Positive Procurement Programme | Escócia*

Em Aberdeen, na Escócia, a Câmara Municipal possui um orçamento de 260 milhões de libras para compras. Quando abre uma licitação, o grande objetivo é evitar déficits, realizar aquisições estratégicas, manter padrões de qualidade e obrigações legais, e promover o crescimento das empresas locais. **Esse valor representa um grande mercado, mas os fornecedores enfrentam a dificuldade de atender à**

**legislação da UE**, do Reino Unido e da Escócia, além dos contratos também estão sujeitos à regulamentação financeira e auditorias regulares.

Para vencer esse verdadeiro desafio, a cidade passou a utilizar os contratos públicos para alavancar a inovação e as PMEs com o Positive Procurement Programme. **O propósito é apoiar as empresas locais para que**

**desenvolvam as aptidões e capacidades necessárias para participar dos contratos públicos**. Para isso, o programa oferece eventos de formação, workshops e trabalho em rede, que vêm sendo promovidos a cada dois meses há mais de três anos. **Mais do que adquirir produtos e serviços, a prefeitura pretende estabelecer parcerias com empresas que realizam contribuições sociais e econômicas significativas.**



## ACESSO A CAPITAL

1º	São Paulo	9,91	—	0
2º	Porto Alegre	7,85	—	0
3º	Florianópolis	7,57	▲	1
4º	Belo Horizonte	6,96	▼	-1
5º	Rio de Janeiro	6,70	▲	1
6º	Curitiba	6,57	▼	-1
7º	Vitória	6,54	—	0
8º	Brasília	6,39	—	0
9º	Cuiabá	6,16	▲	6
10º	Ribeirão Preto	6,08	▼	-1
11º	Joinville	6,06	▲	2
12º	Recife	5,98	▼	-2
13º	Maringá	5,97	▼	-1
14º	Campinas	5,95	▼	-3
15º	Goiânia	5,91	▼	-1
16º	Salvador	5,67	—	0
17º	Campo Grande	5,66	▲	1
18º	Aracaju	5,63	▲	1
19º	Caxias do Sul	5,59	▲	1
20º	João Pessoa	5,55	▲	2
21º	Londrina	5,54	▼	-4
22º	Fortaleza	5,52	▼	-1
23º	Uberlândia	5,44	▲	3
24º	Blumenau	5,38	▲	3
25º	São José dos Campos	5,30	▲	5
26º	Sorocaba	5,30	▼	-2
27º	Belém	5,29	▼	-2
28º	Natal	5,29	▼	-5
29º	Maceió	5,22	▼	-1
30º	Teresina	5,17	▼	-1
31º	São Luís	5,16	—	0
32º	Manaus	4,67	—	0

## ACESSO A CAPITAL

Capital Disponível via Dívida	Acesso a Capital de Risco		
Operações de crédito por município (em relação ao PIB)	Proporção relativa de Investimentos em Venture Capital	Proporção relativa de investimentos em Private Equity	Capital poupado per capita

Se o capital humano é o motor que movimenta a vida da empresa, o capital financeiro é o combustível que permite dar a partida. E aí começa um dos grandes desafios do empreendedor. Nem sempre ele dispõe de capital próprio, e por isso precisa buscar financiamento externo. Quanto mais perto estiverem os “postos de combustível”, mais fácil prover os recursos necessários para rodar os primeiros quilômetros e chegar mais longe no seu sonho grande.

Mesmo que disponha do capital inicial, quanto mais acelerado for o crescimento, mais recursos serão necessários para contratar pessoas, comprar novos equipamentos, ampliar a fábrica ou a frota, por exemplo. E, em um país onde o acesso à capital é uma das maiores barreiras para o empreendedor, não é difícil

entender por que as melhores cidades nesse aspecto atraem tanto.

A forma de financiamento mais difundida no Brasil é o **Capital Disponível via Dívida**, em geral realizado pelos bancos, que podem ser públicos ou privados. **São empréstimos em que o empreendedor contrai uma dívida para receber o crédito e, depois, se compromete com o pagamento de juros.** Para medir esse indicador, utilizamos os índices de Operações de Crédito, calculado em relação ao PIB para colocar as devidas proporções nas análises.

Outra possibilidade de obter recursos é via **Capital de Risco**. Nesse caso, o empreendedor pode vender uma parte da empresa para fundos de investimento ou incluir novos sócios investidores, por

exemplo. **Quem provê o capital assume o risco junto com o empreendedor e fica com uma parte proporcional dos lucros.**

Dessa forma, o empreendedor não assume dívidas. Esse sistema é aqui medido pela proporção relativa dos fundos de Venture Capital e de Private Equity, além do capital poupado per capita. Os investimentos específicos para Pesquisa e Desenvolvimento, muitas vezes necessários, já foram considerados no pilar de Inovação.

Esses recursos podem ser muito úteis para tirar as ideias inovadoras do papel, mas, para transformá-las em “nota fiscal”, provavelmente o empreendedor precisará de outras formas de financiamento. O combustível precisa estar acessível o tempo todo. Em diferentes fases da jornada empreendedora.

*Em um país onde o acesso a capital é uma das maiores barreiras para o empreendedor, não é difícil entender por que as melhores cidades nesse aspecto atraem tanto.*

## Capital disponível via Dívida

Cidades	Índice de Capital disponível via Dívida	Operações de crédito por município (em relação ao PIB)
São Paulo	10,23	23,70
Porto Alegre	7,71	13,81
Belo Horizonte	7,04	11,20
Brasília	6,66	9,72
Florianópolis	6,65	9,65
Curitiba	6,65	9,65
Ribeirão Preto	6,46	8,92
Goiânia	6,45	8,88
Cuiabá	6,31	8,34
Recife	6,16	7,74
Aracaju	6,03	7,23
Rio de Janeiro	5,95	6,94
Salvador	5,93	6,86
João Pessoa	5,93	6,83
Campo Grande	5,88	6,64
Maringá	5,77	6,23
Fortaleza	5,70	5,95
Londrina	5,65	5,76
Belém	5,65	5,74
Natal	5,63	5,67
Maceió	5,58	5,49
Uberlândia	5,54	5,33
Teresina	5,53	5,28
Vitória	5,51	5,22
Blumenau	5,43	4,90
São Luís	5,37	4,67
Caxias do Sul	5,34	4,52
Campinas	5,32	4,48
Joinville	5,26	4,21
Sorocaba	5,07	3,46
São José dos Campos	4,96	3,05
Manaus	4,66	1,86
Média	7,12	
Fonte	Banco Central / IBGE	
Ano	2015 / 2013	

## COM A CRISE, CONCENTRAÇÃO DE INVESTIMENTOS AUMENTA EM SÃO PAULO

Comparados aos demais anos deste estudo, os dados são claros: os empreendedores estão enfrentando mais dificuldades para se financiarem. Mas nem mesmo uma das maiores crises econômicas da história tirou a capital paulista do destaque isolado no índice de Acesso a Capital. São Paulo, indo contra a tendência nacional, conseguiu aumentar ligeiramente sua oferta de capital, mesmo em um cenário de retração de poupança, investimentos e crédito. Por consequência, a maior cidade do País está concentrando ainda mais capital do que no passado, mesmo que marginalmente. Entre 2014 e 2015, houve expansão no crédito para grande parte das cidades analisadas,

mas em São Paulo esse aumento foi ainda mais expressivo, superior a 20% (a única cidade a ultrapassar essa marca). Em todo o ano passado, foram mais de R\$ 13,5 trilhões em empréstimos concedidos, R\$ 2 trilhões a mais do que nos 12 meses anteriores. Isso representa mais de 75% da expansão total de crédito nas 32 cidades analisadas neste estudo, fazendo com que a cidade aumentasse ainda mais a sua concentração de capital em relação às demais cidades. a 55% do total investido nas 32 cidades analisadas. **Especialmente durante a crise, estar no maior centro financeiro do País faz muita diferença na hora de buscar investimentos.**

## DIFERENÇAS ENTRE REGIÕES CONTINUAM GRANDES

A concentração evidente de São Paulo em relação a outras cidades também é encontrada, em um nível abaixo, quando se comparam os números das cidades mais ricas e centrais do País. Entre as 15 primeiras cidades com maiores proporções de crédito concedido, apenas Ribeirão Preto, a sétima, não é capital. Cuiabá (9ª) e Recife (10ª) são as exceções entre as dez primeiras que estão fora do Sul e do Sudeste.

A indústria de Venture Capital, que evoluiu significativamente no Brasil nos últimos cinco anos, teve uma ligeira queda no último ano. Foram 18 investimentos a menos na soma das 32 cidades, sendo que Cuiabá e Fortaleza, diferentemente do estudo anterior, passaram a não ter nenhum investimento de Venture Capital e se juntaram a outras 14 cidades em igual situação. Queda significativa também teve Belo Horizonte, que somou apenas 13 investimentos, 23 a menos que no período anterior.

Mesmo assim, outras 13 cidades conseguiram aumentar seu número de deals. Isso mostra que, não fosse a crise, as cidades do ICE provavelmente estariam aumentando o volume inves-

tido em capital de risco, uma modalidade de investimento que ainda tem grande espaço para se desenvolver.

Ainda em investimentos de risco, os investimentos de Private Equity tiveram queda de 23%. Nesta edição do estudo, dez cidades não tiveram nenhum grande investimento nesta modalidade, sendo que três delas são novidade na lista: Belém, Ribeirão Preto e Vitória. No outro extremo, só as três capitais do Sul conseguiram expandir negócios de Private Equity e, mesmo assim, com pouca expressividade em comparação à capital paulista.

Importante dizer que os fundos de Private Equity, comparados aos de Venture Capital, estavam mais consolidados no Brasil, com menos reserva de mercado, algo que também fez o setor sofrer mais no último ano. Mais uma vez, consequência da crise econômica e política nacional. Junto com o enfraquecimento do câmbio, há um grande alerta para os investidores internacionais, com a saída de alguns fundos do Brasil, que provavelmente terão retornos muito mais baixos nos próximos anos do que o previsto antes da crise.

## A CRISE TAMBÉM AFETA INVESTIMENTOS MENORES

Se o bolso dos grandes investidores anda mais cauteloso, o mesmo pode ser dito para o restante da população, que está com menos dinheiro disponível para investir em empresas. Com os índices de desemprego subindo todos os meses, o nível da poupança da população caiu 5,7% na média das cidades do

estudo. Florianópolis foi a cidade que mais perdeu poupança, com uma queda de 15% nesses recursos. Nenhuma cidade conseguiu crescer sua poupança acima da inflação de 10,7% do ano passado, medida pelo IPCA.

## Acesso a Capital de Risco

Cidades	Índice de Acesso a Capital de Risco	Proporção relativa de investimentos em Venture Capital	Proporção relativa de investimentos em Private Equity	Capital Poucado per Capita
São Paulo	8,89	231,6%	228,3%	R\$ 25.835
Florianópolis	8,22	197,0%	215,2%	R\$ 18.438
Porto Alegre	7,67	83,5%	79,3%	<b>R\$ 37.047</b>
Vitória	7,48	208,7%	0,0%	R\$ 29.673
Rio de Janeiro	7,32	136,7%	132,8%	R\$ 18.033
Joinville	6,86	228,6%	69,5%	R\$ 7.344
Belo Horizonte	6,70	66,0%	101,5%	R\$ 17.932
Campinas	6,58	58,1%	135,6%	R\$ 12.263
Curitiba	6,39	55,0%	52,8%	R\$ 19.227
Maringá	6,18	0,0%	148,7%	R\$ 9.279
Brasília	6,05	24,9%	14,3%	R\$ 20.740
Cuiabá	5,98	0,0%	121,8%	R\$ 8.923
Caxias do Sul	5,92	0,0%	99,9%	R\$ 10.376
Recife	5,81	43,9%	22,3%	R\$ 13.246
São José dos Campos	5,76	25,7%	78,0%	R\$ 7.431
Ribeirão Preto	5,68	74,4%	0,0%	R\$ 10.203
Sorocaba	5,65	93,1%	0,0%	R\$ 7.735
Londrina	5,51	0,0%	52,4%	R\$ 8.556
Campo Grande	5,51	40,7%	28,0%	R\$ 7.146
Salvador	5,47	15,4%	37,0%	R\$ 8.148
Uberlândia	5,44	23,1%	32,6%	R\$ 7.205
Blumenau	5,44	0,0%	43,2%	R\$ 8.319
Fortaleza	5,43	0,0%	28,7%	R\$ 9.879
Goiânia	5,39	0,0%	31,2%	R\$ 8.992
Aracaju	5,29	0,0%	0,0%	R\$ 10.856
João Pessoa	5,26	0,0%	34,4%	R\$ 6.043
São Luís	5,10	21,6%	0,0%	R\$ 4.996
Natal	5,07	0,0%	0,0%	R\$ 6.717
Belém	5,06	0,0%	0,0%	R\$ 6.595
Maceió	5,00	0,0%	0,0%	R\$ 5.362
Teresina	4,96	0,0%	0,0%	R\$ 4.713
Manaus	4,92	0,0%	0,0%	R\$ 3.972

Média	50,8	55,9	R\$ 11.913
Fonte	Spectra Investments / RAIS (MTE)	Spectra Investments / RAIS	Banco Central / IBGE
Ano	2016 / 2015	2016 / 2015	2015

## BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

### Vigo | Finlândia

A Finlândia oferece um excelente exemplo de como condições favoráveis aos empreendedores se complementam, ampliando as possibilidades de sucesso para os empreendedores. Apesar do suporte em infraestrutura da inovação e dos elevados investimentos em P&D, o país não tinha um número elevado de empresas inovadoras. Era o "Paradoxo Finlandês", um verdadeiro gargalo que inibia o crescimento das empresas com faturamento entre 20 mil e 200 mil euros: elas eram grandes demais para investidores anjo

e não eram grandes o suficiente para o venture capital.

Surgiu então o programa de aceleração VIGO, uma colaboração público-privada desenvolvida pelo Ministério do Emprego e Economia, que tem como proposta reunir recursos financeiros e transferência de know-how na gestão de negócios inovadores. O mix parece mais que perfeito. O governo seleciona as empresas aceleradoras e investe na empresa alvo em conjunto. A partir dessa definição elas devem prover um

investimento mínimo de 30 mil euros em cada nova empresa e passam a trabalhar em conjunto com elas, oferecendo experiência comprovada de negócios, financiamento e extensas redes de contato.

Como resultado, até este ano 154 empresas já passaram pelo Programa Vigo, com o apoio de 14 aceleradoras. O ponto-chave no programa, que é introduzir as startups a investidores internacionais, foi plenamente alcançado: dos 372 milhões de euros arrecadados, mais da metade veio de investidores privados estrangeiros.

### Comfidi | Itália

A Italia Comfidi, um sistema de sociedades de garantia mútua, é um exemplo muito diferente da Finlândia, mas também produz bons resultados. **A história da Comfidi começou em 1950 como uma expressão das associações da indústria, comércio, artesanato e agricultura, com base nos princípios da reciprocidade e solidariedade.** Até então, os consórcios italianos penalizavam pequenas e médias empresas, que deveriam prover uma contrapartida muito alta, o que incentivou as associações de artesãos a realizarem empréstimos conjuntos.

**As Comfidis são cooperativas que funcionam como intermediárias financeiras para fornecer garantias e facilitar o acesso ao financiamento de pequenas e médias empresas.** Os empresários podem tanto pedir um empréstimo quanto colocar o capital como garantia e são muitas vezes envolvidos na gestão das instituições. As cooperativas são verdadeiras ferramentas facilitadoras de negócios, que oferecem expansão do crédito de capacidade; redução do custo do dinheiro; transparência e segurança das condições; além de aconselhamento financeiro e orientação.

FederAscom Fidi, FederFidi, CreditAgri, Asscooperfidi. Estas federações fornecem a ligação entre as garantias próprias das instituições e as associações empresariais que as promovem.

Como resultado, quase um milhão de PMEs italianas são membras da Comfidi e as garantias proporcionadas pelo sistema equivalem a 41% dos sistemas de garantia de crédito da Europa e a 1,4% do PIB italiano. Em 2014, a Itália Comfidi, uma das primeiras associações de alcance nacional, já contava com 64.164 empresas associadas. Em 2015, registrou um fluxo de 3.525 operações para 2.377 companhias, financiadas por 263 milhões de euros, além da renovação de 12.445 linhas de crédito com um total de cerca de 580 milhões de euros.

Essa prática foi se tornando cada vez mais comum até se transformar em um dos regimes de financiamento mais importantes da Europa.

Hoje existem mais de 200 instituições, agrupadas em sete federações, de acordo com o setor de atuação: Fedart, Fidi, FederConfidi, Fincredit,



# INOVAÇÃO

1º	São José dos Campos	8,04	▲	5
2º	Florianópolis	7,47	▼	-1
3º	Rio de Janeiro	7,47	▼	-1
4º	São Paulo	7,29	▼	-1
5º	Caxias do Sul	7,28	▲	4
6º	Campinas	7,12	▼	-2
7º	Porto Alegre	6,99	▼	-2
8º	Blumenau	6,87	—	0
9º	Belo Horizonte	6,79	▲	3
10º	Joinville	6,76	▼	-3
11º	Vitória	6,62	—	0
12º	Curitiba	6,56	▼	-2
13º	Manaus	6,44	—	0
14º	Sorocaba	6,33	▲	1
15º	Recife	6,14	▼	-1
16º	Maringá	5,87	—	0
17º	Ribeirão Preto	5,54	—	0
18º	Londrina	5,48	▲	5
19º	Uberlândia	5,45	▲	3
20º	Aracaju	5,41	▼	-1
21º	Belém	5,40	—	0
22º	Goiânia	5,35	▲	3
23º	João Pessoa	5,27	▲	3
24º	Cuiabá	5,26	▼	-4
25º	Brasília	5,25	▼	-7
26º	Salvador	5,11	▼	-2
27º	Campo Grande	4,96	—	0
28º	Natal	4,80	—	0
29º	Teresina	4,77	—	0
30º	Fortaleza	4,76	—	0
31º	São Luís	4,74	—	0
32º	Maceió	4,43	—	0

INOVAÇÃO				
INPUTS			OUTPUTS	
Proporção de Mestres e Doutores em Ciência e Tecnologia (para cada 100 empresas)	Média de investimentos do BNDES e FINEP (por empresa)	Índice de Infraestrutura Tecnológica	Proporção de empresas com patentes (para cada 1000 empresas)	Tamanho da economia criativa (em relação ao total de empresas)
Proporção de funcionários nas áreas de Ciência e Tecnologia (em relação ao total de funcionários)		Contratos de concessões (para cada 1000 empresas)	Tamanho da indústria inovadora (em relação ao total de empresas)	Tamanho das empresas TIC (em relação ao total de empresas)

O empreendedor coloca tempo, energia e dinheiro em uma ideia inovadora, e provavelmente vai falhar muitas vezes até que a inovação se concretize. Para isso precisará, além de muita resiliência, de um ambiente propício para lançar as novas sementes dos seus projetos.

Um terreno fértil para novas ideias pressupõe algumas condições essenciais, avaliadas no pilar de **Inovação**, com indicadores de **Inputs**, os recursos, não só financeiros, necessários para a inovação acontecer, e **Outputs**, que mostram se essas condições estão gerando resultados para o mercado. Para avaliar os aspectos que facilitam

o desenvolvimento da inovação, no subdeterminante de **Inputs** foram mensurados os indicadores de mão de obra especializada, com a proporção de Mestres e Doutores em Ciência e Tecnologia, e de funcionários nessa área; a presença de recursos de inovação, como na existência e extensão de parques tecnológicos, projetos do Senai e do Cibratec, responsáveis por fazer a conexão entre academia e mercado; os contratos de transferência de tecnologia nas cidades; e, por fim, os recursos financeiros para inovação, oriundos do BNDES e da FINEP.

Os **Outputs** são o resultado dos **Inputs**, mostrando o crescimento da inovação

local, medido por indicadores que avaliam a proporção de empresas com patentes, o tamanho da indústria inovadora, do setor da economia criativa e o tamanho das empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs).

A inovação depende sempre de ousadia e criatividade, mas para que as novas ideias se transformem em negócios lucrativos existe toda uma cadeia de suporte que favorece o empreendedor. Se a ideia for muito inovadora e o empreendedor muito persistente, os planos vão se concretizar com pouco suporte, mas, quando todos os fatores se juntam nas condições ideais, o mundo pode (e deve) ser o limite.

*A inovação depende sempre de ousadia e criatividade, mas para que as novas ideias se transformem em negócios lucrativos existe toda uma cadeia de suporte que favorece o empreendedor .*

## Inputs

Cidades	Índice de Inputs	Proporção de Mestres e Doutores em C&T (p/ cada 100 empresas)	% de funcionários nas áreas de C&T (em relação ao total de funcionários)	Média de investimentos do BNDES e da FINEP (por empresa)	Índice de infraestrutura tecnológica	Contratos de concessões (p/ cada 1.000 empresas)
São José dos Campos	9,22	10,00	14,11%	R\$ 15.969,08	6,34	7,4
Rio de Janeiro	7,48	9,92	11,03%	R\$ 2.510,11	8,39	4,0
Campinas	7,38	12,54	13,23%	R\$ 5.546,75	6,77	1,1
Manaus	7,21	9,32	10,08%	R\$ 4.976,77	5,44	8,3
Florianópolis	7,04	19,26	9,46%	R\$ 4.335,37	6,68	0,1
Belo Horizonte	6,83	7,51	9,88%	R\$ 2.819,51	8,58	2,3
Vitória	6,80	14,12	13,45%	R\$ 4.484,86	5,16	0,4
Recife	6,59	10,29	9,88%	R\$ 2.256,13	8,15	0,4
Porto Alegre	6,51	10,82	10,39%	R\$ 5.687,04	6,47	0,5
Caxias do Sul	6,50	4,65	9,25%	R\$ 17.631,40	5,44	0,5
Curitiba	6,39	8,00	9,50%	R\$ 5.035,88	7,09	1,5
São Paulo	6,36	6,51	10,42%	R\$ 4.475,34	7,03	1,7
Joinville	6,09	2,23	11,57%	R\$ 10.135,10	5,60	1,0
Blumenau	5,94	6,89	10,78%	R\$ 4.585,04	6,20	0,2
João Pessoa	5,80	11,03	9,89%	R\$ 3.461,12	5,52	0,0
Belém	5,77	14,01	8,51%	R\$ 3.196,14	5,30	0,1
Maringá	5,75	7,47	8,17%	R\$ 5.987,89	6,19	0,7
Uberlândia	5,66	11,49	9,12%	R\$ 3.819,84	5,16	0,2
Aracaju	5,63	9,10	10,94%	R\$ 1.975,81	5,44	0,0
Sorocaba	5,63	2,64	10,50%	R\$ 4.795,73	5,44	2,5
Londrina	5,58	7,47	8,81%	R\$ 4.678,22	6,06	0,1
Goiânia	5,58	6,09	8,15%	R\$ 4.062,30	6,91	0,1
Salvador	5,48	7,02	9,91%	R\$ 2.526,01	5,86	0,2
Teresina	5,34	8,98	8,99%	R\$ 3.868,68	5,12	0,0
Ribeirão Preto	5,33	5,11	9,92%	R\$ 5.198,36	5,16	0,3
Cuiabá	5,22	10,27	6,94%	R\$ 4.951,28	5,12	0,0
Brasília	5,10	7,11	8,71%	R\$ 2.491,66	5,35	0,2
São Luís	5,08	8,42	8,04%	R\$ 3.250,51	5,16	0,0
Natal	4,89	10,20	6,46%	R\$ 2.466,19	5,16	0,0
Campo Grande	4,71	5,69	7,07%	R\$ 3.988,05	5,16	0,0
Fortaleza	4,65	5,29	7,03%	R\$ 2.572,08	5,44	0,1
Maceió	4,42	6,46	5,83%	R\$ 2.731,26	5,12	0,0

Média	8,62	9,6%	R\$ 4.889,67	6,0	1,1
Fonte	CNPq / RAIS (MTE)	RAIS (MTE)	BNDES e FINEP/RAIS (MTE)	Cibratrac, Parques Tecnológicos e SENAI	INPI / RAIS (MTE)
Ano	2015/2016	2015	2016 / 2015	2016	2015/2015

## INOVAÇÃO PARA ENFRENTAR A CRISE

As empresas inovadoras estão cada vez mais em evidência no mundo todo. No Brasil isso não deve ser diferente. Os indicadores do pilar de inovação mostram que a recessão impactou alguns dos investimentos da área nas cidades, mas, por outro lado, o número de empresas inovadoras se mostrou mais resiliente à crise que os demais setores mais rudimentares da economia.

**A proporção de pessoas envolvidas em áreas ligadas à inovação aumentou na grande maioria das cidades.**

Enquanto os recursos da FINEP e do BNDES para inovação caíram em média 23% entre 2014 e 2015, algo esperado dado o momento do País, a proporção de pessoas envolvidas em áreas ligadas à inovação aumentou na grande maioria das cidades. Em 2015, as 32 cidades perderam 4,3% do total de suas vagas de trabalho em todos os setores, a área de Ciência e Tecnologia demitiu menos: em média uma queda de 1,35%. Isso fez com que a proporção de profissionais da área subisse em 27 das 32 cidades, tendo quedas marginais no indicador nas outras cinco cidades. Brasília é o maior exemplo dessa tendência: com queda de 4,4% dos empregos gerais, houve uma expansão de 10,8% nas vagas ligadas a tecnologia.

Esses números são também reflexo da mesma tendência de crescimento na proporção de profissionais de C&T. O número geral de empresas empregadoras nas 32 cidades caiu 0,33%, o equivalente a quase 12 mil empresas a menos. Por outro lado, as empresas mais inovadoras foram mais resilientes à crise.

Os aumentos nos números de empresas da indústria inovadora (+2,34%), da economia criativa (+13,6%) e do setor de Tecnologia da Informação (+14,5%) na média das 32 cidades mostram que a nova economia pode crescer mesmo em meio à crise. Destaque para Sorocaba, onde houve aumento de 105 empresas de economia criativa e de 152 empresas de tecnologia da informação — a maior expansão proporcional entre as cidades.

Outra boa notícia é o número de Mestres e Doutores em Ciência e Tecnologia, que, para cada 100 empresas, subiu de 8 para 8,6 em um ano, em média. Apenas quatro cidades decaíram no período, e João Pessoa foi a cidade com maior crescimento de oferta de pesquisadores: de 7,91 para 11 mestres e doutores em áreas científicas por empresa.

A falta de recursos já citada, por outro lado, afetou outras áreas da inovação no País. Na maior parte das cidades, por exemplo, vários projetos de Parques Tecnológicos não saíram do papel entre as edições do estudo. Ainda no indicador de infraestrutura tecnológica, **é notável a queda de 50% no número de projetos de inovação dos SENAI's nas 32 cidades, reflexo mais uma vez da queda nos recursos em todo o Sistema S.**

Também afetados pela crise, o número de contratos de concessões de tecnologia caiu 11,6% nas cidades pesquisadas, o que significa que deixaram de ser feitas 223 parcerias de concessões de tecnologia nas cidades do estudo. Manaus, com sua zona franca e remando contra a maré, ampliou a vantagem no indicador, que cresceu 12%.

**As empresas mais inovadoras foram mais resilientes à crise.**

## SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: EXEMPLO DE INOVAÇÃO

A cidade sede da Embraer e do ITA conseguiu ultrapassar Florianópolis no Índice de Inovação graças ao seu volume de recursos voltados para a área, que elevaram seus já bons números nos indicadores de Inputs. São José dos Campos lidera o indicador de proporção de trabalhadores em empresas de Ciência e Tecnologia, atingindo mais de 14% do total, a maior taxa das cidades.

Além de boa mão de obra, a cidade do interior paulista também recebe volumes de recursos acima da média nas linhas de crédito para inovação do BNDES e da FINEP. Em média, há nas 32 cidades analisadas cerca de R\$ 4,9 mil disponíveis à inovação para cada empresa empregadora nas cidades do estudo. Em Joinville, a líder do indicador, esse valor é 3,5 vezes maior, de R\$ 17,6 mil. São José vem em seguida, com quase R\$ 16 mil investidos em média, um aumento de 34% comparado a 2014. No outro extremo, Aracaju possui menos de 2 mil reais por empresa em recursos para inovação, o que também mostra que a distribuição dos recursos desses agentes tende a ir para cidades com perfil mais inovador, em um efeito duplo de causa e consequência.

Ao mesmo tempo, houve uma pequena redução no número de mestres e doutores em áreas científicas, com nove profissionais a menos que no ano anterior. Foi o suficiente para a cidade perder quatro posições no indicador, passando à 11ª posição, dado

o avanço de outras cidades. A baixa, no entanto, não é preocupante, já que não foi expressiva e a região possui excelentes universidades para retomar o crescimento no futuro próximo.

É justamente neste aspecto que Florianópolis, segunda no Índice de Inovação, se destaca. A capital catarinense tem quase 20 mestres e doutores nas áreas de C&T para cada 100 empresas, o que ajuda a cidade a ter o segundo maior número de empresas TICs (2,8% do total), atrás apenas da também catarinense Blumenau.

São José dos Campos é destaque, desta vez positivo, também no indicador de infraestrutura tecnológica. A cidade foi uma das poucas, junto ao Rio de Janeiro e Joinville, que conseguiram ampliar o número de empresas instaladas em parques tecnológicos (de 18 para 37 empresas neste ano).

Com exceção de Manaus (13º) e Recife (15º), todas as cidades das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste estão na metade inferior das posições do pilar de inovação, da 16ª à 32ª posição. Isso faz com que o ambiente de maior inovação do País esteja concentrado no Sul e Sudeste, com participação significativamente maior das indústrias inovadoras, da economia criativa e das empresas TIC nessas regiões, por exemplo. Seriam necessários investimentos em inovação acima das atuais médias dessas cidades para desmontar essa tendência.

## Outputs

Cidades	Índice de Outputs	Proporção de empresas com patentes (para cada 1000 empresas)	Tamanho da indústria inovadora (em relação ao total de empresas)	Tamanho da economia criativa (em relação ao total de empresas)	Tamanho das empresas TIC (em relação ao total de empresas)
São Paulo	8,89	5,069	1,36%	2,79%	2,65%
Florianópolis	8,22	6,969	5,83%	1,76%	1,64%
Porto Alegre	7,67	5,099	1,97%	2,16%	2,87%
Vitória	7,48	4,625	0,30%	2,73%	2,80%
Rio de Janeiro	7,32	6,390	2,15%	2,02%	2,29%
Joinville	6,86	4,678	0,91%	2,48%	2,50%
Belo Horizonte	6,70	3,564	0,54%	2,90%	2,13%
Campinas	6,58	2,899	1,53%	2,30%	2,50%
Curitiba	6,39	3,496	1,02%	2,22%	2,24%
Maringá	6,18	4,506	1,10%	2,08%	2,20%
Brasília	6,05	4,105	0,67%	2,24%	2,19%
Cuiabá	5,98	4,026	1,32%	1,95%	2,11%
Caxias do Sul	5,92	0,219	0,15%	2,42%	2,61%
Recife	5,81	1,296	1,70%	2,02%	1,96%
São José dos Campos	5,76	1,883	1,40%	2,10%	1,65%
Ribeirão Preto	5,68	0,420	0,60%	1,93%	2,28%
Sorocaba	5,65	1,416	1,19%	1,78%	1,93%
Londrina	5,51	0,587	0,28%	2,09%	2,04%
Campo Grande	5,51	1,971	1,43%	1,75%	1,67%
Salvador	5,47	0,084	0,49%	2,05%	1,98%
Uberlândia	5,44	0,349	0,47%	2,26%	1,61%
Blumenau	5,44	1,357	0,90%	1,80%	1,78%
Fortaleza	5,43	0,206	0,33%	2,18%	1,67%
Goiânia	5,39	0,196	0,93%	1,93%	1,71%
Aracaju	5,29	0,804	0,27%	2,04%	1,57%
João Pessoa	5,26	0,527	0,59%	1,91%	1,66%
São Luís	5,10	0,271	0,25%	1,92%	1,62%
Natal	5,07	0,610	0,22%	1,94%	1,49%
Belém	5,06	0,540	0,22%	1,90%	1,52%
Maceió	5,00	0,171	0,41%	1,76%	1,58%
Teresina	4,96	0,421	0,31%	1,87%	1,28%
Manaus	4,92	0,277	0,43%	1,62%	1,33%

Média	2,157	0,98%	2,09%	1,97%
Fonte	Neoway & Endeavor	RAIS (MTE)	RAIS (MTE)	RAIS (MTE)
Ano	2016	2015	2015	2015

## BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

### *DMIDII | Estados Unidos*

Entre comprar e criar, a indústria tende a buscar ativos existentes ou desenvolver novas competências dentro de casa. Por outro lado, os governos também não investem em ideias novas. **Mas o Chicago UI LABS tem uma boa alternativa para apoiar empreendedores e promover a inovação: colaborar. Dentro do UI LABS foi criado o Digital Manufacturing And Design Innovation Institute (DMIDII), um centro de transformação e incentivo para colocar a manufatura americana na vanguarda mundial da inovação.** O grande objetivo é incorporar a **tecnologia digital em todas as facetas do**

**design e da produção** para transformar a indústria dos EUA na mais competitiva do mundo através da adoção de tecnologias digitais de fabricação.

Para isso, o DMIDII desenvolve soluções aplicáveis ao mercado e oferece um roteiro sustentável de inovação que visa reduzir custos e otimizar processos. **Além de identificar as principais tecnologias digitais de fabricação e design, os projetos exploram a forma como podem ser adotadas pela indústria em toda a cadeia de abastecimento.** O programa aponta

ainda as áreas onde o investimento em P&D pode ser ampliado para beneficiar toda a base industrial.

Lançado em 2014 com um aporte do governo de US\$ 70 milhões, o DMIDII já recebeu subsídios adicionais de US\$ 12 milhões. Atualmente, gerencia 30 projetos e o plano de 2016 prevê implantar US\$ 50 milhões em pesquisa aplicada e projetos piloto de demonstração, além projetos de patrocínio para parceiros do setor privado. Os projetos realizados desde 2014 devem mostrar os primeiros resultados em breve.

### *Ramot | Israel*

Quando aliados, os empreendedores e as instituições de ensino podem escalar e ampliar o impacto do conhecimento gerado em laboratório. É o que acontece na **Universidade de Tel Aviv (TAU), que criou uma empresa para incentivar, liderar e gerenciar a transferência de novas tecnologias para o mercado, a Ramot.**

A equipe de profissionais altamente qualificados da Ramot trabalha

ativamente para disseminar conhecimento e gerar impacto em Israel, fortalecendo o vínculo da indústria com a comunidade de pesquisa da TAU. Para isso, **a universidade incentiva as pesquisas de ponta com apoio financeiro, identificando e patenteando as inovações com potencial de mercado, para depois buscar acordos de licenciamento com empreendedores que possam transformar as invenções em produtos comercializáveis.**

Hoje, a Universidade já contabiliza o apoio a 65 start-ups, com 198 licenças e estão sendo desenvolvidos 20 medicamentos e tratamentos médicos baseados na propriedade intelectual da TAU. As universidades são os grandes centros de conhecimento e pesquisa nos países mais desenvolvidos do mundo, como acontece em Israel e no Brasil. Mas, lá, além de se transformarem em startups, o alcance prático da pesquisa chega no cotidiano do cidadão.



## CAPITAL HUMANO

1º	<b>Florianópolis</b>	<b>8,90</b>	—	0
2º	Vitória	8,05	—	0
3º	Porto Alegre	6,80	▲	1
4º	Maringá	6,73	▲	3
5º	Belo Horizonte	6,70	▼	-2
6º	São José dos Campos	6,69	▼	-1
7º	Curitiba	6,63	▲	1
8º	Campinas	6,57	▲	2
9º	Joinville	6,55	▲	12
10º	Rio de Janeiro	6,52	▲	2
11º	Sorocaba	6,45	—	0
12º	Recife	6,42	▼	-6
13º	Ribeirão Preto	6,31	▲	1
14º	Natal	6,18	▲	3
15º	Goiânia	6,10	▼	-2
16º	Blumenau	6,05	▲	6
17º	Fortaleza	5,97	▲	7
18º	Uberlândia	5,93	▼	-9
19º	Cuiabá	5,90	▼	-3
20º	São Paulo	5,79	—	0
21º	Teresina	5,77	▲	2
22º	Londrina	5,70	▼	-7
23º	João Pessoa	5,68	▼	-4
24º	São Luís	5,61	▲	1
25º	Brasília	5,59	▼	-7
26º	Caxias do Sul	5,15	—	0
27º	Campo Grande	4,99	—	0
28º	Salvador	4,61	—	0
29º	Aracaju	4,51	▲	2
30º	Manaus	4,48	▲	2
31º	Belém	4,44	▼	-2
32º	Maceió	4,22	▼	-2

## CAPITAL HUMANO

		Mão de Obra Básica		Mão de Obra Qualificada	
Nota do IDEB nos anos finais (8º e 9º anos)	Proporção de adultos com pelo menos o Ensino Médio completo	Taxa de alunos matriculados no Ensino Médio na idade certa (entre 15 e 17 anos)	Proporção de adultos com pelo menos o Ensino Superior completo	Proporção de concluintes em cursos superiores de alta qualidade (notas 4 e 5 do ENADE)	
	Nota média no ENEM	Proporção de matriculados no Ensino Técnico e profissionalizante	Custo médio de salários de dirigentes	Número absoluto de concluintes em cursos superiores de alta qualidade (notas 4 e 5 do ENADE)	

Gente, o capital mais importante de uma empresa, é o grande diferencial para o sucesso de todo empreendedor. Aqueles que entendem esse valor desde o início e buscam sócios e colaboradores qualificados e comprometidos com sua causa já dão a largada para criar negócios que podem revolucionar a forma como vivemos. Em tempos em que automação e tecnologia artificial são cada vez mais presentes em nosso cotidiano, é imprescindível gente boa para criá-los.

Mas profissionais altamente qualificados ainda são raros e não estão disponíveis com tanta facilidade e em todos os lugares. Por isso, o pilar de Capital Humano identifica as cidades em que o empreendedor encontrará condições

favoráveis, e acessíveis, para formar as equipes mais capacitadas. Esses fatores são especialmente relevantes para quem abrirá ou expandirá seu negócio em um país com o déficit educacional como o nosso, onde sobram trabalhadores sem emprego e falta mão de obra especializada.

A abundância ou ausência de capital humano determinam a posição das cidades neste pilar. Utilizam-se indicadores educacionais de fluxo, que refletem a qualidade de ensino para quem atualmente estuda, e de estoque, em que é avaliada a formação da população adulta. Ou seja, com os dados de fluxo, é possível saber a quantidade e qualidade dos profissionais que entrarão no mercado de

trabalho, que também dão um sinal das perspectivas futuras para a cidade. Com os dados de estoque, avaliam-se a qualidade de formação e o custo da mão de obra atual da região.

Os indicadores estão divididos em dois grupos. O primeiro avalia a **mão de obra básica**, analisando as características do ensino fundamental, médio e técnico da cidade pelo acesso a essas formas de ensino e pelos índices do IDEB e do ENEM, além da proporção de adultos com ensino médio completo. Já para avaliar a **mão de obra qualificada**, o segundo grupo, mede-se a faixa mais escolarizada da população. São consideradas as dinâmicas do ensino superior e o custo de contratar profissionais em nível de direção.

*Esses fatores são especialmente relevantes para quem abrirá ou expandirá seu negócio em um país com o déficit educacional como o nosso, onde sobram trabalhadores sem emprego e falta mão de obra especializada.*

## Mão de Obra Básica

Cidades	Índice de Mão de Obra Básica	Nota do IDEB nos anos finais (8º/9º anos)	% de adultos com pelo menos Ensino Médio completo	Taxa de alunos matriculados no Ensino Médio na idade certa (entre 15 e 17 anos)	Nota média no ENEM	% de matriculados no Ensino Técnico e profissionalizante
Vitória	8,06	4,10	52,4%	79,5%	535,4	3,58%
Florianópolis	7,84	4,60	58,4%	66,3%	551,3	2,11%
Joinville	7,52	5,50	53,9%	60,8%	533,6	2,13%
São José dos Campos	7,29	5,20	49,1%	72,5%	537,2	1,62%
Sorocaba	7,14	5,00	46,8%	81,9%	525,6	1,58%
Curitiba	6,90	4,60	48,8%	66,1%	531,2	2,15%
Campinas	6,82	4,60	49,7%	66,6%	537,5	1,56%
Ribeirão Preto	6,62	4,60	51,6%	60,7%	541,3	1,15%
Rio de Janeiro	6,49	4,40	51,6%	61,4%	530,1	1,46%
Recife	6,48	3,90	46,9%	61,4%	508,7	3,39%
Blumenau	6,43	5,10	45,8%	59,8%	529,8	1,49%
São Paulo	6,32	4,30	45,0%	73,4%	525,1	1,40%
Maringá	6,27	4,40	48,9%	59,1%	529,1	1,55%
Belo Horizonte	6,16	4,40	41,0%	70,0%	532,3	1,47%
Porto Alegre	6,14	3,60	48,8%	53,8%	529,7	2,48%
Goiânia	6,07	4,90	46,2%	65,9%	520,4	0,78%
São Luís	6,00	4,00	47,8%	67,0%	488,8	2,47%
Teresina	5,80	4,60	37,4%	65,7%	492,6	2,76%
Cuiabá	5,79	4,30	44,7%	70,2%	488,3	1,89%
Londrina	5,72	4,30	41,7%	60,3%	517,7	1,77%
Caxias do Sul	5,70	4,70	38,3%	63,7%	525,2	1,25%
Campo Grande	5,44	4,80	39,2%	53,5%	502,1	2,07%
Uberlândia	5,43	4,50	40,5%	59,5%	523,2	0,94%
Natal	5,32	3,20	41,9%	47,5%	510,1	3,24%
Brasília	5,27	4,00	42,7%	61,5%	509,8	1,18%
João Pessoa	5,21	3,70	46,9%	51,1%	505,4	1,71%
Fortaleza	5,17	4,20	39,7%	51,5%	512,6	1,78%
Manaus	5,15	4,40	44,9%	57,2%	483,3	1,49%
Aracaju	4,98	3,10	45,0%	57,0%	502,7	1,77%
Belém	4,37	3,30	41,3%	50,0%	495,4	1,52%
Salvador	4,23	3,10	45,1%	43,8%	500,7	1,15%
Maceió	3,87	3,00	39,9%	41,6%	490,9	1,71%

Média	4,26	45,7	61,3	517,1	1,83
Fonte	Inep	ENEM (MEC)	Censo Escolar (MEC)	ENEM (MEC)	Censo Escolar (MEC)
Ano	2015	2014	2015	2014	2015

## EDUCAÇÃO EM MARCHA LENTA

A evolução da educação e a consequente qualidade da mão de obra no Brasil caminham a passos lentos. Como fator histórico, há também uma desigualdade grande entre as regiões do País. Entre as 10 primeiras cidades no ranking, todas são do Sul e Sudeste; entre as 10 piores, só Caxias do Sul (26ª) representa essas regiões. A qualidade dos anos finais do ensino fundamental é sofrível: nenhuma cidade do estudo ainda chegou à nota 6 no IDEB (a nota correspondente a de países desenvolvidos, segundo o MEC), e apenas oito delas conseguiram atingir suas respectivas metas para o ensino público (Goiânia, Manaus, Cuiabá, Fortaleza, Recife, Blumenau, Campo Grande e Teresina).

Apesar da evolução nos números dos últimos anos do ensino fundamental, os números do ensino médio, que já eram muito baixos, pioraram na maioria das cidades, surpreendendo educadores e especialistas, que previam uma melhora, mesmo que pequena, nos índices. Hoje, em média, 61,3% dos jovens fazem o ensino médio na idade certa nas cidades analisadas. No ano passado, o mesmo índice era de 62,6%. Os dados de acesso e qualidade do ensino médio só reforçam a necessidade de um debate profundo e reformas nesta faixa escolar, que se arrasta há anos sem uma conclusão, e recentemente foi alvo de uma Medida Provisória por parte do Governo Federal.

*Apesar da evolução nos números dos últimos anos do ensino fundamental, os números do ensino médio, que já eram muito baixos, pioraram na maioria das cidades, surpreendendo educadores e especialistas, que previam uma melhora, mesmo que pequena, nos índices.*

## A ECONOMIA QUE AFETA A EDUCAÇÃO

Uma saída para aumentar a adesão dos jovens ao ensino médio é a oferta de cursos técnicos para os alunos, possibilitando a formação com dois diplomas e um preparo mais direcionado para o mercado profissional. Para isso, vagas de ensino técnico foram criadas nos últimos anos, principalmente em parceria com escolas privadas. Mas, com a crise econômica, esse progresso está em risco. Tanto o Governo Federal quanto vários estados e municípios diminuíram suas vagas no ensino técnico. Nas cidades aqui estudadas, Belo Horizonte e Recife foram as que mais perderam espaço (13 e 26 mil vagas, respectivamente). O ensino superior de alta qualidade continua sendo uma exceção para poucos, o que torna a mão de

obra mais especializada altamente custosa. Pouco mais de 15% dos adultos têm ensino superior completo e somente cerca de 21% dos universitários estão em cursos de alta qualidade na média das 32 cidades analisadas.

A linha de chegada desses jovens formando será um mercado de trabalho ainda mais desafiador. Os salários dos dirigentes estão 8% mais altos em relação ao ano passado, abaixo da inflação, de 10,67% em 2015 (IPCA). Ou seja, está relativamente mais barato contratar nas cidades. Seria uma boa notícia se o motivo dela não fosse a crise atual e a enorme quantidade de novos desempregados.

## FLORIANÓPOLIS E VITÓRIA: MAIS UMA VEZ A LIDERANÇA ESTÁ NAS ILHAS

O destaque continua sendo Florianópolis. Desde a primeira edição, a capital catarinense ocupa a primeira posição no índice geral de capital humano, puxada especialmente por suas boas universidades e escolas. A nota do ENEM é a mais alta entre todas as cidades, e mais de 50% dos universitários estão matriculados em cursos de alta qualidade segundo o Inep (a média geral é 21%). Ainda assim, a cidade consegue manter salários abaixo da média das 32 cidades

(e quase 20% abaixo da média se forem consideradas somente as cidades do Sul e Sudeste). Outra ilha, Vitória, também aparece, mais uma vez, na segunda posição, ainda que bastante atrás de Floripa. Fruto do grande alcance de seus ensinos médio, técnico e profissionalizante. Os adultos capixabas também são mais escolarizados (24% têm ensino superior), atrás apenas de Floripa (28%) e bastante acima da média (16%).

*O destaque continua sendo Florianópolis. Desde a primeira edição, a capital catarinense ocupa a primeira posição no índice geral de capital humano, puxada especialmente por suas boas universidades e escolas.*

## NORDESTE: EXEMPLOS MOSTRAM QUE É POSSÍVEL AVANÇAR

No outro espectro, as cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, apesar de terem salários muito mais baixos, ainda não apresentam a mesma qualidade e alcance de ensino como no Sul e Sudeste. Nas regiões menos centrais, em média 15% dos universitários estão em boas universidades, 10 pontos percentuais a menos que no Sul e Sudeste (média 25%), e a nota no ENEM é 30 pontos mais baixa, em média.

Mas algumas cidades da região provam que a melhora é possível. É o caso de Teresina, que teve uma das maiores evoluções no IDEB: de 3,9 para 4,6 (empatando com a sulista Florianópolis). Também na contramão da tendência nacional,

a taxa de matrícula do Ensino Médio por lá avançou de 58,7% para 65,7%. Foi disparado o maior avanço da pesquisa (e só 5 prefeituras avançaram nesse indicador).

Outro destaque positivo da região cabe a Fortaleza, que subiu sete posições em relação ao índice passado. O indicador de destaque é o de ensino técnico e profissionalizante local, que abriu 11 mil vagas, e o avanço no IDEB, fruto de um trabalho de longo prazo no Ceará (que pelo IDEB tem 77 das 100 melhores escolas públicas do Brasil) e que se intensificou na capital nos últimos anos, com a melhoria da gestão municipal e presença maior do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC).

## Mão de Obra Qualificada

Cidades	Índice de Mão de Obra Qualificada	% de adultos com pelo menos ensino superior completo	% de concluintes em cursos superiores de alta qualidade (notas 4 e 5 do ENADE)	Número absoluto de concluintes em cursos superiores de alta qualidade (notas 4 e 5 do ENADE)	Custo médio de Salários de dirigentes
Florianópolis	9,20	28,4%	53,0%	3909	R\$ 5.018
Vitória	7,50	24,0%	33,6%	2902	R\$ 5.444
Porto Alegre	7,26	17,4%	41,4%	6479	R\$ 6.244
Belo Horizonte	7,06	15,8%	29,8%	11010	R\$ 5.531
Natal	7,00	12,8%	33,7%	3918	R\$ 3.238
Maringá	6,99	20,1%	24,4%	2544	R\$ 4.000
Fortaleza	6,77	11,5%	29,1%	5785	R\$ 3.509
Uberlândia	6,46	14,8%	29,4%	2688	R\$ 4.448
Rio de Janeiro	6,41	18,0%	25,8%	15670	R\$ 8.576
Recife	6,25	15,7%	18,6%	4355	R\$ 4.796
João Pessoa	6,24	16,8%	19,3%	1445	R\$ 3.357
Curitiba	6,19	18,5%	16,1%	6714	R\$ 6.545
Campinas	6,18	19,5%	26,1%	3588	R\$ 7.261
Goiânia	6,10	16,8%	14,5%	2506	R\$ 4.153
Cuiabá	6,05	16,3%	22,1%	1518	R\$ 4.300
Brasília	6,02	16,3%	16,1%	5078	R\$ 5.702
Ribeirão Preto	5,92	21,0%	10,8%	1279	R\$ 4.590
São José dos Campos	5,91	16,6%	35,3%	1517	R\$ 6.775
Teresina	5,80	11,2%	15,8%	2096	<b>R\$ 2.767</b>
Londrina	5,77	16,8%	6,9%	3170	R\$ 4.518
Blumenau	5,65	18,1%	24,5%	729	R\$ 5.297
Sorocaba	5,63	15,2%	29,8%	1938	R\$ 6.766
Joinville	5,43	17,9%	20,1%	1009	R\$ 5.882
Salvador	5,36	10,4%	13,6%	4025	R\$ 4.781
São Luís	5,33	10,5%	16,4%	1801	R\$ 3.817
São Paulo	5,31	16,7%	15,1%	<b>18176</b>	R\$ 10.377
Maceió	5,03	12,4%	10,8%	1131	R\$ 3.873
Belém	4,91	10,0%	12,7%	1785	R\$ 4.442
Caxias do Sul	4,83	10,7%	22,1%	1187	R\$ 5.615
Campo Grande	4,81	12,8%	3,5%	1332	R\$ 3.990
Aracaju	4,43	14,8%	3,8%	308	R\$ 3.358
Manaus	4,20	10,6%	6,6%	1158	R\$ 5.299

Média	15,9%	21,3%	3836	R\$ 5.133
Fonte	ENEM (MEC)	ENADE (MEC)	ENADE (MEC)	RAIS (MTE)
Ano	2014	2014	2014	2015

## BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

### *Ingeniería a la N | Colômbia*

Em Medellín, como no mundo todo, a demanda por inovação e tecnologia é cada vez maior. Mas lá os jovens não se estavam interessados em estudar engenharia. Era preciso fortalecer essa vocação e orientar os estudantes para optar por profissões relacionadas com a economia do conhecimento.

Para alterar esse quadro, o Ruta N, centro de inovação e negócios de Medellín, criou a Estratégia Horizontes, que utiliza metodologias de educação para a inovação nos campos da ciência, tecnologia, engenharia e matemáticas.

Com três frentes de atuação, o Horizontes desenvolveu os programas **Innobótica**, que **envolve os jovens com os temas das ciências básicas e engenharia; Interchange**, para **despertar o interesse pela ciência com experiências divertidas; e o Ingeniería a la N**, que **significa elevar a engenharia à sua potência máxima**. Em parceria com La Universidad Eafit e a Secretaria de Educação, **o Ruta N utiliza o Ingeniería a la N para despertar o interesse dos estudantes pela engenharia e ciências técnicas, com foco na solução de problemas da comunidade local**.

No Ingeniería a la N, pesquisadores experientes compartilham seus conhecimentos com 300 jovens das oitava e nona séries, em grupos de 15 estudantes de diferentes colégios, onde cada um conta com um estudante de engenharia orientador. **Durante um ano, eles trabalham em equipe para identificar problemas locais e prototipar ideias. No final do ano, as soluções propostas são apresentadas em um festival de inovação, o Medellinnovation**. O programa já está na terceira edição e envolveu até agora 900 alunos. Que, possivelmente, criarão as inovações do futuro próximo.

### *Digital Business Academy | Reino Unido*

Com a missão de acelerar o crescimento de Londres e da economia digital do Reino Unido, o programa Tech City atua em áreas como habilidades digitais, investimento de capital inteligente, infraestrutura, desenvolvimento internacional e liderança. **Um dos projetos do Tech City que se destaca é o Digital Business Academy, a primeira plataforma online do mundo apoiada pelo governo com acesso gratuito à população, que oferece os recursos para desenvolvimento em habilidades de negócios digitais**.

O projeto trabalha em parceria com reconhecidas instituições educacionais e oferece **11 cursos online e gratuitos, que vão desde desenvolvimento de produtos digitais até gerenciamento de mídias sociais**.

Cada curso consiste em aulas de vídeo curtas, em que especialistas e empresários experientes oferecem conselhos práticos, com todo conhecimento necessário para começar, crescer ou participar de um negócio digital.

Como incentivo, o aluno ganha um distintivo e um certificado para cada curso que completa. Dependendo do número de cursos concluídos, ainda tem acesso a recompensas, como empréstimos em linhas de crédito para startups, estágios remunerados, mentorias e espaços de coworking gratuitos. **Os resultados são animadores, com 18.500 inscrições desde o lançamento, sendo que 56% dos usuários pretendem empreender e outros 23% visam o crescimento dos negócios já estabelecidos**.



# CULTURA EMPREENDEDORA

1º	Natal	7,436
2º	Maringá	7,371
3º	Teresina	7,348
4º	Florianópolis	7,341
5º	Goiânia	7,132
6º	Manaus	6,919
7º	São Luís	6,849
8º	Aracaju	6,776
9º	Fortaleza	6,674
10º	Vitória	6,607
11º	Maceió	6,582
12º	João Pessoa	6,479
13º	Cuiabá	6,282
14º	Belém	6,163
15º	Londrina	6,119
16º	Recife	6,087
17º	Rio de Janeiro	5,998
18º	Campo Grande	5,932
19º	Salvador	5,931
20º	São Paulo	5,926
21º	Caxias do Sul	5,885
22º	Joinville	5,789
23º	Ribeirão Preto	5,772
24º	Campinas	5,592
25º	Uberlândia	5,494
26º	São José dos Campos	5,317
27º	Sorocaba	5,004
28º	Blumenau	4,675
29º	Belo Horizonte	4,642
30º	Porto Alegre	4,445
31º	Curitiba	3,744
32º	Brasília	3,686

## CULTURA EMPREENDEDORA

Potencial para Empreender com Alto Impacto		Imagem do empreendedorismo			
Índice de Sonho Grande	Índice de Proatividade	% da pop. que afirma que os empreendedores são respeitados	% da pop. que vê histórias de empreendedores na mídia	Percepção positiva sobre a relação entre empreendedores e funcionários	% da pop. que incentivaria um familiar a empreender
Índice de Criatividade	Índice de Visão de Oportunidades	% da pop. que acredita que o desenvolvimento do país depende dos empreendedores	% da pop. que acha que empreender na sua cidade é muito complicado	% da pop. que conhece empreendedores pessoalmente	De 0 a 10 quanto o empreendedorismo é a melhor opção de carreira

Os indicadores de Cultura Empreendedora não foram atualizados nesta edição do Índice de Cidades Empreendedoras. Além de altos custos financeiros para executar entrevistas em campo, esses aspectos, mais ligados à percepção da população, não mudam de forma significativa em um período de um ano, a menos que eventos marcantes aconteçam, de tal forma que conceitos enraizados na população mudem de forma significativa. Não há indícios de que algo do gênero tenha ocorrido durante este ano. Sendo assim, os dados e conclusões apresentados nesta seção são os mesmos contidos na edição de 2015.

O termo "Cultura" tem inúmeros significados, nos mais variados campos. Mas, voltando à origem da palavra - do latim colere, que se traduz em "cultivar" - referia-se aos cuidados com a terra, às práticas e fatores necessários para que as plantações brotassem da melhor forma possível.

É exatamente disso que trata este pilar: de como as principais cidades do País cultivam a prática empreendedora. Por "cultivar", entenda-se o conjunto de comportamentos e atitudes de uma sociedade específica em relação ao empreendedorismo. Afinal, quanto mais as pessoas acreditam que a criação de negócios de alto impacto possa ser positiva para a cidade em que vivem, mais provável é que vejam com bons olhos tanto o desafio de empreender, quanto

a figura do empreendedor. E os frutos virão: novos empreendedores, investidores, oportunidades de emprego, crescimento econômico, etc.

Diante disso, esta análise sobre a Cultura Empreendedora se deu por meio da avaliação de dois fatores fundamentais. O primeiro diz respeito ao **potencial da população para empreender com alto impacto** - e por impacto entende-se a capacidade de criar e operar empresas que crescem aceleradamente, empregam um número maior de funcionários, têm modelos de negócio mais rentáveis e sobrevivem por mais tempo. O segundo fator corresponde à imagem do empreendedorismo nas cidades, à forma como a população local encara os empreendedores e a atividade de empreender.

*Quanto mais as pessoas acreditam que a criação de negócios de alto impacto possa ser positiva para a cidade em que vivem, mais provável é que vejam com bons olhos tanto o desafio de empreender, quanto a figura do empreendedor.*

## Potencial para Empreender com Alto Impacto

Cidades	Índice de Potencial para Empreender com Alto Impacto	Índice de Proatividade	Índice de Sonho Grande	Índice de Visão	Índice de Criatividade
Maceió	7,76	31,7	40,2	35,2	35,7
Aracaju	7,15	31,4	39,4	35,1	35,9
Natal	6,79	30,8	39,6	35,1	35,6
Maringá	6,79	33,2	39,1	33,4	35,1
Teresina	6,32	30,4	39,3	34,7	35,9
Florianópolis	6,32	32,1	39,0	33,8	35,1
Goiânia	6,32	31,9	38,6	33,4	34,7
Manaus	6,32	30,6	38,8	34,8	35,3
São Luís	6,32	31,5	38,6	33,9	35,0
Fortaleza	6,32	31,1	38,7	33,5	35,1
Vitória	6,32	32,0	38,8	33,1	34,9
João Pessoa	6,32	30,7	38,9	34,5	35,6
Cuiabá	6,32	31,2	39,3	34,4	35,4
Belém	6,32	31,6	38,7	33,7	34,6
Londrina	6,32	31,7	38,5	33,4	34,5
Recife	6,32	30,4	39,0	34,5	35,8
Rio de Janeiro	6,32	31,0	38,7	33,5	35,0
Campo Grande	6,32	32,2	38,7	33,6	34,5
Salvador	6,32	31,4	38,7	34,4	34,9
São Paulo	6,32	31,1	38,8	33,2	35,1
Caxias do Sul	6,32	32,1	38,8	33,2	34,4
Joinville	6,32	31,4	38,2	33,5	34,6
Ribeirão Preto	6,32	32,3	38,4	33,3	34,8
Campinas	6,32	31,8	38,5	33,0	34,6
São José dos Campos	6,32	31,7	38,5	33,3	34,7
Sorocaba	6,32	30,6	38,1	34,7	35,4
Porto Alegre	4,34	31,8	38,6	32,0	34,8
Uberlândia	4,27	32,0	38,1	32,1	34,0
Blumenau	4,27	31,7	38,1	32,9	34,5
Belo Horizonte	4,27	32,1	38,3	31,7	34,4
Brasília	4,27	29,9	37,8	33,1	35,2
Curitiba	3,10	32,4	37,6	31,4	33,7
Média		31,5	38,7	33,6	35,0
Fonte		Endeavor	Endeavor	Endeavor	Endeavor
Ano		2015	2015	2015	2015

## O POTENCIAL PARA EMPREENDER COM ALTO IMPACTO

Mensurar o quão empreendedora é uma população - e, mais do que isso, o tamanho do impacto que ela pode gerar - não é tarefa simples. Na verdade, há diversas maneiras de se chegar a uma resposta. E para além da compreensão de motivações e desejos das pessoas em relação ao empreendedorismo, é essencial também diagnosticar a capacidade delas de criar negócios de alto impacto.

Uma das pesquisas mais utilizadas no mundo para avaliar o potencial para empreender com alto impacto é o **Teste META** (Measure of Entrepreneurial Tendencies and Abilities). Criada por doutores da University College London em parceria com Universidade de Harvard e o Governo do Reino Unido, é metodologia utilizada no Índice de Cidades Empreendedoras (e

detalhada na página 146). O teste parte de questões psicométricas para avaliar os entrevistados em **quatro atitudes, consideradas essenciais entre empreendedores de alto impacto**: visão de oportunidades, proatividade, criatividade e sonho grande.

Assim, foram aplicados via internet 9.013 testes nas 32 cidades, chegando-se a um resultado final para cada município<sup>3</sup>. **É importante observar que não há diferenças estatisticamente significantes entre as notas de algumas das cidades (houve uma espécie de “empate técnico”); portanto, elas receberam as mesmas notas finais.** Isso gerou, ao final, sete grupos, mesmo que as somas em cada uma das atitudes sejam diferentes - como aconteceu, por exemplo, com Blumenau e Brasília.

## A SUBJETIVIDADE DO EMPREENDEDORISMO

Uma rápida olhada nas primeiras colocações do Índice de Cultura já deixa claro o domínio das cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Em consequência, as últimas colocadas se concentram no Sul e no Sudeste (com exceção de Maringá e Florianópolis, 2ª e 4ª colocadas, respectivamente).

**Pode-se concluir, portanto, que populações de cidades mais ao norte do país tendem a ter uma cultura empreendedora mais forte.** Isso pode ser justificado tanto pelo fato de lá se registrar uma visão mais positiva do empreendedorismo, como pelos índices mais altos nas quatro atitudes do potencial de empreender com alto impacto.

Porém, os motivos exatos para estas disparidades entre regiões não são claros. Diferentemente de outros pilares, **os aspectos**

**culturais são pouco tangíveis**; envolvem o inconsciente coletivo da população, o que aumenta muito o grau de subjetividade da análise.

Em todo caso, algumas hipóteses podem ser formuladas. Por exemplo, o papel do poder público: **nas cidades onde a atuação do governo como contratante é muito predominante, como em Brasília**, última colocada e exceção entre as cidades do Centro-Oeste, **a figura do empreendedor e a prática do empreendedorismo tendem a perder relevância.**

O mesmo ocorre em locais em que grandes empresas respondem pela maior parte do mercado de trabalho - como é o caso das maiores cidades do Sul e do Sudeste. Outras hipóteses passam por questões de migração e fatores geracionais que, em diferentes medidas, poderiam influenciar os resultados

<sup>3</sup>Um estudo aprofundado sobre o assunto, bem como a metodologia completa, pode ser encontrado no link: <http://info.endeavor.org.br/culturaempreendedorabrazil>.

## ONDE EMPREENDER É UMA ÓTIMA ESCOLHA

Natal, Teresina e Maringá são os destaques do pilar de cultura. As três cidades estão entre as primeiras posições do subdeterminante de potencial para empreender com alto impacto (Natal, 3ª, Maringá, 4ª, e Teresina, 5ª). Mas, diferentemente de Maceió e Aracaju, as duas primeiras nesse quesito, elas combinam bons resultados também quanto à imagem do empreendedorismo.

Em Natal, por exemplo, 80,7% dos entrevistados concordam com a afirmação de que “empreendedores bem-sucedidos são respeitados na cidade” (a média do estudo é 71,3%). E 84,8% disseram que “conhecem ao menos um empreendedor que iniciou seu negócio há menos de dois anos” (a média é 77,5%), o que mostra que a população local é mais receptiva à ideia de empreender.

Também Teresina registra uma imagem do empreendedorismo muito favorável em diversos pontos. Mais da metade dos entrevistados (51,6%) disse que “costuma ver exemplos de empreendedores na mídia” - a taxa mais alta entre as analisadas, cuja média é 40,1%. Além disso, apenas quatro cidades pesquisadas tiveram nota média acima de sete sobre quão “boa é a opção de trilhar uma carreira empreendedora”<sup>4</sup>. E a capital piauiense, com 7,11, fica atrás apenas de Fortaleza, com 7,23.

Ao Sul, Maringá é a referência. Lá, 42,1% da população pesquisada discorda de que “empreender na cidade é difícil”, o que faz com a cidade só fique atrás de Goiânia (43,91%) nesse quesito

- a média é 32%. **A ideia de que “empreendedores exploram seus funcionários” também é negada pela maioria da população maringense: 56,78% discordam parcial ou totalmente da afirmação**, enquanto a média nas 32 cidades é 50,35% (cerca de 29%, em média, nem discordam nem concordam).

Brasília, Curitiba e Porto Alegre são as últimas colocadas em Cultura Empreendedora. Além de não responderem pelos melhores resultados em relação ao potencial para se empreender com alto impacto, as populações dessas cidades não encaram a ideia de empreender com tanto otimismo. **Apesar de 77,62% da população de Brasília concordar que “o desenvolvimento do país depende dos empreendedores”, uma média alta, a ideia do empreendedorismo como opção de carreira tem nota de apenas 6,33 na região.** É uma das mais baixas entre as cidades analisadas e a mesma de Curitiba, a penúltima cidade em Imagem do Empreendedorismo - a média das 32 cidades é 6,7 - o que mostra o perfil pouco empreendedor dos habitantes locais. Curitiba também tem a população que menos concorda com a frase “empreendedores bem-sucedidos são respeitados na cidade”: apenas 61,2% - em Natal, a primeira nesse quesito, o valor ultrapassa 80%.

Como mostram os exemplos a seguir, Governos e mídia podem exercer um papel crucial de estímulo ao empreendedorismo. Os casos abaixo são de ações que destacaram os empreendedores locais e estimularam o desenvolvimento de novos negócios.

***Natal, Teresina e Maringá são os destaques do pilar de cultura. As três cidades estão entre as primeiras posições do subdeterminante de potencial para empreender com alto impacto.***

## BOAS PRÁTICAS PELO MUNDO

### *Women of Influence | Canadá*

O protagonismo feminino é cada vez mais valorizado e as mulheres se destacam cada dia mais no mundo dos negócios. Mas ainda há muito a ser feito, como foi confirmado em Toronto, onde se detectou que entre os novos negócios criados em 2012, apenas um terço foram criados por mulheres, sendo que seu lucro representava apenas 89% do lucro médio dos negócios masculinos. Um verdadeiro alerta para oferecer as condições para que mais mulheres tenham empreendimentos melhores.

A resposta veio do movimento Women of Influence, que visa dar voz às mulheres empreendedoras, apoiar e inspirar as mulheres a criarem seus próprios negócios, atuando como catalisadoras de mudanças. A organização oferece cursos de liderança executiva, eventos globais e conteúdo digital e impresso. O Women of Influence atinge anualmente mais de 200.000 profissionais, em sua grande maioria mulheres, que buscam mentores com o objetivo de se conectar com profissionais e ideias empreendedoras em sua jornada para o sucesso.

Um dos destaques do programa é o Prêmio de Mulheres Empreendedoras Canadenses, que teve 5.000 empreendedoras inscritas este ano, com 18 finalistas se destacando em setores como finanças, tecnologia e saúde. Uma delas Margot M. Micallef, é fundadora da Oliver Capital Partners, que investe em negócios como: radiodifusão, editoração, fabricação de alimentos e imobiliário, além de gerenciar os direitos de franquias de redes de fast food, como Domino's Pizza, Subway e Taco del Mar.

### *ENLACE E+E | México*

Há seis anos, um grupo de empresários mexicanos observou que muitos dos seus amigos altamente qualificados estavam desempregados e se uniu para criar um programa que pudesse ajudá-los no desenvolvimento de novos negócios. Eles criaram então a ENLACE E+E, organização inovadora que apoia startups em parceria com o Instituto de Tecnologia e Ensino Superior de Monterrey (TEC). O objetivo é promover a geração de riqueza e emprego no país, impulsionando o crescimento e a consolidação de empresas de alto impacto.

O ENLACE E+E apoia os empreendedores que se destacam por sua liderança, com empresas já constituídas e potencial para escalar e gerar benefícios para todo o México, tanto por seu modelo econômico, como por sua proposta inovadora. Os empreendedores selecionados passam a receber mentoria de outros empresários, que compartilham conhecimentos e experiência, além de facilitar oportunidades de negócios, investimento e financiamento.

Os resultados confirmam que o suporte e apoio recebido dos empresários bem sucedidos faz uma enorme diferença para quem está começando.

Em 2014, ENLACE E + E já contava com extensa rede de mais de 350 mentores. Profissionais que estão ajudando as empresas apoiadas pelo ENLACE E + E a ter um aumento anual de vendas de 37% em um período de três anos, alcançando receitas médias de US\$ 1,3 milhões.

<sup>4</sup>Os entrevistados foram perguntados o quanto acreditavam que, em suas cidades, empreender era uma boa opção de carreira, em uma escala de 1 a 10 - sendo 10 a melhor opção de carreira possível, e 1, a pior.

## Imagem do Empreendedorismo

Cidades	Índice de Imagem do Empreendedorismo	% da pop. que afirma que os empreendedores são respeitados	% da pop que vê histórias de empreendedores na mídia	Percepção sobre relação entre empreendedores e funcionários	Cidades	% da pop. que incentivaria familiar a empreender	% da pop. que acredita que o desenvolvimento do país depende dos empreendedores	% da pop que acha que empreender na cidade é muito complicado	% da pop. que conhece empreendedores pessoalmente	De 0 a 10, o quanto empreendedorismo é a melhor opção de carreira
Teresina	7,81	78,0%	51,6%	44,0%	Teresina	48,4%	78,0%	36,6%	82,8%	7,11
Florianópolis	7,80	71,9%	46,8%	55,0%	Florianópolis	55,8%	75,5%	36,7%	79,9%	6,95
Natal	7,47	80,7%	40,0%	46,3%	Natal	54,4%	75,9%	29,3%	84,8%	6,97
Goiânia	7,47	71,2%	46,5%	52,8%	Goiânia	53,5%	74,9%	43,9%	79,7%	6,59
Maringá	7,37	67,0%	44,0%	56,8%	Maringá	54,2%	73,6%	42,1%	77,7%	6,88
Manaus	7,13	76,9%	43,2%	48,0%	Manaus	51,3%	75,1%	37,4%	77,3%	7,09
São Luís	7,02	72,2%	41,3%	53,0%	São Luís	56,6%	74,7%	28,8%	79,4%	6,87
Uberlândia	6,93	71,4%	42,8%	58,0%	Uberlândia	52,9%	76,4%	34,8%	76,4%	6,43
Fortaleza	6,75	77,5%	44,6%	46,1%	Fortaleza	46,1%	73,2%	36,1%	80,0%	7,23
Vitória	6,64	67,6%	40,7%	53,5%	Vitória	51,6%	75,6%	36,0%	75,6%	6,95
João Pessoa	6,44	75,7%	37,9%	48,2%	João Pessoa	51,1%	77,9%	30,5%	77,6%	6,86
Cuiabá	6,13	73,8%	42,2%	53,5%	Cuiabá	50,2%	76,4%	29,1%	78,5%	6,35
Aracaju	6,07	80,8%	36,6%	48,6%	Aracaju	54,3%	73,9%	27,5%	74,6%	6,79
Belém	5,94	75,8%	40,1%	45,5%	Belém	53,1%	69,7%	34,7%	80,5%	6,52
Londrina	5,87	71,6%	40,4%	51,6%	Londrina	48,4%	70,2%	35,3%	77,1%	6,77
Recife	5,82	72,7%	40,6%	43,9%	Recife	50,7%	68,7%	30,9%	79,9%	7,08
Rio de Janeiro	5,68	70,2%	43,2%	48,8%	Rio de Janeiro	47,5%	79,8%	25,8%	71,7%	6,94
Blumenau	5,64	68,6%	37,6%	51,7%	Blumenau	49,8%	72,3%	33,6%	77,5%	6,73
Belo Horizonte	5,59	68,6%	39,6%	53,4%	Belo Horizonte	46,6%	73,1%	33,2%	81,6%	6,31
Campo Grande	5,58	68,9%	45,1%	51,3%	Campo Grande	51,6%	72,9%	26,7%	77,3%	6,52
Salvador	5,57	72,4%	40,0%	43,3%	Salvador	52,0%	72,0%	32,0%	76,0%	6,76
São Paulo	5,57	65,7%	49,5%	53,1%	São Paulo	45,6%	71,2%	28,8%	75,1%	6,90
Caxias do Sul	5,50	68,6%	32,9%	54,9%	Caxias do Sul	50,9%	74,0%	32,1%	80,5%	6,16
Joinville	5,35	66,1%	47,1%	47,8%	Joinville	47,4%	71,9%	25,5%	78,8%	6,85
Curitiba	5,35	61,2%	38,0%	53,6%	Curitiba	52,5%	74,3%	33,7%	76,4%	6,33
Ribeirão Preto	5,32	72,4%	36,7%	51,6%	Ribeirão Preto	47,6%	73,1%	30,5%	76,0%	6,44
Porto Alegre	5,22	68,6%	29,2%	55,6%	Porto Alegre	51,3%	79,8%	31,0%	70,4%	6,25
Maceió	5,15	72,0%	33,8%	46,2%	Maceió	52,4%	72,4%	26,2%	76,0%	6,76
Campinas	5,04	68,4%	32,6%	53,9%	Campinas	53,9%	69,5%	30,1%	74,5%	6,54
São José dos Campos	4,61	68,6%	28,4%	48,7%	São José dos Campos	48,7%	73,8%	30,6%	74,5%	6,46
Sorocaba	4,11	70,1%	31,7%	45,4%	Sorocaba	44,6%	65,3%	26,2%	80,1%	6,75
Brasília	4,08	66,1%	37,9%	47,7%	Brasília	44,8%	77,6%	26,0%	72,2%	6,33

Média	71,3%	40,1%	50,4%
Fonte	Endeavor	Endeavor	Endeavor
Ano	2015	2015	2015

Média	50,6%	73,8%	31,9%	77,5%	6,7%
Fonte	Endeavor	Endeavor	Endeavor	Endeavor	Endeavor
Ano	2015	2015	2015	2015	2015



## PERFIL DAS REGIÕES

# SUDESTE

	Valor	Varição
1º São Paulo	8,493	0
3º Campinas	7,300	2
5º Vitória	6,937	-2
6º São José dos Campos	6,864	0
8º Sorocaba	6,715	7
10º Ribeirão Preto	6,434	2
11º Belo Horizonte	6,429	2
14º Rio de Janeiro	6,228	-4
17º Uberlândia	5,819	1

## UMA CIDADE E UM ESTADO: SÃO PAULO

A região Sudeste, um destaque positivo desde a primeira edição do estudo, neste ano conseguiu aprofundar ainda mais sua competitividade em relação às demais regiões. **Em especial, as cinco cidades de São Paulo, agora entre as dez primeiras no índice geral, incluindo a capital, São Paulo, líder cada vez mais isolada.**

A boa infraestrutura é notável, seja pela qualidade de vida e custos mais baixos nas cidades do interior, seja pela conectividade de todas, e em especial da capital - como se verá a seguir. Como exemplo, as cinco cidades paulistas no estudo têm uma taxa média de 13,6 homicídios para cada 100 mil habitantes, comparada à 32,9 das demais cidades da região — com destaque negativo para Vitória, onde chega a 48,9 assassinatos para cada 100 mil habitantes.

A capital paulista é o centro econômico do País. Como visto desde a primeira edição deste estudo, São Paulo produz sozinha quase 10% do PIB nacional. Isso a ajuda a continuar recebendo quase 60% de todos os investimentos de capital de risco do Brasil — tendo aumentado a concentração em alguns indicadores de acesso a capital. No novo indicador sobre emissões de CNDs municipais, a cidade é a única a tirar a nota máxima (10). Mas os paulistanos ainda têm como principal desafio formar mão de obra altamente qualificada e, especialmente, em escala: a cidade ficou na 20ª posição neste pilar, a pior do Sudeste. Isso acontece porque, apesar da cidade produzir ótimos profissionais em suas universidades de ponta, eles são poucos para sustentar toda a demanda da cidade. Apenas 15,1% dos alunos do Ensino Superior estão em cursos de alta qualidade (contra 53% de Florianópolis, a líder isolada no quesito).

Enquanto a maioria das cidades já desaceleraram no PIB desta edição, Campinas teve um crescimento médio ainda maior passando de 3,5% entre 2011 e 2013 para 4,1% entre 2012 e 2014. As compras da prefeitura campineira para empreendedores aumentaram 16% no último ano e a cidade também surpreendeu no novo indicador de mobilidade urbana, com a 2ª colocação geral, mesmo com quase 1 milhão de habitantes. Também avançou consideravelmente na qualidade do ensino superior, em que tinha 17,1% dos alunos matriculados em cursos de alta qualidade e, agora, são 26,1%. Todos esses fatores ajudam a explicar a evolução da cidade da 5ª para a 3ª posição.

A sede do ITA e da Embraer, São José dos Campos (6ª), nesta edição lidera o Índice de Inovação, com a melhor proporção de trabalhadores na área de Ciência e Tecnologia: 14,1% do total de trabalhadores da cidade estão no setor. Apenas atrás de Caxias do Sul, é a cidade com mais investimentos do BNDES e da Finep para a área de inovação, proporcionalmente, com uma média de cerca de R\$ 16 mil concedidos por empresa empregadora da cidade.

Ainda há Sorocaba, oitava melhor no ranking final. Lá, há a maior porcentagem de jovens fazendo o ensino médio na idade certa: 81,9%, enquanto a média do estudo é de 61,3%. Além disso, o número de empresas do setor TIC e de economia criativa aumentou num ritmo maior do que a média das demais cidades. E, por fim, na lanterna do Estado, mas ainda muitíssimo bem colocada a nível nacional, Ribeirão Preto (10ª) possui impostos mais baixos: cobra o 4º menor IPTU e o 3º menor ISS do estudo, além apresentar de poucas atualizações tributárias municipais.

## RIO DE JANEIRO E BELO HORIZONTE ATRÁS DO POTENCIAL

Rio de Janeiro e Belo Horizonte possuem o segundo e quarto maiores PIBs municipais do País, mas amargam a 11ª e 17ª posições do ICE2016, respectivamente. **Essas duas grandes cidades possuem vigor econômico suficiente para melhorar seus números e serem mais atrativas aos empreendedores.**

Assim como São Paulo, ambas as cidades ficam atrás em indicadores usualmente piores em grandes metrópoles, como mobilidade urbana, custo de imóveis e custo dos salários dos dirigentes. Porém, ao contrário da líder São Paulo, ambas as cidades deixam a desejar em uma porção de outros indicadores.

Os cariocas possuem o pior ambiente regulatório da pesquisa, sendo o Rio a penúltima cidade em tempo de regularização de imóveis (210 dias) e a que mais altera suas regras de ISS e IPTU (59 alterações, com a média das demais cidades em 23). A cidade também teve queda de 32% nos investimentos de Private Equity. Apesar do número de empresas de tecnologia ter crescido 8,8% na cidade, a média de crescimento do setor nas 32 cidades do estudo é de 14,5%. Enquanto a média do IDEB dos anos finais do Ensino Fundamental nas 32 cidades aumentou 0,3, a média das escolas públicas do Rio não subiu, fazendo com que a cidade tivesse em 2015 a mesma nota medida em

2013. Todos esses resultados negativos em Acesso a Capital, Inovação e Capital Humano explicam como a cidade, já aquém do seu potencial, caiu mais quatro posições em relação à edição anterior do estudo.

A capital mineira até conseguiu evoluir duas posições nesta edição do estudo, ultrapassando o Rio, mas segue apenas na 11ª posição. Belo Horizonte conseguiu evoluir quatro

## CONEXÃO SUDESTE

O transporte interurbano dos municípios do Sudeste é o melhor entre as regiões. Mesmo que a maioria das cidades pesquisadas na região não esteja na costa, como é o caso de boa parte das cidades do Sul e Nordeste, a região conta com o Porto de Santos, o principal do País. **Quatro dos cinco maiores destinos aéreos brasileiros estão no Sudeste: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Campinas.** Esta última, inclusive, tem o maior terminal de cargas aéreas brasileiro, em Viracopos. Belo Horizonte ainda possui a maior malha

## UM GRANDE MERCADO COM MUITOS RECURSOS

Parte do padrão dos números de infraestrutura também é sentido nos indicadores de mercado. A soma do PIB das oito cidades do Sudeste, incluindo o do Rio de Janeiro, não ultrapassa o PIB da cidade de São Paulo (R\$ 541 bilhões contra R\$ 571 bilhões, respectivamente). Porém, do ponto de vista de crescimento médio do PIB, o destaque da região é negativo. As cidades do Sudeste tiveram o menor crescimento na média das regiões da pesquisa (1,3%, contra 2,4% da média das 32 cidades). Vitória e São José dos Campos, cada uma com um decréscimo de mais de 5%, puxam a região para baixo.

Ainda assim, o maior volume de operações financeiras com bancos também está no Sudeste, com uma média do volume de financiamentos de cerca de oito vezes o valor do PIB das

posições e chegar à liderança do indicador de infraestrutura tecnológica, já que é a cidade que mais recebe projetos de inovação do Senai, por exemplo. Apesar do avanço em inovação, a cidade cortou 28 mil vagas de ensino técnico no último ano. Outros indicadores, como a proporção de grandes empresas (24ª) ou a proporção de empresas exportadoras (18ª), fazem com que a cidade não chegue a estar entre as dez primeiras.

rodoviária e São Paulo reúne 19 das 20 melhores estradas. Olhando as condições urbanas de cada cidade do Sudeste, é possível perceber que, apesar de as capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte terem as três piores notas no indicador de mobilidade urbana (média de 1,7 numa escala até 10, com a média do estudo em 4,4), a média das outras cidades da região é de 6,3, com destaque para a primeira colocada Sorocaba, com nota 8.

cidades. São Paulo lidera esse indicador com folga, já que financia cerca de 23 vezes o valor da sua produção interna; Belo Horizonte também é destaque, com 11 vezes, enquanto a média é de 7 nas 32 cidades do estudo.

Esse grande mercado também gera a maior proporção de investimentos de Venture Capital. De todos os investimentos desse tipo no estudo, 85,7% estão no Sudeste, sendo 58,3% só na capital paulista. Em Private Equity, 81,9% dos investimentos estão no Sudeste e 55,1% na cidade de São Paulo. A concentração desses investimentos nas capitais paulista, fluminense e mineira infla o dado da região. Indo para o outro extremo, Vitória, Sorocaba e Ribeirão Preto, como também ocorre em cidades de outras regiões, não chegam a ter investimentos em Private Equity, por exemplo.

## DESCENTRALIZAÇÃO DA INOVAÇÃO E MÃO DE OBRA

O Sudeste disputa com a região Sul a liderança do pilar de inovação. As regiões estão tecnicamente empatadas nas médias gerais das notas desse pilar. **O Sudeste é a região que mais proporcionalmente recursos para inovação, mas fica atrás do Sul na proporção de negócios inovadores e patentes, ou seja, os resultados da inovação.** Além da liderança de São José dos Campos no quesito Inovação, a região é líder por pequena margem em infraestrutura tecnológica, com destaque ao número de projetos do Sibratex e do Senai em Belo Horizonte, e pela grande quantidade de empresas instaladas em parques tecnológicos do Rio de Janeiro (89), Campinas (96) e São José dos Campos (103). Vale ressaltar que apenas 14 cidades do estudo têm parques tecnológicos ativos, inclusive apenas cinco das nove do Sudeste.

O empate técnico com a região Sul em inovação também é encontrado em Capital Humano. A região Sudeste tem

alguns números melhores quando o assunto é mão de obra básica. Já quando os indicadores de mão de obra qualificada são comparados, o Sul se sai marginalmente melhor. Com exceção de Vitória, que tem 3,58% da população com mais de 15 anos fazendo cursos técnicos, sete das oito cidades do Sudeste ficam abaixo da média (1,8%) no indicador. Os resultados de mão de obra qualificada também variam bastante na região.

Apesar de ter a maior quantidade de formandos em cursos de graduação de alta qualidade, os salários dos dirigentes do Sudeste são, em média, 23% mais caros do que os do Sul, que tende a oferecer profissionais com níveis de qualificação semelhantes. Das nove cidades do Sudeste no estudo, cinco estão nos últimos lugares desse indicador, incluindo as mais caras São Paulo e Rio de Janeiro.

## INCONSISTÊNCIA BUROCRÁTICA

O ambiente regulatório das cidades do sudeste não se difere das demais cidades do estudo, onde complexidade também é a regra. Nenhuma das cidades costuma ter bons números em todas as áreas. A região vai bem, por exemplo, no novo indicador sobre a facilidade de emitir CNDs, com nota média de 7,1, na escala em que 10 é o máximo possível. Uberlândia, no entanto, obtém nota 1,5, ao mesmo tempo em que é a cidade mais rápida para se abrir

um negócio em todo o estudo. Essa inconsistência burocrática se repete nas demais cidades do Sudeste e de todo o estudo, o que mostra que os governos locais e estaduais precisam padronizar e simplificar seus processos. Só assim será possível que o Sudeste tenha um ambiente regulatório compatível com sua liderança econômica.

## GRANDES MERCADOS, POUCAS OPORTUNIDADES?

Outro aspecto em que a região não vai bem é o de Cultura Empreendedora. Com exceção de Vitória (10ª colocada), todas as cidades do Sudeste estão na metade de baixo da tabela. **Observa-se que, na região, é menor a incidência de potencial para o empreendedorismo de alto impacto** (a pontuação média no Sudeste é de 137,9, entre 200 possíveis, e chega a 140,2 no Nordeste). Apesar de a população apresentar bons resultados na atitude “Proatividade”, ou seja, a disposição para fazer acontecer e ir atrás dos resultados, há, em média, menos pessoas que

enxergam boas oportunidades de negócio em suas cidades, talvez influenciadas pelo tamanho e pela concorrência do mercado.

Outros indicadores explicam o fraco desempenho neste pilar. É o caso do apoio a familiares que pretendem empreender: as cidades do Sudeste registram as menores médias deste quesito — 46,6% afirmam que apoiariam um parente que desejasse empreender, comparado a uma média de 51% nas 32 cidades analisadas.

## EXEMPLOS QUE VÊM DE LÁ

### Sorocaba | Da agricultura para a inovação

A terra fértil que produzia algodão deu origem às indústrias têxteis e a cidade do interior paulista se desenvolveu no caminho da estrada de ferro Sorocabana. Ciclos de prosperidade que a transformaram em uma das principais cidades do interior paulista desde o século XVIII. Porém, a partir da década de 1970, a indústria têxtil que movia a cidade começou a perder competitividade. A cidade então passou a substituir suas fábricas antigas por novas indústrias mais modernas, atraídas por características que até hoje a cidade reforça.

Líder no pilar de mercado desta edição, Sorocaba hoje possui 1.500 indústrias e há quatro anos conta com um parque

tecnológico e uma nova montadora de automóveis. A proximidade com a capital e a logística de transporte, agora facilitada pela rodovia Castelo Branco, contribuíram para as novas oportunidades. Mas as indústrias também foram atraídas pela mão de obra qualificada, resultado da presença de sete faculdades e cinco universidades, entre elas entidades reconhecidas como PUC, UFSCAR e UNESP. Um ambiente fértil em inovação e pesquisa que deu origem a 80 startups na região, demonstrando que ainda se colhem bons frutos nessa terra.

Além dos bons profissionais, a infraestrutura também é acima da média: Sorocaba é a 2ª melhor cidade com

mais de 500 mil habitantes do país em saneamento básico e tem mais de 110 km de ciclovias, número proporcional ao de São Paulo. Índices que ajudam a explicar a segunda posição da cidade em infraestrutura esse ano. Para completar o cenário de desenvolvimento, um novo shopping foi instalado numa antiga fábrica de tecidos de 1881 e é emblemático de como tudo pode evoluir com base nas estruturas construídas no passado.

Sorocaba poderia ser hoje uma cidade à sombra do seu passado, mas conseguiu se reinventar aproveitando seu potencial logístico e humano, que sempre estiveram disponíveis na cidade. Fica o exemplo para outras cidades que nesse momento precisam se reinventar.

### São Paulo | Bom para testar, bom para crescer

#### A história de Thomaz Srougi

Gente, muita gente: é isso que Thomaz Srougi pensou quando montou a primeira clínica do Dr. Consulta, no bairro de Heliópolis, em São Paulo.

Com mais de 40 mil habitantes, uma das regiões mais pobres da cidade funcionou como laboratório do seu primeiro negócio. Validado o modelo de negócios, ainda havia mais de 20 milhões de pessoas só na região metropolitana para expandir a ideia, muitas delas precisando de

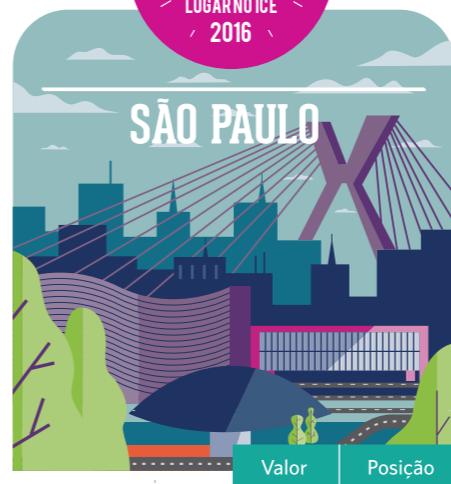
um atendimento médico de excelência, mas a baixo custo.

Mais do que clientes, a capital paulista também tem muitos talentos, com algumas das melhores faculdades na cidade. A combinação de um mercado gigante, com mão de obra qualificada, faz muita diferença, segundo Thomaz. “É verdade que o custo de vida e de contratação é muito mais alto, e deixa a coisa mais complexa, mas também faz com que

todos sejam mais exigentes: se der certo em São Paulo, dá em qualquer lugar”, ele diz.

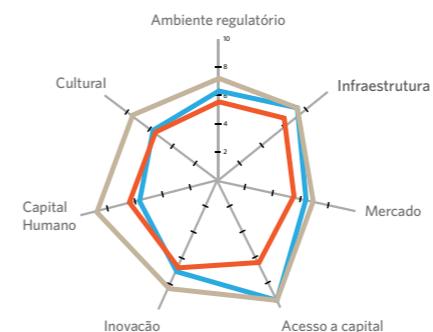
Está dando, e a rede de clínicas que nasceu em Heliópolis já ganhou outros 20 endereços. Todos em São Paulo, “sem ter o custo e a demora de operar à distância”. Quando a capital “ficar pequena”, o plano é ajudar a melhorar a saúde de todo o país. Ainda tem espaço, mas o Dr. Consulta anda rápido.

1º  
LUGAR NO ICE  
2016



	Ambiente Regulatório	6,61	11º
	Infraestrutura	8,16	1º
	Mercado	7,55	4º
	Acesso a capital	9,91	1º
	Inovação	7,29	4º
	Capital Humano	5,79	20º
	Cultura	5,93	20º

— São Paulo — Sudeste — Melhor nota do pilar

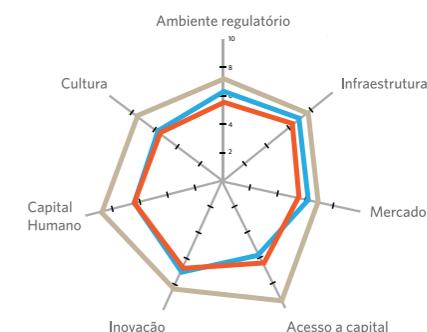


3º  
LUGAR NO ICE  
2016



	Ambiente Regulatório	6,75	9º
	Infraestrutura	7,33	3º
	Mercado	7,21	5º
	Acesso a capital	5,95	14º
	Inovação	7,12	6º
	Capital Humano	6,57	8º
	Cultura	5,59	24º

— Campinas — Sudeste — Melhor nota do pilar



5º

LUGAR NO ICE  
2016

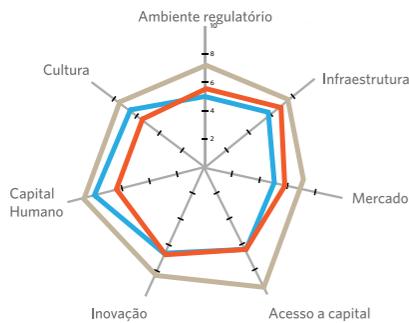


## VITÓRIA

Valor Posição

	Ambiente Regulatório	5,34	25º
	Infraestrutura	6,32	13º
	Mercado	5,19	26º
	Acesso a capital	6,54	7º
	Inovação	6,62	11º
	Capital Humano	8,05	2º
	Cultura	6,61	10º

— Vitória — Sudeste — Melhor nota do pilar



6º

LUGAR NO ICE  
2016

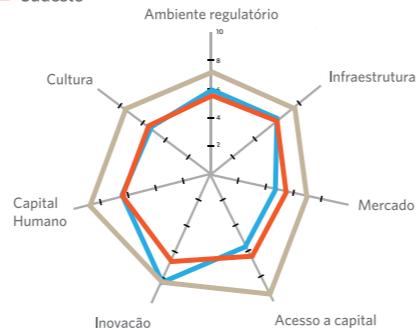


## SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Valor Posição

	Ambiente Regulatório	6,32	13º
	Infraestrutura	7,10	4º
	Mercado	5,51	19º
	Acesso a capital	5,30	25º
	Inovação	8,04	1º
	Capital Humano	6,69	6º
	Cultura	5,32	26º

— São José dos Campos — Melhor nota do pilar — Sudeste



8º

LUGAR NO ICE  
2016

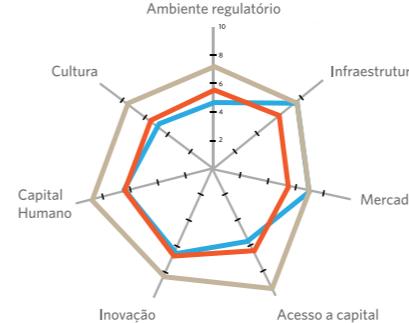


## SOROCABA

Valor Posição

	Ambiente Regulatório	4,97	28º
	Infraestrutura	8,04	2º
	Mercado	8,16	1º
	Acesso a capital	5,30	26º
	Inovação	6,33	14º
	Capital Humano	6,45	11º
	Cultura	5,00	27º

— Sorocaba — Sudeste — Melhor nota do pilar



10º

LUGAR NO ICE  
2016

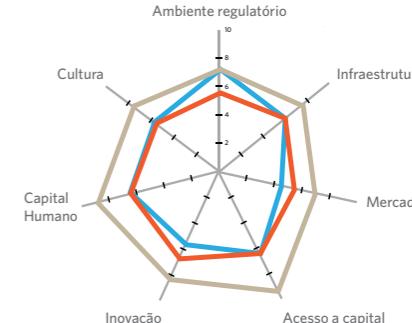


## RIBEIRÃO PRETO

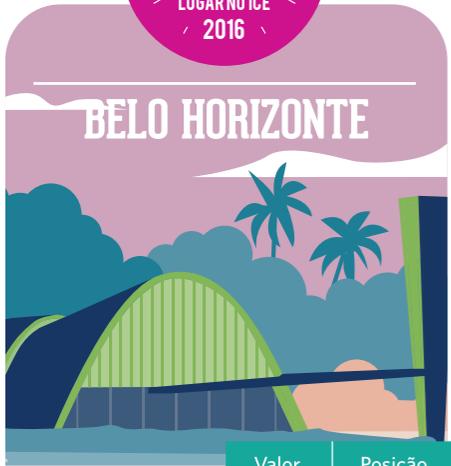
Valor Posição

	Ambiente Regulatório	7,10	6º
	Infraestrutura	6,90	6º
	Mercado	5,20	25º
	Acesso a capital	6,08	10º
	Inovação	5,54	17º
	Capital Humano	6,31	13º
	Cultura	5,77	23º

— Ribeirão Preto — Sudeste — Melhor nota do pilar



**11º**  
LUGAR NO ICE  
2016



## BELO HORIZONTE

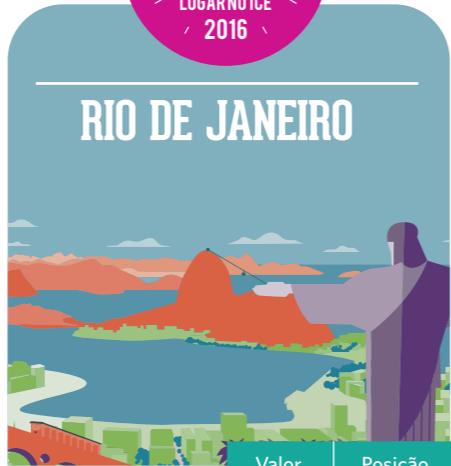
	Valor	Posição
--	-------	---------

Ambiente Regulatório	5,90	19º
Infraestrutura	5,84	17º
Mercado	6,23	11º
Acesso a capital	6,96	4º
Inovação	6,79	9º
Capital Humano	6,70	5º
Cultura	4,64	29º

— Belo Horizonte — Sudeste — Melhor nota do pilar



**14º**  
LUGAR NO ICE  
2016

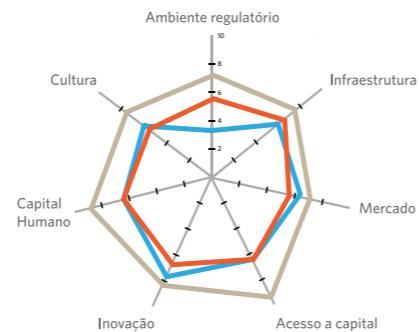


## RIO DE JANEIRO

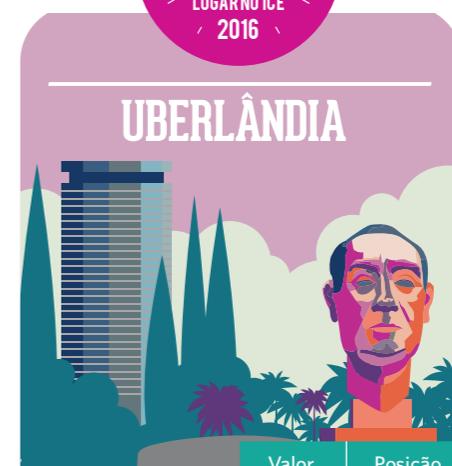
	Valor	Posição
--	-------	---------

Ambiente Regulatório	3,33	32º
Infraestrutura	5,97	16º
Mercado	7,08	6º
Acesso a capital	6,70	5º
Inovação	7,47	3º
Capital Humano	6,52	10º
Cultura	6,00	17º

— Rio de Janeiro — Sudeste — Melhor nota do pilar



**17º**  
LUGAR NO ICE  
2016

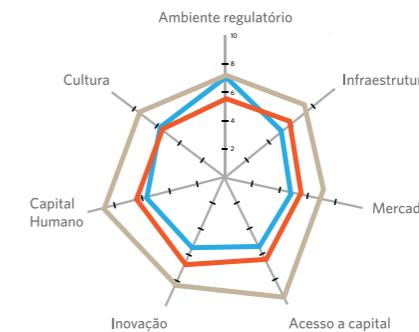


## UBERLÂNDIA

	Valor	Posição
--	-------	---------

Ambiente Regulatório	7,49	1º
Infraestrutura	5,65	18º
Mercado	5,75	15º
Acesso a capital	5,44	23º
Inovação	5,45	19º
Capital Humano	5,93	18º
Cultura	5,49	25º

— Uberlândia — Sudeste — Melhor nota do pilar



# SUL

	Valor	Varição
2º Florianópolis	8,324	0 <span>—</span>
4º Joinville	6,962	5 <span>▲</span>
7º Porto Alegre	6,751	0 <span>—</span>
9º Maringá	6,440	2 <span>▲</span>
12º Caxias do Sul	6,396	4 <span>▲</span>
13º Blumenau	6,324	7 <span>▲</span>
15º Curitiba	6,118	-7 <span>▼</span>
19º Londrina	5,706	-2 <span>▼</span>

## INOVAÇÃO PARA CRESCER

O Índice de Cidades Empreendedoras costuma mostrar que **as cidades do Sul possuem indicadores bastante competitivos com os da região Sudeste, mas com o custo de vida relativamente menor**. As duas regiões ocupam as 15 primeiras posições do ICE2016, e estão tecnicamente empatadas nos pilares de Inovação e Capital Humano, com médias equivalentes entre os grupos de cidades de cada região.

E é justamente nesses dois pilares que Florianópolis mais se destaca. **A ilha é líder da região e a segunda colocada no índice geral graças à grande oferta de profissionais bem qualificados, com boa oferta de insumos à inovação a um custo relativamente menor** que a maioria das principais metrópoles do estudo.

Em Inovação, Florianópolis é a segunda colocada, atrás apenas de São Paulo, sendo notáveis os resultados em Outputs - como também consegue o restante da região Sul, à frente do Sudeste nesta subdeterminante. Como exemplo, Blumenau e Florianópolis são as cidades com a maior proporção de

empresas do setor de tecnologia do estudo, com 2,9% e 2,8% das empresas empregadoras desse setor, respectivamente (a média do estudo é de 2%). **As quatro cidades com maior proporção de indústria inovadora estão no Sul, da líder Caxias, passando por Joinville, Blumenau e Maringá.**

Essas mesmas cidades, com exceção de Blumenau e a inclusão de Porto Alegre, estão entre as cinco que mais recebem proporcionalmente recursos da FINEP e do BNDES para inovação. Fora Maringá, Londrina e Curitiba, todas as outras cinco cidades do Sul estão nas seis primeiras colocações de proporção de empresas com patentes. Apesar dessa grande concentração de negócios inovadores, a região no geral fica marginalmente atrás do Sudeste no suporte à inovação. Um exemplo é o indicador de número de contratos de concessões de tecnologia, usados para as empresas cederem ou absorverem novas tecnologias. Enquanto o Sudeste conta com uma média de 2,3 contratos para cada mil empresas, o Sul possui 0,6 contrato para cada mil empresas.

## GENTE BOA PARA INOVAR

**O mesmo empate técnico entre Sul e Sudeste acontece no pilar de Capital Humano.** Florianópolis é novamente a líder desse pilar, isolada com seus bons números em mão de obra qualificada, presentes também em outras cidades do Sul. A capital catarinense é a única do estudo a ter mais da metade dos seus formandos de graduação em cursos de alta qualidade (a média do Sul é 26%, empatado com o Sudeste), fato que ocorre consistentemente desde a primeira edição do estudo.

Se há gente qualificada para trabalhar nas empresas, a região possui custos menores. Contratar um dirigente no Sul é quase 20% mais barato se comparado ao Sudeste. Olhando para as duas líderes, a diferença é ainda maior: em Florianópolis, líder do Índice de Capital Humano, o salário de um dirigente é

em média R\$ 5 mil, aproximadamente; enquanto isso, em São Paulo, apenas 20ª colocada nesse pilar, o valor é duas vezes maior, superior a R\$ 10 mil.

Já os indicadores de mão de obra básica são mais irregulares no Sul, mas ainda há muitos bons exemplos. Em Joinville, por exemplo, o IDEB alcança 5,5 para os anos finais, a nota mais próxima da média 6, equivalente à encontrada em países desenvolvidos. **Os bons números do fim do ensino fundamental curiosamente não se repetem no ensino médio, onde o Sudeste está melhor colocado.** Nas cidades do Sul, apenas 61,2% dos jovens estão matriculados no ensino médio na idade certa, contra 69,5% do Sudeste.

## CUSTOS BAIXOS E QUALIDADE DE VIDA

Todas as cidades sulistas analisadas estão entre as 15 melhores no quesito Condições Urbanas, com destaque para Blumenau, na segunda posição do subdeterminante.

A cidade catarinense tem o segundo mais baixo custo de imóveis (pouco acima de R\$ 3 mil), uma característica da região: em média, o valor do m<sup>2</sup> é 16,7% mais baixo que no Sudeste — e cerca 40% se comparado a São Paulo ou Rio. Além de imóveis mais em conta, o custo da energia também é o mais baixo, como os encontrados em Porto Alegre e Caxias.

## EM BUSCA DOS GRANDES MERCADOS

Entre as oito cidades do Sul analisadas, apenas Curitiba e Porto Alegre têm mais de um milhão de habitantes. Tratam-se essencialmente de cidades médias. Por isso, ainda que tenham custos baixos e ótima qualidade de vida, com bons profissionais e níveis de inovação, os empreendedores instalados na região em geral tendem a buscar mercados maiores para expandir seus negócios, como nas megalópoles São Paulo e Rio. Apesar de boa renda per capita e uma distribuição mais igualitária que no Sudeste, as cidades do Sul têm um PIB em média quatro vezes menor do que o encontrado nas cidades do Sudeste.

A boa notícia: mesmo com a desaceleração da economia já sentida neste ano do estudo, o Sul manteve seu crescimento do PIB em 2,9%, quase empatado com o Nordeste, onde a taxa é a maior, de 3,1%. O Sul também tem a melhor proporção de empresas exportadoras da pesquisa, com destaque para Caxias do Sul, com 2,2% de suas empresas buscando o mercado internacional — a média da região é 1% e, entre as 32 cidades analisadas, 0,58%.

Não ter grandes cidades como São Paulo e Rio também limita o acesso a investidores, especialmente fora das capitais. Em números absolutos, a região Sul é responsável por somente cerca de 10% dos investimentos Venture Capital e Private Equity e também dos empréstimos de bancos comerciais. A cidade de

Gastar menos não significa menor qualidade de vida, pelo contrário. Pode-se dizer que, se ainda longe do ideal, há avanços no acesso a internet rápida, que em cidades como Florianópolis ou Curitiba alcança mais de 15% da população. A mesma análise se faz com os índices de segurança, sendo a taxa de homicídios, ao menos, controlada em 23 assassinatos para cada 100 mil habitantes - o destaque negativo é Porto Alegre, com taxa em 46 mortos para cada 100 mil habitantes. Se não perfeito, há um trânsito ordenado, especialmente nas cidades menores, como em Blumenau (5ª melhor no indicador Waze/99) e Caxias do Sul (6ª).

São Paulo, líder isolada no Índice de Acesso a Capital, concentra sozinha quase 60% desses investimentos. Por isso, é um caminho natural para o empreendedor que busca investimentos, qualquer que seja sua cidade sede.

Ainda assim, é possível ver bons indicadores pelo Sul, e Porto Alegre e Florianópolis são os destaques no pilar, ainda que bastante atrás da capital paulista. A capital gaúcha concentra o maior saldo médio de poupança per capita de todas as 32 cidades: R\$ 37 mil contra a média de R\$ 11 mil, mostrando a capacidade de investimento da sua população. A cidade também fica na segunda colocação na proporção de empréstimos, com volume médio de 13,8 vezes o PIB da cidade, bem atrás de São Paulo (23,7), mas ainda assim muito acima da média (7,1). Já Florianópolis é a cidade com a melhor proporção de investimentos de fundos de risco da região Sul. Mesmo diante da desaceleração dos investimentos de Private Equity no País, Florianópolis conseguiu subir de cinco para sete investimentos dessa modalidade na cidade nos últimos anos. No absoluto, é pouco comparado aos 144 de São Paulo, mas reforça a mensagem da tendência da cidade se consolidar como uma das melhores alternativas ao investimento fora da região Sudeste.

## EXEMPLOS QUE VEM DE LÁ

### Porto Alegre | O caminho é Simplificar

Simplificar é uma palavra chave na vida de todo empreendedor diante da burocracia que atrasa e dificulta a abertura das empresas. É também o nome do projeto que está mudando esse quadro na cidade de Porto Alegre, uma iniciativa da Endeavor em parceria com o Governo do Estado do RS, a Prefeitura de Porto Alegre, Sebrae, PGQP e MBC.

O objetivo do **Projeto Simplificar** era facilitar a abertura de empresas e tornar a cidade referência no assunto. Para isso, foi preciso rever os processos dos órgãos envolvidos na abertura de empresas e eliminar os gargalos processuais, agregando tecnologia nas etapas de

abertura de empresas. Antes o processo envolvia diferentes órgãos municipais e estaduais, com diferentes procedimentos. E, para completar, com regras pouco claras, o empreendedor que deixasse de solicitar alguma licença poderia ser multado. Toda essa confusão burocrática para conseguir licenças e alvarás resultava em meses de espera.

Outro grande entrave era a Lei 14.376, conhecida como Lei Kiss, criada em 2014, após o incêndio na Boate de Santa Maria (RS). Para obter um alvará, todas as empresas deveriam ser vistoriadas pelo Corpo de Bombeiros, criando uma enorme fila de espera. Alterada este ano,

a nova lei prevê que empresas de baixo risco não precisarão passar pela vistoria, deixando o foco da corporação concentrado nas empresas com alto risco de incêndio.

Com a nova lei e a revisão dos procedimentos, foi criado um caminho único para o empreendedor e o processo passou a ser 100% eletrônico. Como resultado o tempo de abertura passou de 245 dias em 2014 para 82 dias em 2016, sendo 49 dias para empresas de baixo risco, que representam cerca de 80% dos pedidos de abertura de empresas da cidade e poderão ser regularizadas em apenas 5 dias quando o projeto estiver concluído.

### Joinville | O carioca que empreendeu no Sul A história de José Rizzo

O carioca Rizzo já tinha olhos para a região Sul desde os tempos de universidade, quando foi aos Estados Unidos estudar. Ao voltar, estava decidido em ir direto para lá, por ver na região qualidade de vida e boas condições para iniciar um negócio de tecnologia. Antes de empreender, no entanto, ele queria ganhar experiência em uma grande empresa.

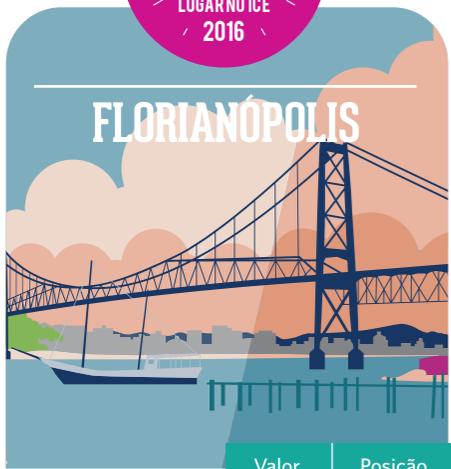
Conseguiu um emprego na Embraco (hoje Whirlpool), já uma das maiores empresas de Joinville, e se mudou de mala e cuia. Quatro anos depois, em 1996, lá mesmo fundou a Pollux, com foco na concepção de robôs para automação industrial. “Quando cheguei, o estado de Santa Catarina foi dividido por competências, e Joinville ficou

conhecida como uma cidade industrial”. Assim como a Pollux, a cidade é sede de grandes multinacionais do setor, como a empresa de seu primeiro emprego e a Tigre. Por isso mesmo, e por estar próxima aos portos de São Francisco do Sul, Itajaí e Paranaguá, exportação é uma prática comum para as empresas da cidade. Rizzo acredita ser esse um dos motivos para o estado se sair bem apesar da crise: “exportar está sempre na pauta”.

Porém, enquanto o transporte marítimo é um diferencial, o aéreo deixa a desejar. Rizzo reclama do aeroporto, com poucos voos e “sempre fechado por causa do tempo”. O empreendedor diz que a situação não faz sentido para o porte da cidade.

Agora, Rizzo aponta que o desafio é usar essa base para fazer a transição para a indústria digital. Com iniciativas como o JoinValley e trabalhando com universidades para formar o “profissional do futuro”, quer adicionar o conceito de internet das coisas à tradição da região. “Além de incentivar a criação de novos negócios na região, é extremamente positivo para os negócios já instalados, que têm mais chances de atrair investidores”. Ele se mudou para Joinville pela qualidade de vida e o passado industrial, mas hoje trabalha para o futuro chegar o quanto antes.

**2º**  
LUGAR NO ICE  
2016

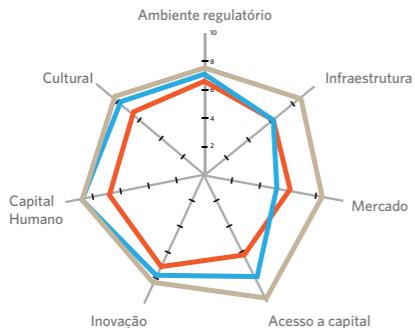


## FLORIANÓPOLIS

Valor	Posição
-------	---------

Ambiente Regulatório	6,88	8º
Infraestrutura	6,62	9º
Mercado	4,86	30º
Acesso a capital	7,57	3º
Inovação	7,47	2º
Capital Humano	8,90	1º
Cultura	7,34	4º

— Florianópolis — Sul — Melhor nota do pilar



**4º**  
LUGAR NO ICE  
2016



## JOINVILLE

Valor	Posição
-------	---------

Ambiente Regulatório	7,21	3º
Infraestrutura	6,83	7º
Mercado	5,84	13º
Acesso a capital	6,06	11º
Inovação	6,76	10º
Capital Humano	6,55	9º
Cultura	5,79	22º

— Joinville — Sul — Melhor nota do pilar



**7º**  
LUGAR NO ICE  
2016

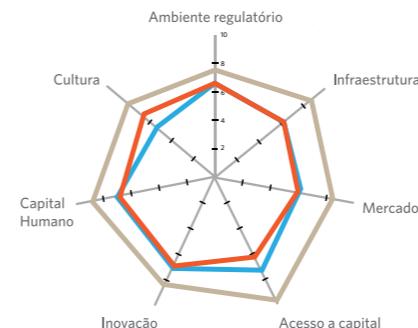


## PORTO ALEGRE

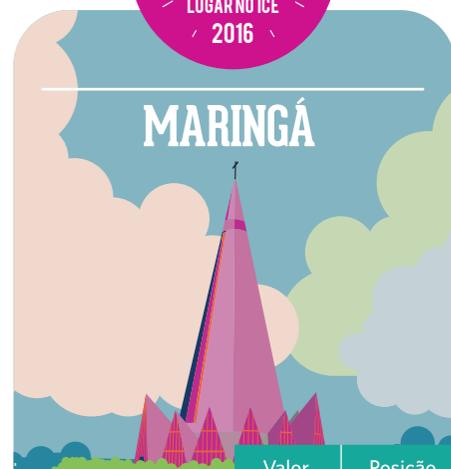
Valor	Posição
-------	---------

Ambiente Regulatório	5,58	21º
Infraestrutura	6,31	14º
Mercado	5,92	12º
Acesso a capital	7,85	2º
Inovação	6,99	7º
Capital Humano	6,80	3º
Cultura	4,45	30º

— Porto Alegre — Sul — Melhor nota do pilar



**9º**  
LUGAR NO ICE  
2016

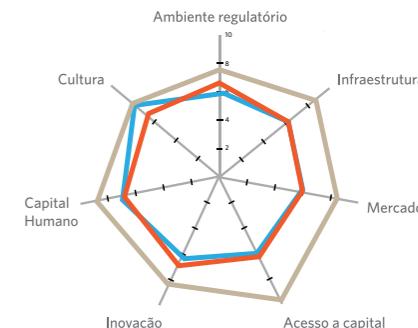


## MARINGÁ

Valor	Posição
-------	---------

Ambiente Regulatório	5,37	24º
Infraestrutura	6,58	10º
Mercado	5,68	17º
Acesso a capital	5,97	13º
Inovação	5,87	16º
Capital Humano	6,73	4º
Cultura	7,37	2º

— Maringá — Sul — Melhor nota do pilar



**12º**  
LUGAR NO ICE  
2016

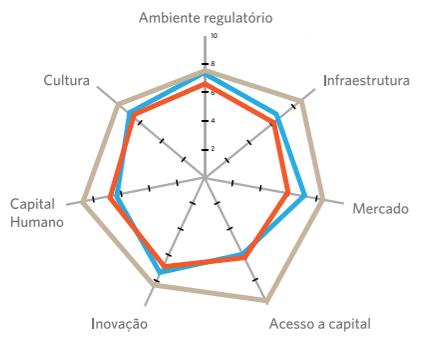


## CAXIAS DO SUL

	Valor	Posição
--	-------	---------

	Ambiente Regulatório	6,70	10º
	Infraestrutura	6,32	12º
	Mercado	7,04	9º
	Acesso a capital	5,59	19º
	Inovação	7,28	5º
	Capital Humano	5,15	26º
	Cultura	5,89	21º

— Caxias do Sul — Sul — Melhor nota do pilar



**13º**  
LUGAR NO ICE  
2016



## BLUMENAU

	Valor	Posição
--	-------	---------

	Ambiente Regulatório	6,04	16º
	Infraestrutura	7,01	5º
	Mercado	6,59	10º
	Acesso a capital	5,38	24º
	Inovação	6,87	8º
	Capital Humano	6,05	16º
	Cultura	4,68	28º

— Blumenau — Sul — Melhor nota do pilar



**15º**  
LUGAR NO ICE  
2016



## CURITIBA

	Valor	Posição
--	-------	---------

	Ambiente Regulatório	4,33	31º
	Infraestrutura	6,70	8º
	Mercado	7,07	7º
	Acesso a capital	6,57	6º
	Inovação	6,56	12º
	Capital Humano	6,63	7º
	Cultura	3,74	31º

— Curitiba — Sul — Melhor nota do pilar



**19º**  
LUGAR NO ICE  
2016

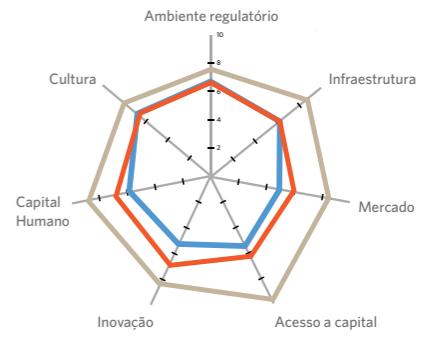


## LONDRINA

	Valor	Posição
--	-------	---------

	Ambiente Regulatório	6,09	15º
	Infraestrutura	6,54	11º
	Mercado	5,07	29º
	Acesso a capital	5,54	21º
	Inovação	5,48	18º
	Capital Humano	5,70	22º
	Cultura	6,12	15º

— Londrina — Sul — Melhor nota do pilar



# NORDESTE

	Valor	Varição
18º Recife	5,773	-14 ▼
20º Aracaju	5,620	3 ▲
22º Natal	5,541	3 ▲
23º Teresina	5,487	8 ▲
25º Salvador	4,961	-1 ▼
27º João Pessoa	4,945	-5 ▼
29º Fortaleza	4,826	1 ▲
30º São Luís	4,768	-3 ▼
32º Maceió	4,314	0 ▬

## DESENVOLVIMENTO BRECADO

Ao analisarmos as capitais nordestinas, a regressão em relação ao ICE2015 é evidente. Antes com tendência positiva de crescimento, **a região já mostra indicadores muito prejudicados em função da crise econômica no País**, seus efeitos indiretos e iniciativas instáveis. Houve resultados inferiores em diversos indicadores e, no agregado, nenhuma cidade ocupou a parte superior da tabela – com exceção do Recife, que, somente na 16ª posição, completa a primeira metade. Sete cidades nordestinas compõem os últimos lugares do ranking, sendo inclusive os últimos três colocados: São Luís, Fortaleza e Maceió, em ordem decrescente.

Apesar de liderar a região, a capital pernambucana é a cidade com maior queda em relação ao ano passado, de 12 posições no Índice Geral (havia sido a 4ª melhor do país em 2015), ainda que continue liderando a região. É reflexo da piora em todos os pilares analisados, com exceção de Cultura Empreendedora – que não teve novos dados auferidos.

Recife sofreu especialmente com suas condições de Mercado e Infraestrutura, caindo 7 e 14 posições, respectivamente. Neste segundo caso, o subdeterminante de Condições Internas, que analisa a qualidade de vida das cidades, sofre grande prejuízo, passando da 6ª para a 25ª posição. Além de obter somente a 29ª posição no novo indicador de mobilidade urbana (à frente apenas de Belo Horizonte, São Paulo e Rio), algo esperado para quem se locomove pela cidade, a insegurança também se faz notar: a taxa de homicídios, que vinha tendo uma queda constante nos últimos anos, teve aumento de 10% em relação ao

ano anterior, alcançando a taxa de 44 assassinatos para cada 100 mil habitantes.

Para piorar, cresceu em mais de 10% a tarifa de energia (enquanto na média nacional a elevação foi 2%), e o ritmo de expansão da banda larga de alta velocidade foi o mais lento entre todas as cidades, alcançando agora quase 10% da população (eram 7,4%). Ainda em Infraestrutura, a crise limitou a aviação comercial no País, e em especial o aeroporto do Recife, que perdeu voos e recebeu meio milhão de passageiros a menos.

**A crise econômica também afetou as condições de mercado da região.** A capital do frevo vinha crescendo em média acima de 7%, mas entre 2011 e 2013 já desacelerou para menos de 4%, com indicação de mais queda nas próximas edições. Efeito quase instantâneo, a arrecadação da Prefeitura do Recife diminuiu em termos reais, caindo também seu poder de compra. Apesar de uma leve diminuição no número de empresas da cidade, o montante gasto pelo poder público municipal para compras públicas caiu mais de 25% desde o ano passado, afetando aqueles empreendedores que atuam no mercado B2Gov.

O desafio do Recife e de todas as capitais nordestinas parece ser a consistência. **Para além dos esforços imprescindíveis em melhorar os pontos fracos, que são muitos, é preciso manter a constância nos pontos fortes.** As oscilações ainda são muitas, como mostram os dados e, principalmente, como os cidadãos e os empreendedores se sentem no dia a dia.

## MELHORANDO AOS POUCOS O CAPITAL HUMANO

Apesar de uma piora na média dos resultados gerais, é possível dizer que **algumas capitais nordestinas melhoraram seu capital humano**, apesar de a região ainda ter diversos desafios na área. Quatro capitais (Fortaleza, Natal, Teresina e Aracaju) estão entre as dez que mais posições subiram em comparação ao ano passado, e apenas Maceió, João Pessoa e Recife caíram (2, 4 e 6 posições, respectivamente). Houve maior avanço apenas no Sul do País.

Fortaleza avançou sete posições, apesar de ainda somente ser a 17ª no geral. A capital cearense teve um aumento significativo na proporção de matriculados nos ensinos técnico e profissionalizante, com quase 11 mil matrículas a mais se comparada a 2015. O mesmo ocorreu em diversas capitais nordestinas, como Natal e São Luís, que abriram cerca de 4 mil e 12 mil vagas, respectivamente.

Ainda sobre Fortaleza, a cidade reflete tardiamente um movimento que já acontece em todo o Estado, com sinais de melhora no ensino fundamental. O IDEB alcançou a nota de 4,2 – ainda baixa, mas 0,2 acima da meta proposta pelo Ministério da Educação.

Onde o ensino fundamental vem melhorando ainda mais é em Teresina, atingindo 4,6 no IDEB, acima da média das 32 cidades e da meta estipulada pelo MEC, sendo também a maior nota da região e uma das cidades que mais avançaram na avaliação, ao lado de Manaus e Florianópolis. Além disso, a capital do Piauí também foi a cidade que mais apresentou avanço na taxa líquida de matrículas no Ensino Médio, sendo que 65% dos jovens de 15 a 17 anos estão matriculados no ensino médio – no ano anterior, eram menos de 59%.

É preciso melhorar ainda mais, para diminuir o enorme déficit da região na área: Natal, a mais bem colocada, é apenas a 14ª no Índice de Capital Humano. **Esses bons resultados podem e precisam ser replicados por toda a região. Das dez piores cidades no Índice de Capital Humano, cinco são nordestinas.**

## ATRÁS NA TABELA

Na região, há muitos desafios em comum: a infraestrutura é precária, o capital está essencialmente concentrado no Sudeste, a inovação é limitada e o ambiente regulatório é complexo em níveis acima da média — que não é das melhores. Não por acaso, **em geral as capitais nordestinas aparecem na metade de baixo da tabela nesses determinantes.**

Entre todas as regiões, o Nordeste possui o pior ambiente regulatório da pesquisa. As piores posições das cidades nordestinas estão nos custos de impostos, sobretudo na alíquota de ICMS, que está em 16,28% (a média geral é 15,8%), com a segunda maior alíquota. Os destaques positivos da região no Ambiente Regulatório são Aracaju (4ª) e Teresina (7ª). Aracaju tem a menor fila dos tribunais do estudo (56,9%, contra a média de 66%), enquanto Teresina oferece um ambiente bem mais amigável para o pagamento do ISS e emissão de Certidão Negativa de Débitos.

**Acesso a capital sempre foi um subdeterminante sem muitos destaques para a região, e neste ano o cenário não mudou. Pelo contrário.** Não houve qualquer variação positiva, mas foi notável a queda do capital de risco de cidades que antes tinham números bons, como Fortaleza e Recife. Na capital cearense não houve sequer um investimento de Venture Capital, e uma queda de 39,4% nos investimentos de Private Equity. Nesta área, Recife foi uma das cidades mais afetadas pela queda

de investimentos em Private Equity, com uma redução de 54% de investimentos do tipo de um ano para o outro. Aracaju, Maceió, Natal e Teresina continuam sem investimentos de risco, e por isso ocupam as últimas posições.

Na área de inovação, também houve uma queda geral na média nordestina. A região está ativamente presente nas últimas posições com Natal, Fortaleza, São Luís e Maceió no 28º ao 32º lugar. Os investimentos da Finep e do BNDES caíram quase 20% e apenas as maiores, Fortaleza, Recife e Salvador, tiveram contratos de concessões tecnológicas. Apesar disso, como ocorreu na grande maioria das cidades, todas as cidades nordestinas aumentaram suas proporções de empresas nas áreas de Economia Criativa e Tecnologia em cerca de 12%.

As capitais nordestinas ainda precisam avançar muito também na qualidade de vida interna. **As condições urbanas deixam a desejar especialmente nos quesitos segurança** (são, em média, mais de 67 homicídios para cada 100 mil habitantes, quase o triplo do Sul e Sudeste) e o acesso a internet de alta velocidade (presente para 7,4% da população, quase a metade das regiões ao sul). As maiores cidades, Salvador, Recife e Fortaleza, também enfrentam os desafios das metrópoles: imóveis já não tão baratos e trânsito caótico.

## EXEMPLOS QUE VEM DE LÁ

### Teresina | Jovens conquistam empregos formais

Os índices de desemprego seguem elevados no país e os jovens entre 18 e 24 anos são os mais afetados. De acordo com o IBGE a taxa para os jovens está acima de 24%, enquanto o desemprego geral está em torno de 11%. Mas Teresina é uma das únicas capitais do país a aumentar a população jovem que possui emprego e trabalho, mesmo durante a crise. O investimento em educação certamente faz parte desse quadro positivo, confirmado pelos índices acima da média, principalmente na subdeterminante de mão de obra básica, onde é 4ª colocada em vagas de ensino técnico. Terezina também teve uma das maiores evoluções no IDEB: de 3,9 para 4,6, empatando com a sulista Florianópolis.

E na contramão da tendência nacional, a taxa de matrícula do Ensino Médio teve o maior avanço, de 58,7% para 65,7%.

Mas os resultados vieram principalmente da decisão estratégica de criar um Programa de Enfrentamento ao Desemprego e eleger uma atividade que se adequasse à necessidade de criação de muitos empregos, a partir de dois critérios: que fossem direcionados aos mais jovens e sem exigir experiência anterior. Com base em pesquisas, chegou-se então ao segmento de Call Centers, que possui um alto potencial de empregabilidade. O contato direto da Prefeitura com as empresas facilitou a instalação dessas empresas.

Para completar, foi aprovado um Projeto de Lei de incentivo fiscal à atividade, considerando as oportunidades de absorção de mão de obra. Expectativa que se materializou em um número crescente de empregos para os jovens: em 2013, foram criados 5.000 empregos, número que saltou para 12.000 em 2015. A cidade se destacou como a 1ª do ranking entre as capitais brasileiras com o maior saldo positivo de postos de trabalho, para o período de Janeiro a Maio de 2015. O programa foi reconhecido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), como uma experiência inovadora que servirá de referência para a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no Brasil a partir de 2016.

### Recife | Uma cidade que precisa adotar a inovação que cria A história de André Ferraz

A Universidade Federal de Pernambuco é, para André Ferraz, fundador da In Loco Media, o ponto inicial e de maior relevância para o contato do empreendimento com a cidade. Foi em uma disciplina do seu curso de graduação em ciência da computação que ele desenvolveu a ideia do seu negócio atual.

Quando a ideia se tornou um negócio, a universidade foi essencial para contratar talentos.

Apesar da queda de Recife no ranking geral, André não teve dificuldades em contratar. A In Loco Media hoje é composta por uma equipe de 55 técnicos, 100% recifenses, sendo que 10

deles estavam trabalhando nos Estados Unidos antes de integrar sua equipe.

Tirar a ideia do papel, porém, não foi nada fácil. "Do ponto de vista burocrático, tivemos bastante dificuldade em abrir a empresa, porque tínhamos o aporte de investidores externos", o que deixa o acordo societário mais complexo, algo ainda incomum na cidade. Em compensação, hoje a In Loco recebe o benefício fiscal dado às empresas de tecnologia que fazem parte do Porto Digital.

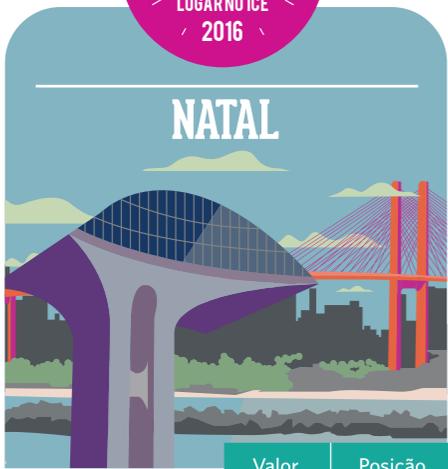
Hoje, a empresa, é um dos exemplos de empresas da cidade com tecnologia para competir a nível global. Ele mesmo afirma que os novos empreendedores

de tecnologia da região estão, cada vez mais ambiciosos, agressivos e com um pensamento global, graças à mesma disciplina que André cursou, ao Porto Digital e ao aumento da prática de intercâmbio dos alunos da universidade.

O desafio agora é mudar a mentalidade dos clientes: como o mercado tecnológico não é muito desenvolvido, "não há competição, então a necessidade por inovação não é tão grande". Segundo ele, por isso os clientes acabam tendo uma mentalidade mais conservadora, dificultando a validação de novas ideias na cidade, o que pode os levar a migrar o negócio para São Paulo. O ideal, para André, é que a cidade "adote a inovação, além de criá-la".



**22º**  
LUGAR NO ICE  
2016

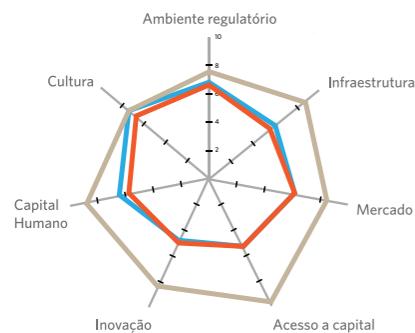


## NATAL

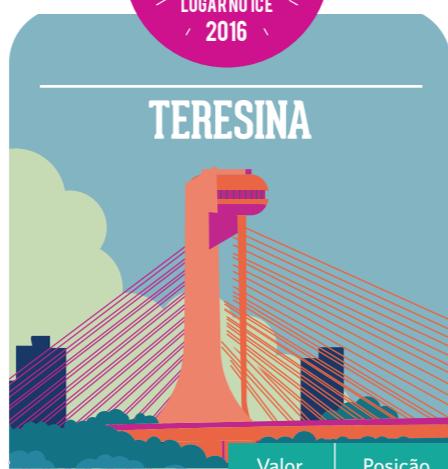
	Valor	Posição
--	-------	---------

	Ambiente Regulatório	6,20	14º
	Infraestrutura	5,51	23º
	Mercado	5,16	27º
	Acesso a capital	5,29	28º
	Inovação	4,80	28º
	Capital Humano	6,18	14º
	Cultura	7,44	1º

— Natal — Nordeste — Melhor nota do pilar



**23º**  
LUGAR NO ICE  
2016

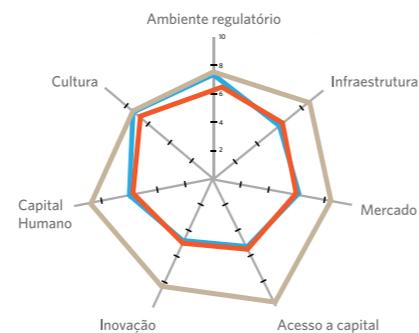


## TERESINA

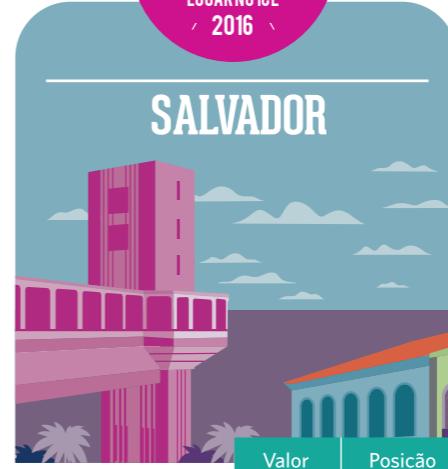
	Valor	Posição
--	-------	---------

	Ambiente Regulatório	7,08	7º
	Infraestrutura	5,15	27º
	Mercado	5,38	23º
	Acesso a capital	5,17	30º
	Inovação	4,77	29º
	Capital Humano	5,77	21º
	Cultura	7,35	3º

— Teresina — Nordeste — Melhor nota do pilar



**25º**  
LUGAR NO ICE  
2016

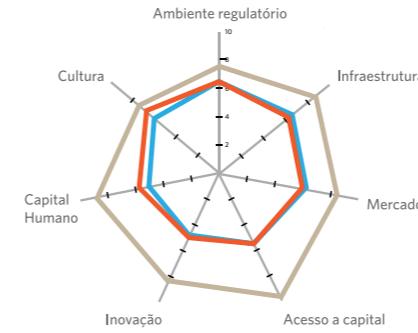


## SALVADOR

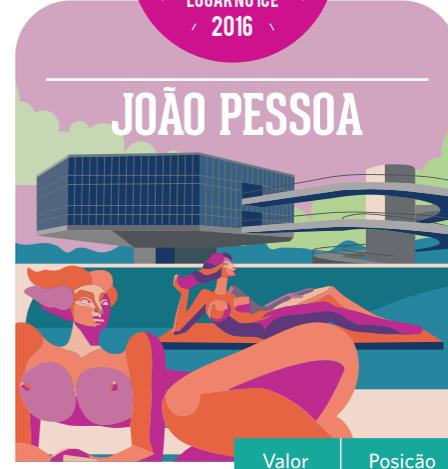
	Valor	Posição
--	-------	---------

	Ambiente Regulatório	5,94	17º
	Infraestrutura	5,63	19º
	Mercado	5,64	18º
	Acesso a capital	5,67	16º
	Inovação	5,11	26º
	Capital Humano	4,61	28º
	Cultura	5,93	19º

— Salvador — Nordeste — Melhor nota do pilar



**27º**  
LUGAR NO ICE  
2016



## JOÃO PESSOA

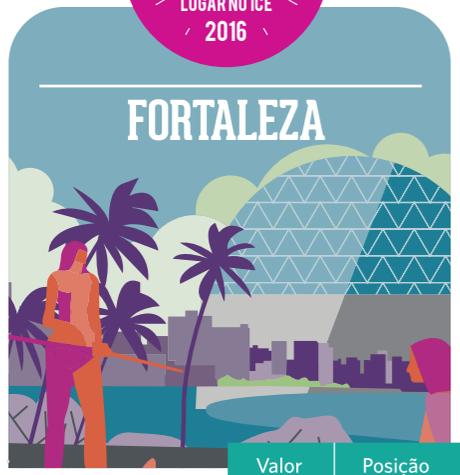
	Valor	Posição
--	-------	---------

	Ambiente Regulatório	4,98	27º
	Infraestrutura	5,56	22º
	Mercado	4,36	32º
	Acesso a capital	5,55	20º
	Inovação	5,27	23º
	Capital Humano	5,68	23º
	Cultura	6,48	12º

— João Pessoa — Nordeste — Melhor nota do pilar



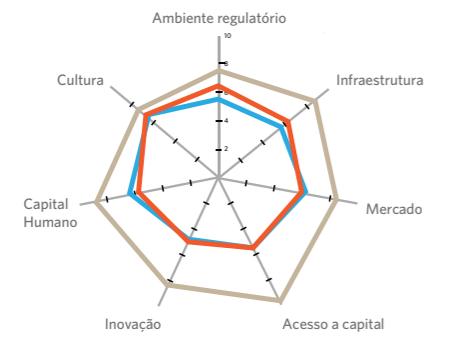
29º  
LUGAR NO ICE  
2016



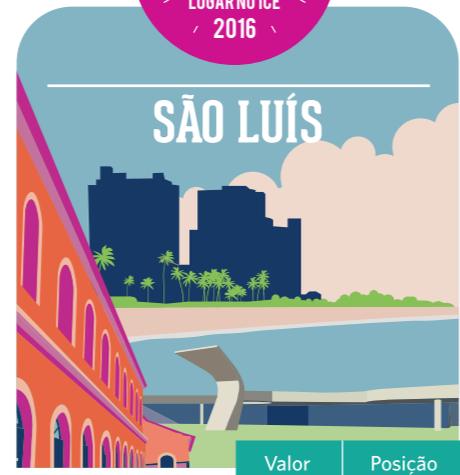
## FORTALEZA

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	4,79	29º
Infraestrutura	4,84	29º
Mercado	5,48	20º
Acesso a capital	5,52	22º
Inovação	4,76	30º
Capital Humano	5,97	17º
Cultura	6,67	9º

— Fortaleza — Nordeste — Melhor nota do pilar



30º  
LUGAR NO ICE  
2016



## SÃO LUÍS

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,14	26º
Infraestrutura	4,84	28º
Mercado	5,72	16º
Acesso a capital	5,16	31º
Inovação	4,74	31º
Capital Humano	5,61	24º
Cultura	6,85	7º

— São Luiz — Nordeste — Melhor nota do pilar



32º  
LUGAR NO ICE  
2016



## MACEIÓ

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,93	18º
Infraestrutura	5,22	26º
Mercado	4,65	31º
Acesso a capital	5,22	29º
Inovação	4,43	32º
Capital Humano	4,22	32º
Cultura	6,58	11º

— Maceió — Nordeste — Melhor nota do pilar



# CENTRO-OESTE

	Valor	Varição
16º Brasília	5,891	3 ▲
21º Goiânia	5,619	-7 ▼
24º Cuiabá	5,455	4 ▲
31º Campo Grande	4,667	-10 ▼

## UMA REGIÃO LONGE DO CENTRO EMPREENDEDOR

O Centro-Oeste pode até estar próximo ao centro do País em relação à sua posição geográfica, mas está distante quando o assunto é empreendedorismo.

Os quilômetros que separam a região dos grandes centros econômicos existem e não só atrapalham a locomoção de pessoas e mercadorias como a colocam distante da inovação e do capital financeiro.

Para o porto mais próximo, por exemplo, são cerca de mil quilômetros. Os aeroportos poderiam compensar, mas, exceção à Brasília, são pequenos. Resultado: **é difícil chegar lá, seja por mar, estradas ou por cima.** No índice de Transporte

Interurbano, a melhor colocada é Brasília, somente na 20ª posição, muito por seu aeroporto, o terceiro maior do País.

Com alguma responsabilidade das distâncias físicas, a inovação e os recursos também acabam ficando afastados. Nos últimos cinco anos, em toda a região foram somente seis investimentos de Venture Capital registrados (um a menos que o registrado no ICE2015), e outros nove pela indústria de Private Equity. Destes, quatro aconteceram em Cuiabá, todos contabilizados este ano, levando a capital matogrossense à sexta posição na comparação proporcional. Não parece ruim, mas, olhando para a cidade de São Paulo, com seus mais de 250 investimentos, parece muito pouco.

## CENTRO-OESTE NA MÉDIA

Especialmente nas áreas de inovação e educação, a região mais central do país não se destaca tanto quanto o Sul ou Sudeste, mas não chega a ter condições tão frágeis quanto as mais ao norte. Nesses dois aspectos, os dados e posições em geral estão próximos às médias gerais, com tendência à segunda metade da tabela.

Há pontos positivos isolados, como as notas do IDEB para os anos finais em Goiânia e Campo Grande (com notas 4,9 e 4,8, nas 5ª e 6ª posições, respectivamente), mas os resultados das capitais do Centro-Oeste são intermediários. Um bom exemplo disso é a qualidade do ensino superior - deficiente em quase

tudo o País: 14,1% dos universitários se formam em cursos de alta qualidade por lá; a média no Sul e Sudeste é 26,1%, enquanto no Norte e Nordeste, 13,8%.

Na área da inovação, em que a região já não se destacava, Brasília e Cuiabá foram responsáveis pelas maiores quedas de posições entre todas as cidades analisadas. A capital federal principalmente por ter perdido quase 70% dos investimentos públicos do BNDES e da Finep. Já a cidade matogrossense, que havia feito 13 contratos de concessões de inovação em 2013, fez apenas um entre 2014 e 2015, caindo no Índice de Inovação seis posições, para a 24ª.

## CUSTOS E BUROCRACIA ENXUTOS

Se em geral a região não conta com grandes destaques em quaisquer dos pilares, algo que une essas capitais são os custos abaixo da média, especialmente em Cuiabá, Campo Grande e Goiânia. A começar pelo valor dos imóveis, que em Campo Grande é inferior a R\$ 3 mil o m², o mais baixo entre as analisadas. Cuiabá (R\$ 3,5 mil) e Goiânia (R\$ 3,9 mil) também apresentam números bastante abaixo da média geral (R\$ 4,4 mil). **Se os talentos não são tão abundantes como em cidades ao sul, ao menos o custo de contratação é inferior**, com salários de dirigentes em R\$ 4.148, na média destas três capitais — em Brasília, a média ultrapassa R\$ 5.700.

**O Ambiente Regulatório do Centro-Oeste, além de ser menos custoso, também apresenta condições menos complexas.** Os

impostos em geral estão abaixo da média: o IPTU médio da região, por exemplo, é 0,85% sobre o valor venal, e fica em torno de 1,4% nas demais regiões. Campo Grande se destaca pela abertura de empresas, onde se levam em média 61 dias e pode-se chegar a 47 para empresas de Serviços (a média das analisadas é 119 dias). Regularizar imóveis em Cuiabá também é mais rápido: são necessários cerca de 127 dias, o que é muito, mas ainda assim um mês a menos que a média das 32 cidades.

Como em algumas outras do País, nas duas cidades as empresas também são dispensadas das obrigações acessórias municipais se emitirem Nota Fiscal Eletrônica, diminuindo a burocracia para o pagamento de impostos.

## (DES)VANTAGENS DE SER A CAPITAL FEDERAL

Como vem sendo apresentado desde a primeira edição deste estudo, Brasília, somente a 16ª melhor no Índice Geral, sofre as consequências e também tira proveito de ser o centro político nacional. Por não ter governo municipal, o Distrito Federal apresenta um sistema tributário menos custoso e complexo, levando a cidade à vice liderança no Índice de Ambiente Regulatório. Como exemplo, por lá as obrigações acessórias estaduais são mais simples, só atrás do Recife (PE) e de Natal (RN), e pode-se contar ainda com o menor ICMS entre as analisadas (inferior a 12%, enquanto a média é de quase 16%) e taxas também abaixo da média para o ISS e IPTU. Mesmo assim, os gastos públicos conseguem ser os maiores entre todas as cidades analisadas, o que por si só atrairia empresas que atuam no mercado B2Gov - e ainda há a proximidade com o Governo Federal, facilitando a conexão com esse ente.

Também por ser a capital do País, **Brasília é uma das maiores e mais ricas cidades — ainda que a desigualdade seja alta.** Além de o governo local ser o que mais gasta, seu PIB é inferior apenas ao de São Paulo e Rio, há também grandes empresas instaladas e o PIB per capita chega a ser o segundo mais alto entre as analisadas, quase R\$ 63 mil ao ano (mais de quatro vezes a média, de R\$ 14 mil ao ano). A má distribuição de renda, no entanto, prejudica o mercado local: é a sexta pior, com índice de Gini igual a 0,637 (em uma escala entre 0 e 1, sendo 1 o mais desigual possível), enquanto a média das 32 cidades analisadas é de 0,588, já alta.

Por outro lado, não é errado dizer que em Brasília o funcionalismo público é muito mais bem visto do que o empreendedorismo. Os dados dizem isso: **Brasília ocupa a última posição no índice Cultura Empreendedora** (que não teve nova coleta de indicadores, mas ainda assim é válida a menção). Um reflexo, principalmente, do pensamento familiar: entre os brasilienses, cerca de 28% concordam com a seguinte afirmação: “caso alguém próximo a mim (filhos, esposo/a etc.) resolvesse empreender, seria difícil apoiá-lo”. É a pior taxa entre todas as 32 cidades (a média é de 23%).

O mesmo não acontece com as demais capitais da região: Goiânia lidera, na 5ª posição no Índice de Cultura Empreendedora, seguida de Cuiabá (13ª) e Campo Grande (18ª). A cidade goiana é onde mais pessoas discordam ser “difícil empreender” (44%, sendo a média geral 32%), mas também se destaca pelo incentivo entre a família para seguir a carreira empreendedora e pela percepção da presença do empreendedorismo na mídia. Esta última também é uma característica de Campo Grande, onde mais de 45% da população veem empreendedores com frequência na mídia local (a média é 40%, e chega a menos de 30% em cidades mais ao sul, como Porto Alegre e São José dos Campos). Já em Cuiabá, além de ser uma cidade onde a população tem “Sonho Grande” (4ª melhor nesse aspecto), mais de 76% acreditam que o desenvolvimento local depende dos empreendedores (7ª maior taxa e 10 pontos percentuais a mais que em Sorocaba, por exemplo).

A comparação é feita de forma retroativa, não comparada diretamente com os dados do ICE2015, já que houve revisão nos números por parte do BNDES.

## EXEMPLOS QUE VÊM DE LÁ

### Cuiabá | Empreendedorismo é prioridade

A distância dos grandes centros econômicos do país provoca a fuga dos melhores cérebros de Cuiabá, inviabilizando o potencial inovador do estado. Um desafio que o Governo do Estado do Mato Grosso está vencendo com iniciativas destinadas a desenvolver o empreendedorismo de alto impacto. Entre elas destaca-se a Arena da Inovação, que agora compartilha com os jogos de futebol o espaço da Arena Pantanal. O estádio teve salas adaptadas para alocar o escritório de prioridades estratégicas e abrigar eventos sobre inovação e empreendedorismo.

Além de centralizar as ações de inovação, o governo também promove eventos

e iniciativas de fomento à cultura empreendedora como o Startup Weekend Cuiabá, a Conferência Anprotec e o MT Stars, inspirado no SP Stars, um programa de mentoria continuada para novos empreendedores. Tem ainda o projeto Comunidades Inovadoras, que promove o Arduino Day (Hardware), FrontIn Cuiabá (Desenvolvedores) e Choice Day (Negócios de Impacto Social). Para fortalecer o estado, as ações de incentivo ao empreendedorismo estão sendo ampliadas para Pólos de Inovação em Rondonópolis e Sorriso, que envolvem mais de 30 municípios no entorno.

Para fortalecer a economia criativa implementou o MT Criativo com a

Secretaria de Cultura; o primeiro hackathon de Cuiabá, em parceria com o AngelHack, a maior comunidade global de hackathons; e o GovLab Experience para ativar a célula empreendedora nos servidores. No final do ano acontece o II Startup Weekend Cuiabá com o tema Smart Cities, para aproximar Governo das soluções criadas pela comunidade e o Pitch Gov MT, inspirado no Governo do Estado de São Paulo, que conecta os problemas das Secretarias para startups no Brasil inteiro resolverem. Trazendo iniciativas de fomento ao empreendedorismo inovador para Cuiabá, o Governo do Mato Grosso começa a compensar o isolamento dessa região central do Brasil, conectando o Centro-Oeste com as tendências mundiais.

### Campo Grande | Nascido, criado e vivido A história de Ricardo Nantes

No ano em que o estouro da bolha da internet transformou milhares de sonhos virtuais em pesadelos reais, Ricardo Nantes começou sua odisséia eletrônica. Corria o ano de 2001 e, na contramão das manchetes pessimistas, o então estudante de farmácia criou um site para fornecer informações técnicas a farmacêuticos brasileiros. A experiência deu certo e o site de farmácia imaginado pelo garoto curioso do Centro-Oeste evoluiu para se tornar o maior portal de cursos livres no Brasil.

Como gosta de dizer, Ricardo é “nascido, criado e vivido” em Campo Grande.

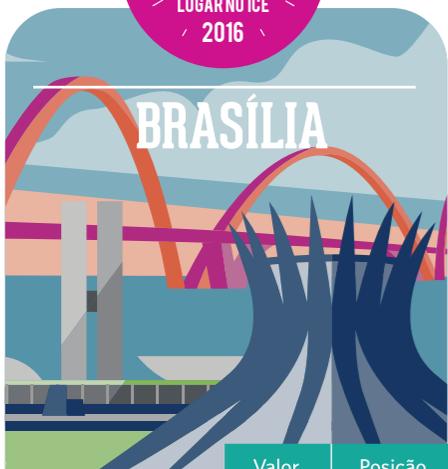
E, orgulhoso da terra natal, nunca pensou em morar e empreender em outra cidade. “Mesmo não estando nos grandes centros, eu conseguia ir atrás do conhecimento. Eu ia buscar os clientes fora, mas desenvolvia aqui”, diz. E ter feito isso foi crucial: “se eu fosse fazer o mesmo em São Paulo, o custo teria sido muito alto e eu não teria tido o fôlego financeiro para encarar o começo”.

Além de precisar investir menos no começo, Ricardo sempre aproveitou a qualidade de vida da cidade. “Não tem tanto problema com trânsito, e a cidade é pequena, então em 15 minutos eu

atravesso Campo Grande inteira”, dando inveja a muitos moradores de cidades maiores: “eu almoço em casa todo dia! Eu e meu time, e isso dava mais produtividade para todo mundo”. Segundo ele, a qualidade de vida ajuda também na hora de atrair gente boa, muitas vezes de fora, já que a cidade não forma todos os talentos necessários, principalmente em áreas mais específicas.

Depois de vender o Portal Educação, hoje tem os recursos que antes faltavam. Mas nunca pensou em mudar de cidade. E nem deixar de empreender. Sempre em Campo Grande.

**16º**  
LUGAR NO ICE  
2016



# BRASÍLIA

Valor	Posição
-------	---------

Ambiente Regulatório	7,46	2º
Infraestrutura	5,62	20º
Mercado	7,63	3º
Acesso a capital	6,39	8º
Inovação	5,25	25º
Capital Humano	5,59	25º
Cultura	3,69	32º

— Brasília — Centro-Oeste — Melhor nota do pilar



**21º**  
LUGAR NO ICE  
2016



# GOIÂNIA

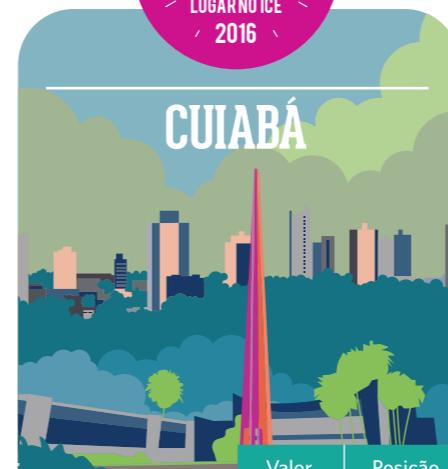
Valor	Posição
-------	---------

Ambiente Regulatório	5,53	23º
Infraestrutura	5,60	21º
Mercado	5,14	28º
Acesso a capital	5,91	15º
Inovação	5,35	22º
Capital Humano	6,10	15º
Cultura	7,13	5º

— Goiânia — Centro-Oeste — Melhor nota do pilar



**24º**  
LUGAR NO ICE  
2016

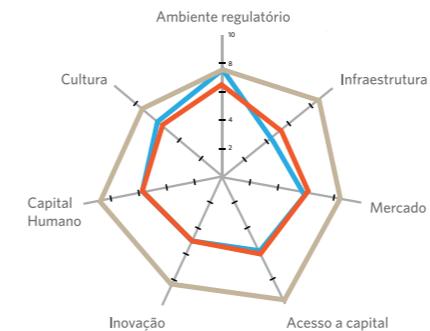


# CUIABÁ

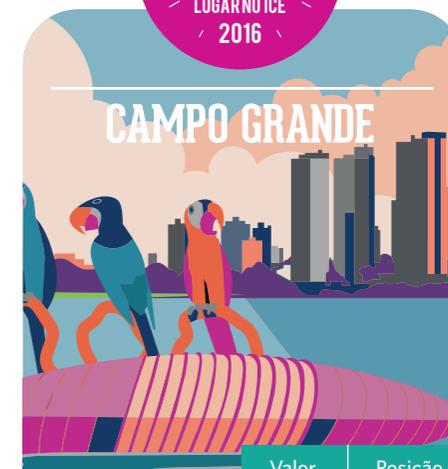
Valor	Posição
-------	---------

Ambiente Regulatório	7,18	5º
Infraestrutura	4,23	31º
Mercado	5,47	22º
Acesso a capital	6,16	9º
Inovação	5,26	24º
Capital Humano	5,90	19º
Cultura	6,28	13º

— Cuiabá — Centro-Oeste — Melhor nota do pilar



**31º**  
LUGAR NO ICE  
2016

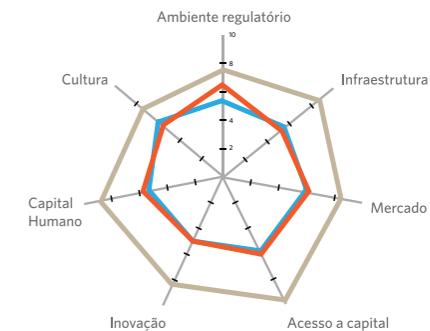


# CAMPO GRANDE

Valor	Posição
-------	---------

Ambiente Regulatório	4,70	30º
Infraestrutura	5,41	24º
Mercado	5,75	14º
Acesso a capital	5,66	17º
Inovação	4,96	27º
Capital Humano	4,99	27º
Cultura	5,93	18º

— Campo Grande — Melhor nota do pilar — Centro-Oeste



# NORTE

	Valor	Varição
26º Belém	4,948	3 ▲
28º Manaus	4,944	-2 ▼

## O NORTE DO EMPREENDEDORISMO ESTÁ AO SUL

O Norte, além de pouca população e renda mais baixa, também está distante dos grandes centros econômicos do País e ainda preserva grandes regiões de floresta, o que torna o desafio do seu desenvolvimento uma questão ainda mais complexa do que a de outras regiões.

Como nas últimas edições, apenas duas capitais da região Norte estão representadas neste estudo: Manaus e Belém — o que por si só mostra o quanto a região ainda precisa se desenvolver. Essas cidades têm o mérito de concentrar boa

quantidade de scale-ups — o critério adotado para a formação da lista de cidades analisadas.

As duas cidades, assim como no ano passado, continuam entre as últimas no Índice geral. Belém (de 29ª para 26ª) e Manaus (de 26ª para 28ª) até conseguiram evoluir em alguns indicadores, mas, assim como no restante do País, vários indicadores sofreram quedas devido à crise econômica nacional, afastando ainda mais as duas maiores cidades do Norte do patamar de ambiente de negócios encontrado nas melhores cidades.

## A CULTURA EMPREENDEDORA COMO BASE

Os empreendedores das duas capitais do Norte podem aproveitar uma maior inclinação cultural local ao empreendedorismo, se comparada à grande maioria das analisadas. Na capital amazonense e em Belém, por exemplo, 77% e 76% dos residentes, respectivamente, acreditam que o empreendedor ocupa uma posição reconhecida e respeitada na sociedade (Aracaju, a líder desse indicador, tem 81% e a média do estudo está em 71,3%).

Alguns fatores contribuem para isso. Um deles é o costume de acompanhar casos de empreendedores por meio da mídia: 43% dos manauaras afirmaram fazê-lo, assim como 40% dos belenenses (Porto Alegre, última colocada no indicador, tem resultado inferior a 30%). **Quanto ao potencial empreendedor, tanto Manaus quanto Belém registram desempenho intermediário.** A capital amazonense é a 10ª colocada, com 140 pontos (entre 200 possíveis), ligeiramente acima da média. A população local se destaca em Visão de Oportunidades — ou seja, na possibilidade de as pessoas encontrarem novas oportunidades de negócio —, quesito em que ocupa a 4ª posição. Já Belém, no total do subdeterminante, está na 17ª posição.

Essa inclinação ao empreendedorismo pode estar contribuindo para as excelentes posições que as duas cidades estão ocupando nesta edição no pilar de Mercado, mesmo com as

consequências da crise já podendo ser medidas. Manaus conseguiu sustentar sua segunda posição do ano passado pelas características que já apresentava. A presença da Zona Franca faz com que a cidade seja convidativa a novos empreendedores que vendem para as grandes empresas ali instaladas, evidenciada pela liderança no indicador da proporção de empresas grandes e médias por empresas de pequeno porte. Belém também se sai bem, com a segunda posição. A capital do Pará ganhou sete posições em relação ao ano passado e ficou em oitavo lugar no Índice de Mercado pelo avanço do seu PIB, que subiu 3,7% na média entre 2012 e 2015, enquanto nas cidades pesquisadas está em 2,4%.

A alta proporção de grandes empresas em Belém e em Manaus favorece suas respectivas posições no pilar de Inovação. Ambas as cidades não tiveram variações nas suas posições em relação ao ano passado neste pilar (13ª para Manaus, e 21ª para Belém). A capital amazonense passou São José dos Campos e agora lidera o indicador de contratos de concessão de inovação: enquanto nas 32 cidades houve queda de 11% no número de acordos, por lá foram 12% a mais, ou 16 novos contratos. Belém também evoluiu sete posições no indicador de infraestrutura tecnológica, já que o Parque Tecnológico de Guamá foi um dos únicos inaugurados no País este ano, como pode ser visto em detalhes no final desta seção.

## QUESTÕES ESTRUTURAIS A MELHORAR

Infraestrutura é a principal barreira ao ambiente de negócios da região Norte e, inevitavelmente, de Belém e Manaus. Apesar de ambas as cidades terem vias fluviais e portos, a maioria das rotas para outras cidades do país não pode ser feita por esses canais, incluindo os grandes mercados consumidores, onde o transporte rodoviário se destaca.

### *Infraestrutura é a principal barreira ao ambiente de negócios da região Norte e, inevitavelmente, de Belém e Manaus.*

A distância dos grandes centros não é o único motivo de Belém ser a 30ª colocada e Manaus amargar a última colocação em Infraestrutura. O custo do m<sup>2</sup> dessas cidades, por exemplo, revela que elas podem ser relativamente mais caras que outras cidades com melhor infraestrutura. Belém tem o 10º m<sup>2</sup> mais caro da pesquisa, mas tem somente a 27ª colocação no indicador de mobilidade urbana. Manaus está na 17ª posição em relação ao custo de imóveis, mas é a última colocada em acesso à internet rápida — com o menor ritmo de expansão entre todas as cidades.

Tão difícil quanto o fluxo de pessoas e mercadorias, o de capital nas cidades do Norte também é um dos menores do estudo. No Índice de Acesso a Capital, Manaus está nas últimas posições entre todos os indicadores levantados. As duas cidades não possuem qualquer investimento de Private Equity ou Venture Capital. Além disso, os manauaras têm baixa poupança (cerca de R\$ 4 mil per capita, com a média do estudo sendo de quase R\$ 12 mil) e uma baixa oferta de crédito pelos bancos comerciais (a proporção é de 1,86 vezes em relação ao PIB, com a média do estudo em 7,12 vezes). Belém não está tão melhor, aparecendo somente na 259ª posição no índice geral de Acesso a Capital, fruto do resultado abaixo da média em todos os indicadores do pilar.

Assim como em infraestrutura, o custo da mão de obra das duas cidades é superior que vários indicadores de qualidade do pilar de Capital Humano. Manaus, na 30ª posição neste pilar, e Belém, na 31ª, possuem as 20ª e 12ª menores médias salariais altas quando comparadas a cidades com custos similares mas desempenhos muito melhores, como Maringá, Uberlândia e mesmo Florianópolis, líder do Índice de Capital Humano. Poderia ser pior. Um dado atenuante em Manaus é o do IDEB, que vem crescendo consistentemente nos últimos dez anos e atingiu 4,4 para os anos finais do ensino fundamental, batendo a meta do MEC — somente outras sete cidades do estudo também o fizeram. Ao mesmo tempo, Belém também abriu cerca de 6 mil vagas de ensino técnico, um aumento de 37% na capacidade da rede.

**E, por fim, mesmo tendo apenas duas cidades a serem analisadas, Belém e Manaus reproduzem com boa fidelidade o que ocorre nas demais: cidades e estados não possuem regras, processos e alíquotas padronizados.** No geral do pilar, Belém caiu sete posições em relação a última edição e ficou em 12ª, enquanto Manaus caiu apenas uma posição, mas fica mais atrás, na 20ª posição. Ambas as cidades possuem números bons e ruins. Em Belém, as alíquotas médias de IPTU e ISS são mais altas do que a média do estudo, mas em Manaus elas estão abaixo da média das 32 cidades. Belém também recebe nota 3 em uma escala até 10 na qualidade do sistema de emissão de Certidões Negativas de Débitos, diferentemente da vizinha Manaus, que recebeu nota 9,1. Por outro lado, a capital amazonense é a segunda do estudo que mais exige obrigações acessórias para pagar ISS, enquanto Belém é exemplo e está empatada em 1º com outras cidades do estudo que dispensam os empreendedores de boa parte das obrigações se emitirem nota fiscal eletrônica. **Se as cidades do Norte combinassem seus pontos fortes uma com a outra, ambas estariam entre as primeiras colocadas do pilar. Enquanto isso não acontece, elas seguem em posições intermediárias do índice.**

*Tão difícil quanto o fluxo de pessoas e mercadorias, o de capital nas cidades do Norte também é um dos menores do estudo.*

## EXEMPLOS QUE VEM DE LÁ

### *Belém | Um centro de inovação para a Amazônia*

Apenas 14 cidades deste estudo têm parques tecnológicos ativos, espaços destinados a concentrar e potencializar a cooperação entre negócios com alta incidência de tecnologia e inovação. E agora Belém é sede do primeiro parque tecnológico da região Norte, o Parque de Ciência e Tecnologia Guamá (PCT Guamá), cujo objetivo é estimular a pesquisa aplicada, o empreendedorismo inovador, a prestação de serviços e a transferência de tecnologia para o desenvolvimento de produtos e serviços de maior valor agregado e mais competitivos.

Com recursos do Governo do Estado do Pará, as áreas estratégicas de atuação do PCT foram definidas a partir das vocações e competências regionais instaladas e são focadas em Biotecnologia; Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC); Energia; Tecnologia Ambiental; e Tecnologia Mineral. O incentivo à exportação é um dos destaques do PCT, viabilizado pelo Projeto Extensão Industrial Exportadora (PEIEX), programa de qualificação de empresas que visa ampliar os mercados para as indústrias iniciantes em Comércio Exterior.

O Parque dispõe de uma unidade de negócios, o Guamá Business, com serviços de gestão da inovação, atendimento empresarial, busca e captação de recursos, inteligência competitiva e suporte à transferência de tecnologia.

Dentro do Parque de Ciência e Tecnologia funciona ainda o Espaço Inovação, que conta com laboratórios avançados de P&D das áreas de Biotecnologia e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), vinculados à Universidade Federal do Pará (UFPA) e à Embrapa Amazônia Oriental.

### *Belém | Aproveitando a riqueza das florestas A história de Fernanda Stefani*

Quando fundou em Belém a 100% Amazônia, junto com uma amiga, Fernanda Stefani queria trabalhar em escala mundial a rica cultura da floresta e a ligação colonial. Criaram então uma “varejo online de produtos renováveis e não madeireiros da região amazônica, voltados ao mercado internacional”.

Enquanto algumas características da região sustentam a ideia do negócio e seu potencial para o mercado internacional, o dia a dia da operação é mais difícil devido a falta de infraestrutura e educação profissional no Norte. De acordo com

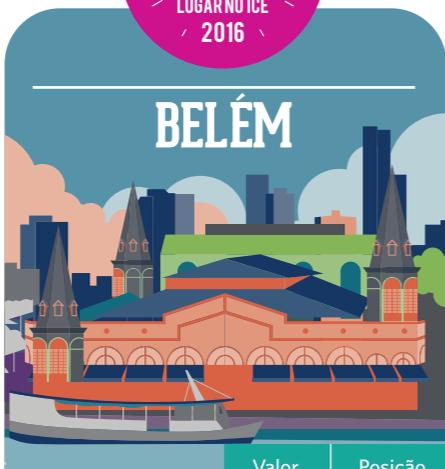
Fernanda, Belém é vista como uma capital sem educação de qualidade, onde há poucas indústrias. Por isso, a empreendedora e o seu time se propõem a treinar os seus novos funcionários integralmente para o cargo - “contratamos a partir dos valores e alinhamento da pessoa com o negócio”.

A parca infraestrutura também atrapalha, principalmente a falta do transporte viário, importante para a proposta da empresa de integrar comunidades locais e tradicionais à cadeia produtiva. Só que, hoje em dia, o dia a dia da proposta da 100% Amazônia mostra que “é mais

caro mandar duas pessoas para o meio do mato do que mandar para a Bélgica”.

Ao mesmo tempo, Fernanda acredita que não estar em um grande centro econômico mais ao sul também tem seu lado positivo, especialmente para a exportação. Os aeroportos e portos são funcionais, mais baratos e há menos burocracia do que em São Paulo, por exemplo. Mas ela alerta para o fato de que não é para qualquer um: para aqueles com formação em comércio internacional, como ela, é um prato cheio, mas “tem que saber correr atrás”.

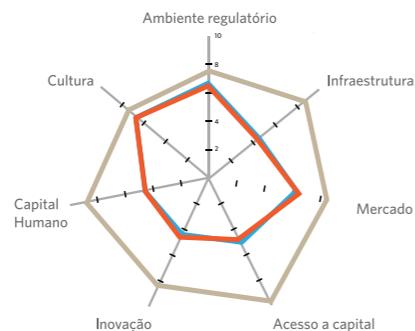
26º  
LUGAR NO ICE  
2016



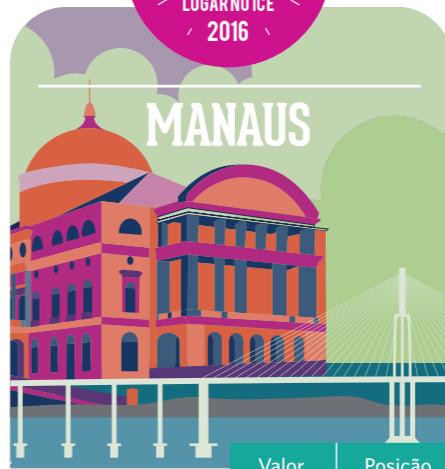
## BELÉM

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	6,47	12º
Infraestrutura	4,61	30º
Mercado	7,05	8º
Acesso a capital	5,29	27º
Inovação	5,40	21º
Capital Humano	4,44	31º
Cultura	6,16	14º

— Belém — Norte — Melhor nota do pilar



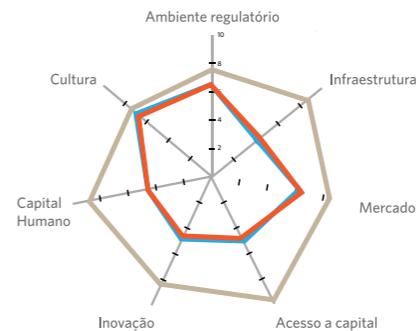
28º  
LUGAR NO ICE  
2016



## MANAUS

	Valor	Posição
Ambiente Regulatório	5,82	20º
Infraestrutura	3,99	32º
Mercado	7,78	2º
Acesso a capital	4,67	32º
Inovação	6,44	13º
Capital Humano	4,48	30º
Cultura	6,92	6º

— Manaus — Norte — Melhor nota do pilar



COMO USO

ESTE RELATÓRIO?

### **Para o setor público**

Os mais variados órgãos do setor público podem se mobilizar para atuar na melhoria do ambiente empreendedor local. Atuar na melhoria dos indicadores analisados não somente torna as cidades mais competitivas para impulsionar o crescimento das empresas, como também melhora as condições sociais e econômicas de toda a população. Durante todo o relatório, é possível identificar quais deveriam ser as prioridades de cada administração, partindo dos destaques dos determinantes mais críticos para explicar o desempenho de cada cidade. Para além da análise, também são mostrados casos de sucesso das mais distintas regiões, que podem servir de inspiração para gestores públicos formularem e melhorarem suas políticas locais, inclusive, com o apoio de outras esferas do Estado e da sociedade civil. Vale ressaltar que, apesar deste estudo retratar o ambiente empreendedor de 32 cidades, a metodologia de análise utilizada pode ser insumo para o diagnóstico e melhorias em todas as cidades do país.

### **Para organizações de fomento ao empreendedorismo**

De forma semelhante ao setor público, organizações da sociedade civil podem ajudar as cidades ao atuar em conjunto com governos na melhoria do ambiente empreendedor local. Além disso, a análise de inter-relação das variáveis estudadas pode ajudar os gestores dessas organizações a aperfeiçoar sua estratégia de atuação priorizando ações que impactem mais fortemente o ambiente empreendedor. O processo de análise e coleta de indicadores também ajuda essas instituições a medirem de maneira mais efetiva o impacto proporcionado pelo seu trabalho.

### **Para empreendedores**

Na hora de decidir em qual região do país instalar uma empresa, esse estudo pode ser de grande utilidade. A partir do conjunto de indicadores presentes em cada pilar, é possível pensar no tipo de negócio idealizado pelo empreendedor e quais são os indicadores que mais impactariam na performance de seu negócio. Identificar quais cidades estão melhor posicionadas nesses indicadores pode fazer a escolha por uma cidade um processo mais claro e preciso. Já para os empreendedores que já estão instalados, o estudo pode ser um instrumento de cobrança de melhorias e de mobilização para o ambiente empreendedor de sua cidade. Um passo importante para destravar possíveis barreiras ao crescimento do negócio pode ser se unir a organizações locais de fomento e associações para organizar ações visando a melhoria dos indicadores.

### **Para a mídia**

A compilação de dados deste estudo ajuda a mídia a fazer um diagnóstico mais completo das cidades avaliadas e a pautar discussões sobre os desafios do ambiente de negócios em cada uma. Mais do que isso, ao longo dos próximos anos, a mídia tem o papel fundamental de cobrar melhorias para os desafios apontados pelo estudo, em conjunto com os empreendedores e a sociedade interessada.

### **Para o cidadão**

Quanto mais empresas bem-sucedidas uma cidade possui, maior é o desenvolvimento econômico e social transborda para a sua população. Cobrar e apoiar ações do governo e da sociedade civil que melhorem o ambiente de negócios da cidade é algo vantajoso para a toda a cidade. Este estudo provê insumos para que essa mobilização aconteça.

# ONDE ENCONTRO ESSES E OUTROS EXEMPLOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS?

Vários exemplos de boas práticas de políticas públicas podem ser encontrados nas páginas deste estudo. Elas foram encontradas em diferentes fontes, que contêm esses e outros bons exemplos de inspiração para a melhora do ambiente empreendedor das cidades.

## Portal Endeavor

O Portal da Endeavor tem uma seção exclusiva sobre o ambiente empreendedor. Além de apresentar todos os estudos já produzidos, também traz artigos com exemplos de boas práticas nacionais e internacionais na área de empreendedorismo e opiniões de especialistas sobre o desafio das scale-ups no país.

[endeavor.org.br/pesquisas/](https://endeavor.org.br/pesquisas/)

## Entrepreneurship Ecosystem Insights

O Ecosystem Insights, ligado à Endeavor Global, realiza pesquisas e cria estudos sobre empreendedorismo e políticas públicas da área. No portal, é possível conferir um grande acervo de boas práticas e estudos de empreendedorismo produzidos ao redor do mundo.

[ecosysteminsights.org/](https://ecosysteminsights.org/)

## OCDE

A OCDE é uma das organizações que mais produzem estudos voltados ao desenvolvimento econômico no mundo. Seu portal possui uma sessão exclusiva para estudos de empreendedorismo, com vários deles contendo exemplos de boas práticas na área.

[oecd.org/cfe/smes/](https://oecd.org/cfe/smes/)

## Kauffman Foundation

O Ecosystem Insights, ligado à Endeavor Global, realiza pesquisas e cria estudos sobre empreendedorismo e políticas públicas da área. No portal, é possível conferir um grande acervo de boas práticas e estudos de empreendedorismo produzidos ao redor do mundo.

[kauffman.org/blogs/policy-dialogue](https://kauffman.org/blogs/policy-dialogue)

## Doing Business

O Doing Business é um dos estudos sobre ambiente de negócios mais consolidados do mundo. Para cada pilar analisado no estudo, o portal da organização concentra uma série de pesquisas relacionadas ao tema, com exemplos do que países têm feito para melhorar seu ambiente regulatório.

[doingbusiness.org/reports/case-studies/view-all](https://doingbusiness.org/reports/case-studies/view-all)

## CITIE

O portal CITIE, uma iniciativa do Nesta, do Catapult UK e da Accenture, tem a missão de concentrar iniciativas de inovação, tecnologia e empreendedorismo no âmbito das cidades.

[ctie.org/stories/](https://ctie.org/stories/)

## UP Brasil

A UP é uma organização internacional de fomento ao empreendedorismo. No seu portal brasileiro, os principais conteúdos internacionais estão traduzidos. É possível encontrar desde casos de boas práticas, até notícias sobre o ambiente de startups [brasil.up.co](http://brasil.up.co)

## Scale-up Report

O Scale-up Report é um estudo realizado no Reino Unido para promover o debate sobre o estímulo à criação de Scale-ups, as empresas que mais crescem em um país. Vários exemplos de boas práticas com esse objetivo podem ser encontrados no portal do estudo.

[goo.gl/K31FJV](https://www.google.com/search?q=Scale-up+Report&rlz=C31C1FJV)

## Observatório Internacional do Sebrae

O Sebrae Nacional é uma grande fonte de estudos de caso para empreendedores. Mas a instituição também concentra em sua biblioteca casos de políticas públicas em empreendedorismo.

[ois.sebrae.com.br/](http://ois.sebrae.com.br/)

## 1776

Além de incubadora e investidora global, a 1776 tem em seu portal uma sessão de insights sobre os principais setores em que atuam, mas também conta com exemplos de políticas públicas de empreendedorismo e inovação por meio de artigos e estudos.

[goo.gl/dzP9ml](https://www.google.com/search?q=1776&rlz=dzP9ml)

## EY

Além da contribuição no pilar de ambiente regulatório deste estudo, a EY, por meio do seu portal americano, publicou o estudo "Avoiding a lost generation", uma pesquisa com casos de políticas públicas de empreendedorismo sob o olhar de jovens empreendedores.

[goo.gl/N2fAz5](https://www.google.com/search?q=EY&rlz=N2fAz5)

## The emergence of entrepreneurship policy

Brett Anitra Gilbert escreveu este curto artigo sobre a emergência de políticas de empreendedorismo. De forma sucinta, ela cita alguns casos interessantes de boas práticas na área.

[goo.gl/ihkqcw](https://www.google.com/search?q=The+emergence+of+entrepreneurship+policy&rlz=ihkqcw)

## Mercatus Center

Os pesquisadores do Centro Mercatus na Universidade George Mason conduzem suas próprias pesquisas sobre quais instituições - mercados, governos, organizações sem fins lucrativos ou combinações dos três - promovem os melhores resultados sociais, com enfoque em políticas públicas de tecnologia, saúde e fiscais, a nível local ou federal.

[mercatus.org/research](http://mercatus.org/research)

## REALIZAÇÃO E APOIO

## REALIZAÇÃO



A Endeavor é uma organização global sem fins lucrativos de fomento a empreendedorismo de alto impacto. No Brasil desde 2000, atua para multiplicar o número de empreendedores de alto crescimento e criar um ambiente de negócios melhor para o País. Para isso, seleciona e apoia os melhores empreendedores, compartilha suas histórias e aprendizados, e promove estudos para entender e direcionar o ecossistema empreendedor brasileiro. Neste ano, 172 Empreendedores Endeavor estão sendo apoiados: eles possuem 92 empresas que faturam cerca de R\$ 3 bi, empregam mais de 30 mil pessoas e crescem, em média, 22% ao ano. Nos últimos dois anos, a Endeavor inspirou e capacitou mais de 10 milhões de brasileiros com conteúdos do Portal Endeavor e cursos educacionais presenciais e a distância.

[www.endeavor.org.br](http://www.endeavor.org.br)

## APOIO



### **EY - Apoio metodológico e coleta de dados (Ambiente Regulatório)**

A EY é líder global em serviços de Auditoria, Impostos, Transações Corporativas e Consultoria. Nossos insights e os serviços de qualidade que prestamos ajudam a criar confiança nos mercados de capitais e nas economias ao redor do mundo. Com isso, desempenhamos papel fundamental na construção de um mundo de negócios melhor para nossas pessoas, nossos clientes e nossas comunidades. No Brasil, a EY conta com 5 mil profissionais que dão suporte e atendimento a mais de 3.400 clientes de pequeno, médio e grande portes.

[www.ey.com.br](http://www.ey.com.br)



### **SEDI - Apoio metodológico e coleta de dados (Ambiente Regulatório)**

Com mais de 20 anos liderando o mercado, a SEDI é uma empresa especializada em Assessoria e Consultoria Empresarial no setor de legalização governamental. Foi criada com o intuito de facilitar o dia a dia dos empreendedores e cuidar da regularização de empresas. [www.sedi.com.br](http://www.sedi.com.br)



### **Spectra Investimentos - Dados sobre indústria de capital de risco (Acesso a Capital)**

A Spectra é uma gestora especializada em investimentos em Private Equity com grande experiência no segmento no Brasil, e tem como objetivo permitir o acesso a essa indústria, através de fundos de fundos, de forma diversificada e eficiente. [www.spectrainvest.com](http://www.spectrainvest.com)

**meta.**

#### **Meta - Metodologia de Potencial Empreendedor (Cultura Empreendedora)**

Meta Profiling é uma empresa de pesquisa especializada na identificação de potencial empreendedor e talento disruptivos nos ambientes corporativos e de desenvolvimento pessoal. META - A Medida de Talentos Empreendedores e Habilidades, em tradução livre - foi validado com mais de 200.000 pessoas em 25 países e prevê uma série de resultados empreendedores de alta performance. [www.metaprofiling.com](http://www.metaprofiling.com)

**opinion**  **box**

#### **Opinion Box - Coleta de dados primários (Cultura Empreendedora)**

O Opinion Box desenvolve soluções digitais inovadoras para a pesquisa de mercado. Atende milhares de clientes em diversos segmentos, desde PMEs a multinacionais, realizando diferentes tipos de estudos com sua plataforma online e seu painel com mais de 150 mil consumidores em todo o país. [www.opinionbox.com](http://www.opinionbox.com)



#### **Neoway - Coleta de dados secundários (Gerais)**

A Neoway desenvolve tecnologias inovadoras que ajudam empresas a fazer mais com menos. Especializada em Big Data, a empresa foca na área de Inteligência de Mercado, com solução para Vendas (geração de leads e gestão de time de vendas), e nas áreas de prevenção a perdas, compliance e recuperação de ativos. [www.neoway.com.br](http://www.neoway.com.br)



#### **VivaReal - Coleta de dados do mercado imobiliário (Infraestrutura)**

O portal da VivaReal ajuda as pessoas a encontrar e viver na casa dos seus sonhos, por meio da divulgação de mais de 4,5 milhões de imóveis em mais de mil cidades do Brasil. No Brasil desde 2009, possui 16 escritórios nas principais cidades. [www.vivareal.com.br](http://www.vivareal.com.br)



#### **Waze - Coleta de dados de fluidez no trânsito (Infraestrutura)**

O Waze é um aplicativo gratuito de trânsito e navegação e é pioneiro em navegação social. O Waze tem a maior rede de motoristas do mundo, que trabalham juntos diariamente para superar o trânsito e economizar tempo e dinheiro. O app recomenda consistentemente as rotas mais rápidas com base em direção em tempo real e dados de milhares de usuários. [www.neoway.com.br](http://www.neoway.com.br)



#### **99 - Coleta de dados de fluidez no trânsito (Infraestrutura)**

Com o objetivo de melhorar a vida das pessoas através da tecnologia, a 99 é especializada em soluções de mobilidade urbana para as cidades brasileiras. A empresa, que está presente em mais de 350 cidades, funciona como um marketplace, conectando passageiros a motoristas. [www.neoway.com.br](http://www.neoway.com.br)



#### **Anprotec - Coleta de dados (Inovação)**

A Anprotec reúne cerca de 350 associados, entre incubadoras de empresas, parques tecnológicos, aceleradoras e outras entidades ligadas ao empreendedorismo e à inovação. Líder desse movimento no Brasil, a Associação atua por meio da promoção de atividades de capacitação, articulação de políticas públicas, geração e disseminação de conhecimentos. [www.anprotec.org.br](http://www.anprotec.org.br)

## ANEXO 1:

# METODOLOGIA

Há um consenso sobre a importância das políticas voltadas à promoção do empreendedorismo, especialmente à modalidade de alto impacto. Entretanto, não há uma estratégia única de sucesso que possa ser adotada por todos os governos nacionais ou locais. A elaboração de políticas voltadas ao empreendedorismo é, antes de tudo, um desafio analítico. Como medir empreendedorismo? Quais são os fatores ambientais determinantes para a expansão da atividade empreendedora? Como diferentes níveis de governo devem contribuir para a melhoria do ambiente de negócios?

Para avaliar o ambiente empreendedor nas cidades brasileiras, nesta edição do Índice de Cidades Empreendedoras, a Endeavor constrói sobre as bases metodológicas da edição 2014, expandindo-a no número de indicadores e de cidades analisadas. Para tanto, foram organizados e coletados um conjunto de 60 indicadores econômicos, institucionais, sociais e culturais de 32 municípios, responsáveis por mais de 41% das Scale-ups do País e 37% do PIB. O framework aqui adotado segue o debate internacional sobre avaliação de ambiente de negócios e empreendedorismo, tendo como inspiração dois outros instrumentos: “OECD/EUROSTAT Framework for Entrepreneurship” (OCDE, 2007), adequado para comparar países da OCDE; e “Aspen: Entrepreneurial Ecosystem Diagnostic Toolkit” (Aspen Network

of Development Entrepreneurs, 2013), construído a partir do estudo da OCDE e diversos outros, mas com foco em países em desenvolvimento.

O índice final e os rankings de cada um dos sete determinantes apresentados no relatório derivam da aplicação do framework para essas cidades. O resultado é um instrumento de avaliação voltado para gestores públicos e organizações de apoio interessadas em gerar impactos na economia de seu município a partir do fomento à atividade empreendedora, assim como para empreendedores que queiram expandir seus negócios e para a mídia, que busca análise e dados qualificados. A elaboração de um modelo para comparação de cidades, ou mesmo de estados ou regiões, requer uma série de adaptações importantes em relação às metodologias e análises existentes.

Em primeiro lugar, estados e municípios têm limitações legais sobre quais políticas e legislações podem implementar ou regulamentar. Portanto, em um mesmo país, todos os empreendedores estão sujeitos a condições macroeconômicas e a restrições legais semelhantes, independentemente da localização do seu negócio. Dessa forma, alguns critérios essenciais na análise de países tornam-se irrelevantes na comparação entre localidades de um mesmo país pela simples ausência de variação. Assim, o framework deste estudo leva em conta

as especificidades necessárias para a análise de cidades.

Em segundo lugar, há menos produção de dados e indicadores para cidades do que para países. Órgãos oficiais de estatística costumam ser organizações dos governos nacionais e são raros os casos em que todos os municípios de um país coletam exatamente as mesmas informações sobre economia, finanças públicas, população etc. Por isso, quando necessário, o estudo traz variações dos indicadores adotados na comparação entre países, ainda que dentro dos mesmos temas.

Finalmente, além de adaptar o uso de um framework desenvolvido para países em cidades, tomou-se o cuidado de adequá-lo à realidade brasileira. Dito de outra forma, os indicadores retratam as questões e problemas relevantes para empreendedores brasileiros em cada um dos temas -- ou determinantes da performance. Para isso, também foram consideradas as opiniões de diversos especialistas e parceiros da Endeavor para construir indicadores e encontrar fontes de dados apropriadas para cada um dos tópicos relevantes.

Além de apresentar em detalhes o framework desenvolvido pela Endeavor Brasil, na sequência se encontram as fontes de dados, as formas de cálculo dos indicadores e demais critérios adotados na análise.

## IMPACTOS, PERFORMANCE EMPREENDEDORA E DETERMINANTES DA PERFORMANCE

O ponto de partida do framework da Endeavor Brasil é a separação analítica entre performance empreendedora, determinantes da performance e os impactos. De acordo com o estudo desenvolvido pela OCDE, impactos são as consequências sociais e econômicas da performance empreendedora, e os principais impactos esperados são a criação de empregos, o crescimento da economia, a redução da pobreza e diminuição da informalidade de empresas (OCDE, 2007). Gestores públicos deveriam, por princípio, se preocupar com as consequências da atividade empreendedora e desenhar políticas adequadas para maximizar seu impacto na sociedade. O problema central, porém, é que gestores públicos só podem produzir indiretamente tais

impactos. O principal mecanismo é a criação de condições, como um ambiente adequado, que permitam o desenvolvimento do empreendedorismo e a boa performance das empresas.

Assim, a noção de performance empreendedora é central para este estudo e pode ser compreendida de diversas formas: como intensidade de atividade empreendedora, como desempenho econômico dos empreendedores, ou ainda como a geração de riqueza e/ou empregos pela atividade empreendedora. Na linguagem do framework adotado pela Endeavor Brasil, a performance empreendedora é resultado de um conjunto de determinantes afetados pelas decisões dos gestores públicos.



Performance empreendedora e seus determinantes têm entre si, em tese, uma relação de causa e efeito. Os determinantes congregam, assim, os fatores essenciais que explicam a performance empreendedora das cidades brasileiras. No framework deste estudo, estes fatores estão organizados em sete determinantes: Ambiente Regulatório, Infraestrutura, Mercado, Acesso a Capital, Inovação, Capital Humano e Cultura. Os sete determinantes, adaptados à realidade brasileira, foram construídos a partir dos estudos adotados como benchmarks — da OCDE/Eurostat e Aspen Network of Development Entrepreneurs — e a partir da opinião dos especialistas em diversos temas consultados pela Endeavor. A expectativa é que cidades capazes de criar boas condições para o desenvolvimento da atividade

empreendedora — ou seja, que produzam determinantes favoráveis — tenham melhor performance no futuro. Portanto, o trabalho de análise deste estudo consiste, na sua essência, em mensurar cada um dos determinantes da performance. O ranking final é uma combinação de todos os determinantes com pesos estabelecidos de acordo com as respectivas correlações com a performance, como explicado nas próximas páginas. Nenhum dos determinantes, nem a performance, são adequadamente representados por um único indicador e, no framework elaborado para este estudo, são construídos a partir de grupos de indicadores, ou variáveis. Os indicadores de cada determinante são os parâmetros sob os quais gestores públicos e demais atores conseguem atuar para mudar o ambiente de negócios.

## PERSPECTIVAS ANALÍTICAS SOBRE EMPREENDEDORISMO E SEUS DETERMINANTES

Os determinantes que compõem o framework têm como fundamento a literatura internacional sobre empreendedorismo, políticas públicas e desenvolvimento econômico. Não há um corpo de conhecimento único sobre o tema e há diversas perspectivas sobre empreendedorismo e suas causas. Ainda assim, há consenso de que o nível de atividade empreendedora varia entre países e, certamente, entre cidades. As explicações são, em geral, de caráter econômico e social. Mais importante do que a natureza das explicações, porém, é o fato de que os determinantes do empreendedorismo estão diretamente associados às escolhas de políticas públicas. Ou seja, é possível influenciar a intensidade da atividade empreendedora por meio de escolhas institucionais, econômicas e políticas. (Hoffmann, Larsen & Oxholm, 2006).

A pluralidade de explicações é resultado das diferentes conceitualizações sobre o que é empreendedorismo e como medi-lo. Parte das explicações para o nível de empreendedorismo é de ordem macro, para as quais as causas do empreendedorismo se confundem com os fatores que explicam o crescimento ou desenvolvimento econômico de países ou regiões. Nesta perspectiva, alguns dos temas convencionais da macroeconomia e da economia internacional estão diretamente conectados às explicações sobre empreendedorismo. O foco de trabalhos desta ordem são as mudanças em indústrias nacionais, no desempenho das firmas em geral ou nos parâmetros básicos da economia. Fatores institucionais e ambientais têm grande peso em trabalhos que adotam essa perspectiva.

Por outro lado, há explicações de ordem micro, cujo foco analítico é o empreendedor individual. Em vez de observar as variações no tamanho das indústrias ou no surgimento de novos negócios, tais trabalhos procuram entender a partir das características de um indivíduo ou de seu entorno as chances de empreender e/ou de gerir um negócio com sucesso. Nas perspectivas sobre o empreendedor individual, a economia é

acompanhada com mais frequência de outras disciplinas acadêmicas, tais como a sociologia e a psicologia. As habilidades do empreendedor e a decisão e a motivação para empreender cumprem um papel central nesse tipo de perspectiva.

As explicações intermediárias — que não focam nem na economia em geral, nem no empreendedor individual —, por sua vez, tendem a se concentrar na análise de mercados específicos e em sua estrutura. O foco, em geral, são as oportunidades de negócio, as barreiras de entrada e saída e incentivos estruturais em geral. Essa literatura está bastante associada ao conhecimento produzido nas escolas de negócio sobre estratégia empresarial.

Todas as perspectivas se deparam com um desafio complexo: definir empreendedorismo. As alternativas mais comumente encontradas na literatura são aquelas que, de um lado, igualam empreendedorismo a auto-emprego e/ou a pequenos e médios negócios, em contraste a grandes corporações, ou que tomam a performance da economia total como sinônimo do desempenho dos empreendedores. Essas são, em geral, alternativas empíricas à ausência de medidas confiáveis ou regulares sobre a quantidade de empreendedores na economia.

As diferenças entre as várias perspectivas analíticas sobre empreendedorismo resultam em uma variedade de perguntas, proposições teóricas e hipóteses sobre as causas e determinantes do empreendedorismo. O resultado da ausência de unidade teórica e analítica é, de certa forma, natural e necessário para a produção de conhecimento acadêmico, mas um problema para formuladores de política e analistas. Como definir e formalizar em indicadores a performance empreendedora adequada para múltiplas perspectivas? Como comparar a variação da performance em cidades a partir de explicações e causas do empreendedorismo de ordem tão variada?

Para responder a essas perguntas, apresentamos brevemente as fontes, acadêmicas e não acadêmicas, das quais derivam o framework desenvolvido pela Endeavor. Em particular, este estudo se beneficia do desenvolvimento, no âmbito da OCDE durante os anos 2000, de um programa voltado à padronização de

indicadores de empreendedorismo – Entrepreneurship Indicators Programme (EIP) – que congrega a pluralidade de perspectivas sobre o empreendedorismo em ferramentas analíticas e com diversos desdobramentos, como o trabalho desenvolvido pela ANDE recentemente (OCDE, 2007; ANDE, 2013).

O primeiro passo do debate proporcionado pela OCDE é o estabelecimento de uma definição ampla, porém relativamente precisa, dos elementos que compõem o empreendedorismo. Esta mesma definição é adotada pela Endeavor Brasil e pelo IBGE na produção dos relatórios de Estatísticas de Empreendedorismo (Endeavor/IBGE, 2011). São três elementos:

- **Empreendedores:** são pessoas, necessariamente donos de negócios, que buscam gerar valor por meio da criação ou expansão de alguma atividade econômica, identificando e explorando novos produtos, processos e mercados;
- **Atividade empreendedora:** é a ação humana empreendedora na busca da geração de valor, por meio da criação ou expansão da atividade econômica, identificando novos produtos, processos e mercados;
- **Empreendedorismo:** é o fenômeno social associado à atividade empreendedora.

A definição plural de empreendedorismo, com três elementos, resulta na impossibilidade de se adotar um indicador único para medir performance empreendedora. O framework da Endeavor Brasil acompanha essa definição, apresentando mais à frente a forma como performance empreendedora foi operacionalizada para este estudo. Em resumo, seguindo a mesma definição adotada pela OCDE em “A Framework for Addressing and Measuring Entrepreneurship” (Ahmad & Hoffmann, 2007), escolheram-se indicadores adequados para capturar a variação da performance em diferentes cidades brasileiras. Em geral, os indicadores procuram medir alguma das seguintes dimensões: o desempenho geral das empresas na economia; o percentual da população que opta por empreender; a geração de empregos e riquezas na economia por parte de empreendedores, assim como esquema proposto por Ahmad & Hofmann (2007).

O passo seguinte à conceitualização de empreendedorismo e à mensuração de performance consiste em contemplar a heterogeneidade de explicações sobre os fatores determinantes do empreendedorismo em um mesmo instrumento de análise, independentemente da perspectiva analítica – micro, macro ou meso – das quais partem ou das disciplinas acadêmicas das quais se originam. Na ausência de unidade analítica, alguns trabalhos na literatura sobre empreendedorismo e políticas públicas,

além dos desenvolvimentos produzidos pela OCDE, oferecem boas sínteses dos fatores essenciais (The Entrepreneurship Ecosystem, The Babson Entrepreneurship Ecosystem Project, Global Entrepreneurship and Development Index, entre outros).

Lundström & Stevenson (2005), que produzem uma lista relativamente completa de fatores determinantes do empreendedorismo, dão destaque a variáveis distribuídas em três níveis: oportunidades, motivação e habilidades. Fatores relativos a oportunidades referem-se basicamente às características de mercado que impactam diretamente nas chances de sucesso de um empreendedor em um determinado mercado. Praticamente todos os principais trabalhos sobre empreendedorismo produzidos nos anos 2000 reconhecem a centralidade de tais fatores para explicar a variação nos níveis de empreendedorismo. Barreiras à entrada, concentração de empresas na indústria, crescimento da economia e margens de lucro são alguns desses fatores fundamentais. Alguns desses são específicos de cada indústria ou setor da economia, a exemplo de barreiras de entrada. Outros, porém, afetam praticamente todos os empreendedores.

No framework deste estudo, tais fatores estão bem representados nos determinantes de Ambiente Regulatório, Infraestrutura

e Mercado, concentrados naqueles que não são específicos de nenhuma indústria. No determinante de Ambiente Regulatório estão retratadas as dificuldades burocráticas para a abertura de negócios, os custos dos impostos e a complexidade tributária, que afetam diretamente a capacidade de empreendedores manterem suas empresas e torná-las rentáveis.

O determinante de Infraestrutura, por sua vez, está diretamente ligado às conexões com outras cidades e países e aos custos envolvidos na manutenção de negócio. As condições urbanas e os custos de cada cidade — por exemplo, custo do metro quadrado dos imóveis ou a segurança urbana — são fundamentais para a decisão de o empreendedor abrir ou não um negócio na região. As oportunidades de negócio e o acesso a mercados são também resultado da infraestrutura de cidades. A existência de uma rede adequada de transporte interurbano proporciona maior inserção do empreendedor a novos mercados. Na experiência da Endeavor Brasil com empreendedores, questões relativas às barreiras burocráticas e a ausência de infraestrutura adequada para negócios figuram dentre as queixas mais recorrentes.

As condições básicas da economia, retratadas no determinante de Mercado, influenciam diretamente o potencial empreendedor de um país ou cidade. Há mais oportunidades para empreender em mercados maiores, mais desenvolvidos e em crescimento. Há mais clientes potenciais em locais em que a população tem renda maior, governos ou empresas detêm mais capacidade de compras. Finalmente, o nível de desenvolvimento e a renda per capita da população também possuem impacto indireto no total de empreendedores na economia.

Os determinantes de Ambiente Regulatório e Mercado são comuns aos frameworks da OCDE, ANDE e Endeavor Brasil. O primeiro, porém, não considera Infraestrutura entre seus determinantes em virtude de ter sido elaborado para a análise de países desenvolvidos. Seguindo as recomendações do framework desenvolvido pela ANDE, incluiu-se neste estudo o determinante de Infraestrutura, adequando o seu uso ao contexto das cidades.

Se as condições de mercado, do ambiente regulatório e a infraestrutura definem as oportunidades para o empreendedor, o acesso a capital é um fator chave para o surgimento de novos empreendedores e a expansão de negócios. Hoffman (2007) aponta que quase todos os estudos sobre empreendedorismo apontam para o papel essencial do capital disponível a empreendedores. O acesso a capital é particularmente crítico para novos empreendedores e startups, para os quais o risco

avaliado de seus negócios dificulta ou aumenta os custos de obter recursos financeiros. Apesar de convencionalmente se assumir que a oferta de capital não deveria ser objeto de política pública, a dificuldade de novos negócios obterem capital em virtude do risco que oferecem tornam necessárias políticas públicas de financiamento a empresas nascentes.

Inovação é o fator com o qual empreendedorismo está mais intimamente associado, apesar da centralidade das oportunidades de negócio e do papel crucial do acesso a capital para explicar a variação da atividade empreendedora entre países, regiões e cidades. A relação entre ambos é de mão dupla. De um lado, a inovação e o desenvolvimento tecnológico são a força motora do empreendedorismo; de outro, espera-se que os empreendedores sejam os agentes responsáveis pela disseminação da inovação e das transformações nos modelos de negócios. Neste framework, o determinante de Inovação contempla grande parte dos insumos (inputs) necessários para as empresas inovarem e os resultados obtidos (os outputs).

As perspectivas sobre o empreendedorismo focadas em indivíduos tendem a apontar para o impacto do nível educacional da população na intensidade da atividade empreendedora. Não somente empreendedores mais escolarizados têm maiores chances de sucesso, como a capacidade de recrutar pessoas para suas organizações explica parcialmente a capacidade de manter e expandir seus negócios. Perspectivas centradas nos recursos das organizações costumam dar grande relevância à composição de profissionais e talentos para explicar o desempenho de uma organização (Endeavor Brasil, 2013). Em particular, os empreendedores brasileiros com as quais a Endeavor tem proximidade apontam a escassez de bons profissionais como um entrave importante à expansão de seus negócios. No framework do estudo, acompanhando os demais frameworks usados como referências, há um determinante de Capital Humano, para o qual coletamos indicadores relativos tanto à oferta de mão de obra básica e à escolarização da população das cidades quanto à oferta de profissionais qualificados para o empreendedor.

Os seis primeiros determinantes tratam quase exclusivamente de aspectos objetivos do ambiente de negócios de cada cidade. A maioria refere-se à oferta de pessoas, recursos e oportunidades para o empreendedor. No entanto, a literatura sobre os fatores determinantes do empreendedorismo atribui grande relevância a aspectos culturais que motivam indivíduos a abrirem novos negócios como alternativa profissional. É bastante provável que cidades com condições objetivas semelhantes, mas com culturas empreendedoras distintas, apresentem taxas diferentes de empreendedores na população.

## CONSTRUÇÃO DOS DETERMINANTES DE PERFORMANCE E PADRONIZAÇÃO DE INDICADORES

Um dos desafios mais importantes na elaboração do ranking é a mensuração dos determinantes. Apesar de podermos definir intuitivamente o que cada determinante representa, criar medidas adequadas para cada um deles é bastante complexo. Como medir se há ou não em uma cidade o acesso a capital para empreendedores? Como medir o ambiente regulatório em um município? Ainda que possamos descrevê-los com precisão, cada determinante contempla mais de um fator relevante para explicar a performance empreendedora.

Por exemplo, podemos pensar genericamente no determinante de Inovação como sendo o investimento em pesquisa e a disponibilidade de seus resultados para empresas inovarem. Entretanto, é possível observar e medir somente um conjunto de indicadores: investimento privado em inovação, gasto público em ciência e tecnologia, número de pedidos patentes, e assim por diante. Seguindo a prática de outras ferramentas de análise, produzimos um conjunto de indicadores que quando combinados representam de forma adequada cada um dos determinantes. Ou seja, conforme mencionado anteriormente, nenhum indicador sozinho é suficiente para mensurar um determinante, mas todos os indicadores representam alguns aspectos relevantes para explicar a performance empreendedora.

Dentro de cada determinante, há indicadores que tratam de fatores correlatos entre si e que representam um mesmo aspecto. Dessa forma, os determinantes estão organizados em subdeterminantes, cuja função é organizar os indicadores e racionalizar sua combinação. Há sempre dois subdeterminantes que organizam os indicadores dentro de cada determinante, com exceção do ambiente regulatório, que conta com três subdeterminantes.

Por exemplo, o determinante Ambiente Regulatório é composto pelos seguintes subdeterminantes: “Tempo de processos”, composto pelos entraves à abertura de negócios, obtenção de alvarás etc., os “Custos de impostos”, em particular aqueles que variam entre cidades, e “Complexidade Tributária”, que avalia o número de obrigações a cumprir e quantas vezes os tributos mudaram. Certamente há outros aspectos regulatórios no Brasil que afetam empreendedores. Para o framework, porém, importam aqueles fatores que variam entre cidades e que podem ser influenciados por gestores públicos locais.

Os indicadores coletados para a construção dos determinantes e aplicação do framework são medidos de diversas

formas e representam quantidades muito diferentes. Enquanto o indicador “preço do metro quadrado”, no determinante de Infraestrutura, é medido em preços correntes (R\$, portanto), o indicador “ensino técnico” é apenas uma proporção da população (%). Como comparar e agrupar indicadores tão diferentes?

Para que fosse possível combinar os indicadores nos subdeterminantes, a solução foi padronizá-los em um score com média 0 e desvio padrão 1. Esse é um método convencional e bastante adequado de tornar comparáveis variáveis provenientes de fontes distintas.

O score para cada cidade em um indicador é obtido subtraindo-se a média das 32 cidades e dividindo o resultado pelo desvio padrão, conforme a fórmula abaixo:

$$\text{Indicador}_k' = \frac{\text{Indicador}_k - \text{Média (Indicadores)}}{\text{Desv.pad (Indicadores)}}$$

A padronização de indicadores permite somá-los, mesmo que originalmente representem quantidades tão diferentes. A construção de cada subdeterminante é a soma simples de cada um dos indicadores padronizados que o compõem. Por exemplo, dentro do determinante “Infraestrutura”, o subdeterminante “Transporte Interurbano” é a soma das variáveis padronizadas “Densidade das estradas”, “Número de voos diretos” e “Distância ao porto mais próximo”.

Uma vez somadas as variáveis, é possível aplicar o mesmo processo de padronização de variáveis para o resultado. A padronização dos subdeterminantes evita que, posteriormente, um subdeterminante apresente um valor médio maior que outro pelo simples fato de ser composto por mais variáveis.

Entretanto, em lugar de centrarmos os scores na média zero, como fizemos com os indicadores, deslocamos a média do score para 6. Por exemplo, no pilar de “Mercado”, os subdeterminantes “Desenvolvimento Econômico” e “Clientes Potenciais” terão sempre média 6 e desvio padrão 1, com os scores de cada cidade indicando sua posição relativa às demais.

Basicamente, deslocar a média para 6 evita que a visualização de um número artificialmente negativo (score abaixo da média) prejudique a interpretação, ao mesmo tempo em que não altera os resultados.

$$\text{Subdeterminante}_x = \text{Indicador}_1' + \text{Indicador}_2' + \dots + \text{Indicador}_k'$$

$$\text{Subdeterminante}_x' = (\text{Subdeterminante}_x - \text{Média (Subdeterminantes)})$$

$$\text{Desv.pad (Subdeterminantes)} + 6$$

A escolha de somar as variáveis diretamente dentro de um subdeterminante tem consequências. A mais notável é que implicitamente fica assumido que os indicadores têm o mesmo peso dentro de um subdeterminante. Rankings e outras ferramentas de comparação precisam necessariamente adotar um critério arbitrário para pesar indicadores diferentes e combiná-los, mesmo que o critério seja atribuir pesos equivalentes. Uma forma adequada de contornar a arbitrariedade dessa escolha é a avaliação cuidadosa de cada um dos determinantes, subdeterminantes e indicadores que os compõem. Em vez de adotar pesos para as variáveis nesta etapa da análise, optou-se por organizá-los hierarquicamente.

No início da elaboração do estudo para a edição 2014, foram apontados 380 indicadores. Em um primeiro momento, esses indicadores foram agrupados nos respectivos determinantes e subdeterminantes seguindo as orientações dos frameworks existentes e a opinião dos especialistas consultados. No processo de coleta de variáveis, eliminamos aqueles indisponíveis, com erros excessivos de medição ou redundantes, e buscamos fontes variadas para as mesmas medidas. Por exemplo, o número de voos diretos para uma cidade e o total de passageiros transportados são medidas bastante semelhantes. Utilizar dois indicadores que, uma vez padronizados, são quase idênticos, seria equivalente a adotar o dobro do peso para um aspecto específico de um subdeterminante.

Mesmo após a eliminação inicial de indicadores redundantes, é possível que dois indicadores sejam medidas muito parecidas e altamente correlacionadas entre si, ainda que sua definição substantiva seja muito diferente.

Então, com um conjunto já reduzido de indicadores, foi produzido para cada determinante uma Análise de Componentes Principais em que se observou como cada indicador se comportava em relação ao outro.

Intuitivamente, a aplicação da Análise de Componentes Principais se assemelha a descobrir todas as dimensões de cada um dos determinantes e criar um componente que represente cada dimensão. Por vezes, um conjunto de dezenas de indicadores pode ser representado por apenas um componente. Por exemplo, podemos imaginar que capital humano tem duas dimensões,

qualidade da educação e total da população educada, e que a nota média dos alunos do município no IDEB e o percentual da população que terminou o Ensino Médio estão eventualmente relacionados a essas duas dimensões. Ao produzirmos a Análise de Componentes Principais, é possível observar como esses dois indicadores estão situados nas dimensões encontradas e decidir se são redundantes, divergentes ou complementares.

Com isso, pode-se também avaliar e reconstruir os subdeterminantes, aprimorando as ferramentas existentes nos estudos internacionais e desenhando um framework adequado à realidade das cidades brasileiras.

Uma explicação mais detalhada da análise de componentes principais é encontrada adiante, quando são analisados aspectos da performance.

Construídos os subdeterminantes, o resultado de cada pilar (determinante) vem da soma simples entre eles e da padronização, novamente com desvio padrão 1 e média 6. Os rankings de cada determinante, apresentados ao longo deste relatório, e os scores de cada capital para um determinante provêm desta última operação. Os subdeterminantes têm sempre o mesmo peso dentro de cada determinante.

$$\text{Determinante}_x = \text{Subdeterminante}_1' + \text{Subdeterminante}_2' + \dots + \text{Subdeterminante}_k'$$

$$\text{Determinante}_x' = (\text{Determinante}_x - \text{Média (Determinantes)})$$
$$\text{Desv.pad (Determinantes)} + 6$$

O framework final, apresentado na página 132, resulta, portanto, de um processo inicial indutivo – com consulta a trabalhos internacionais semelhantes e a especialistas – e de um processo final dedutivo, empiricamente orientado e analiticamente consistente.

É importante notar que, como consequência das transformações das variáveis e padronizações, os valores finais dos determinantes – e, portanto, dos rankings e do índice final – são relativos. Por exemplo, o fato de São Paulo estar posicionada em primeiro lugar no determinante de “Infraestrutura” e ter recebido o valor 8,25 não significa que a cidade está a apenas 1,75 (ou 10,00 – 8,25) de ter uma infraestrutura perfeita para incentivar a atividade empreendedora.

Da mesma forma, hipoteticamente, Belém não está a 4,11 de ter infraestrutura completamente inadequada para empreendedores. Os valores recebidos pelas cidades nos determinantes indicam somente as posições relativas e o quão distantes da média das 32 cidades cada uma está.

<sup>6</sup>A lista completa de indicadores pode ser encontrada na página 124.

## CONSTRUÇÃO DA MEDIDA DE PERFORMANCE EMPREENDEDORA

Performance empreendedora é um conceito abrangente e pode ser definida de diversas maneiras, por exemplo, como geração de riqueza por empreendedores ou como o simples aumento do número de empreendedores e do autoemprego. O desafio de conceitualizar e mensurar performance empreendedora é, portanto, semelhante ao de construir os determinantes da performance.

Seguindo os frameworks de comparação de países, foram coletados indicadores de performance que pudessem representar adequadamente três aspectos fundamentais: [1] a intensidade de atividade empreendedora no Brasil, medida tanto pelo número de empreendedores na população ocupada quanto pela criação e sobrevivência de novas empresas; [2] o desempenho econômico dos empreendedores, em particular, do empreendedorismo de alto impacto; e [3] a capacidade de geração de riqueza e/ou empregos pela atividade empresarial. Coletamos diversos indicadores de performance e, após eliminar aqueles redundantes ou com problemas de medição, restaram oito variáveis, cujas descrições e fontes são encontradas adiante.

No entanto, os indicadores representam dimensões por vezes bastante distintas da performance empreendedora e combiná-los exige cuidado. Em particular, muitas das variáveis de performance coletadas têm correlação alta entre si. Por exemplo, o crescimento do número de empresas, a taxa de sobrevivência de empresas pré-existentes e a geração de empregos tendem a ser resultados dos mesmos processos econômicos, e,

portanto, a estarem correlacionados, ainda que sejam medidas bem definidas e diferentes entre si. A Análise de Componentes Principais, já usada para o exame dos determinantes, foi aplicada aos indicadores de performance com o propósito de lidar com este problema.

Na Análise de Componentes Principais, o objetivo principal é representar um conjunto de muitas variáveis correlacionadas entre si a partir de um conjunto menor de componentes que, por construção, não têm correlação entre si, sem que haja perda de informações relevantes presentes nos dados (Bartholomew et al, 2008). Em outras palavras, com esta técnica podemos construir as dimensões — representadas pelos componentes — comuns aos indicadores e representá-los de maneira mais sintética. Se uma parte dos indicadores é fortemente explicada pelo mesmo processo social ou econômico — expansão da economia e do consumo, por exemplo —, é provável que encontremos um componente que o represente.

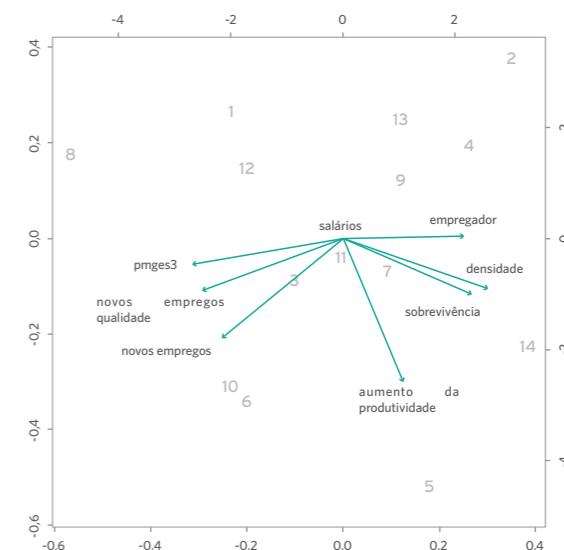
Do ponto de vista técnico, a Análise de Componentes Principais resulta em um conjunto de componentes que explicam, em ordem decrescente de importância, exatamente a mesma variação dos dados explicada pelos indicadores originais. O primeiro componente é o que tem maior poder de explicação da variação e o último, o menor. O gráfico abaixo, proveniente de um exemplo hipotético, ilustra como as variáveis estão arrançadas em torno dos dois primeiros componentes de uma Análise de Componentes Principais.

## EXEMPLO DE ILUSTRAÇÃO DE ANÁLISE DE COMPONENTES PRINCIPAIS

Para o conjunto de indicadores de performance empreendedora escolhidos para este estudo, os três primeiros componentes explicam sozinhos aproximadamente 85% da variação total do conjunto. Ou seja, com a aplicação da Análise de Componentes Principais obtemos três variáveis totalmente não correlacionadas entre si e que resumem de maneira adequada os indicadores de performance. A medida final de performance adotada na preparação do ranking, portanto, consiste na combinação simples desses três componentes padronizados:

$$\text{Performance}_x = \text{Componente}_1' + \text{Componente}_2' + \dots + \text{Componente}_k'$$

$$\text{Performance}_x' = (\text{Performance}_x - \text{Média (Performances)}) / \text{Desv.pad (Performances)} + 6$$



Dessa forma, todo o conjunto de variáveis de performance é condensado em uma única análise estatística, o que tem a vantagem de prescindir de um framework conceitual específico para sua elaboração — o que, diferentemente dos determinantes, ainda não é amplamente analisado na literatura hoje existente. Vale notar que, para os dados utilizados, o indicador de performance empreendedora obtido está altamente correlacionado com um indicador criado a partir da soma simples de todas as variáveis contempladas.

## RANKING FINAL DE CIDADE E PESO DOS DETERMINANTES

Um aspecto complexo e controverso na elaboração de rankings é o estabelecimento de pesos para cada um de seus elementos. Há rankings nos quais simplesmente não há pesos para variáveis. Há outros nos quais especialistas são consultados para, com base em sua experiência, estabelecer pesos arbitrários para os indicadores. A decisão adotada para este estudo foi utilizar pesos obtidos a partir das correlações entre performance empreendedora e seus determinantes. Os pesos adotados são, portanto, resultado de avaliação empírica. A arbitrariedade fica limitada, assim, à forma de calculá-los e não depende da visão da Endeavor Brasil, de especialistas ou de trabalhos anteriores sobre as relações entre os determinantes e a performance empreendedora, ainda que tenham produzido resultados difundidos e defensáveis na literatura.

O pressuposto fundamental desta operação é que há uma relação causal entre performance empreendedora e seus determinantes. Esse é o ponto de partida do framework da Endeavor Brasil e das demais ferramentas adotadas por organizações e

consultorias internacionais. Cidades com bom desempenho nos determinantes devem, assim se espera, ter um resultado positivo na performance empreendedora.

Idealmente, haveria informações sobre diversas cidades brasileiras e seria possível estimar com mais precisão as relações entre determinantes e performance empreendedora. Contudo, ao se escolher apenas 32 cidades, limita-se a capacidade de obter pesos precisos a partir dos dados disponíveis. Não é possível, por exemplo, aplicar técnicas básicas de regressão linear para estimar coeficientes parciais que representem a relação entre a performance empreendedora e suas causas.

Diante da limitação do número de cidades, a opção foi construir pesos diretamente a partir das correlações entre cada um dos sete determinantes apresentados no framework e a medida de performance obtida com os componentes da Análise de Componentes Principais. O risco neste procedimento é obter correlações negativas, entre -1 e 0, ou mesmo pesos nulos, para

representar equivocadamente relações que, pelo menos em teoria, deveriam ser positivas.

Na formulação dos pesos para os determinantes, decidiu-se, portanto, construir pesos que variariam sempre entre números positivos, maiores que 1 e menores que 2, e que fossem uma função da correlação com a medida de performance. A transformação linear das correlações entre 1 e 2 produz pesos que

atendem a estes critérios. O cálculo dos pesos é, assim, bastante simples: subtraímos de cada correlação o menor valor entre todas as correlações e dividimos o resultado pela diferença entre o maior e a menor correlação, segundo a seguinte fórmula:

$$\text{peso} = \frac{\text{corr}(\text{determinante}, \text{performance}) - \min(\text{corr})}{\max(\text{corr}) - \min(\text{corr})}$$



Os pesos obtidos dessa forma são números racionais e, na maior parte dos casos, contêm diversas casas decimais. Como as correlações são estimadas com dados de poucas cidades, é indesejável ter pesos que podem, por exemplo, variar demasiadamente entre anos. Para tornar os pesos mais estáveis e, consequentemente, reduzir a sensibilidade do ranking, optou-se ao final por limitar os pesos a apenas três valores possíveis — 1, 1,5 e 2 — obtidos por uma regra de arredondamento convencional. O gráfico acima reporta os pesos de cada um dos determinantes.

As notas das cidades no índice final consistem na soma das notas dos determinantes ponderados pelos pesos obtidos com o procedimento acima, que em seguida são uma vez mais padronizados com média 6 e desvio padrão:

$$\text{ICE}_x = \text{Det1}_x \cdot \text{peso1} + \text{Det2}_x \cdot \text{peso2} + \dots$$

$$\text{ICE}_x' = (\text{ICE}_x - \text{Média}(\text{ICE})) / \text{Desv. pad}(\text{ICE}) + 6$$

Por fim, é importante ressaltar que os pesos aplicados nesta edição são os mesmos aplicados nas duas últimas edições deste estudo, assim como a Endeavor se comprometeu em 2014 a fazê-lo. Mesmo assim, neste ano, a Endeavor refez os cálculos estatísticos de formação dos pesos das determinantes, chegando à conclusão de que, ao menos nesta edição, os resultados obtidos com a nova análise não são distintos o suficiente para justificar mudanças na metodologia original deste estudo.

A Endeavor faz a ressalva de que análises futuras sobre os valores encontrados serão sempre refeitas.

Além de evitar oscilações indesejáveis, em função da amostra relativamente pequena (de 32 cidades), esse procedimento garante que ações tomadas por governos, gestores públicos e organizações de apoio tenham influência no longo prazo e não alterem o foco e impacto das medidas.

## INDICADORES, FONTES E FORMAS DE CÁLCULO

### Determinante Ambiente Regulatório

#### Subdeterminante Tempo de processos

• **Indicador** Tempo para abrir um negócio (em dias)

#### Forma de cálculo

Tempo total, medido em dias, necessário para abrir 3 CNAEs de empresas (Serviço, Comércio e Indústria), de acordo com os órgãos responsáveis, com base em processos equivalentes em todas as cidades. **Fonte** SEDI - Ano 2016

• **Indicador** Tempo para obtenção de registros imobiliários (em dias)

#### Forma de cálculo

Tempo total, medido em dias, necessário para regularizar imóveis de 3 CNAEs de empresas (Serviço, Comércio e Indústria), de acordo com os órgãos responsáveis, com base em processos equivalentes em todas as cidades. **Fonte** SEDI - Ano 2016

• **Indicador** Taxa de congestionamento em tribunais (\*)

#### Forma de cálculo

Taxa de congestionamento média, considerando a efetividade do tribunal no período, levando-se em conta o total de casos novos que ingressaram, os casos baixados e o estoque pendente ao final do período anterior ao período base. Índice médio entre o Tribunal de Justiça do Estado, o Tribunal Regional do Trabalho e o respectivo Tribunal Regional Federal. Dado estadual. **Fonte** CNJ - Ano 2015

#### Subdeterminante Custo de impostos

• **Indicador** Alíquota interna do ICMS

#### Forma de cálculo

Alíquota interna média cobrada para 6 CNAEs de empresas diferentes (2 Serviços, 2 Comércios e 2 Indústrias) **Fonte** EY - Ano 2016

• **Indicador** Alíquota média do IPTU

#### Forma de cálculo

Alíquota aplicada sobre imóveis de empresas, na média calculada a partir do valor venal de 11 tipos de imóveis empresariais. **Fonte** EY - Ano 2016

• **Indicador** Alíquota média do ISS

#### Forma de cálculo

Alíquota média do Imposto Sobre Serviço aplicada para CNEs do setor (os mesmos dos demais indicadores produzidos pela EY). **Fonte** EY - Ano 2016

• **Indicador** Número médio de incentivos fiscais estaduais

#### Forma de cálculo

Número de incentivos fiscais aplicáveis a 6 CNAEs de empresas diferentes (2 Serviços, 2 Comércios, 2 Indústrias). **Fonte** EY - Ano 2016

#### Subdeterminante Complexidade tributária

• **Indicador** Operações acessórias estaduais

#### Forma de cálculo

Número de obrigações acessórias a cumprir para 6 CNAEs de empresas (2 Serviços, 2 Comércios, 2 Indústrias), baseado em obrigações exclusivas do estado e no número de fichas a serem preenchidas no Demonstrativo de Apuração do ICMS. **Fonte** EY - Ano 2016

• **Indicador** Operações acessórias municipais

#### Forma de cálculo

Número de obrigações acessórias a cumprir para 2 CNAEs de empresas de Serviços, baseado em obrigações exclusivas do município e no número de fichas a serem preenchidas para pagamento do ISS. **Fonte** EY - Ano 2016

• **Indicador** Número de atualizações tributárias estaduais

#### Forma de cálculo

Número de atualizações tributárias via decreto do governo estadual, entre 2013 e 2015, que envolvam o imposto ICMS. **Fonte** EY - Ano 2016

• **Indicador** Número de atualizações tributárias municipais

#### Forma de cálculo

Número de atualizações tributárias via decreto do governo municipal, entre 2013 e 2015, que envolvam o imposto ISS e IPTU. **Fonte** EY - Ano 2016

• **Indicador** CNDs municipais

#### Forma de cálculo

Nota atingida pelo município para a qualidade, praticidade e validade da emissão de Certidões Negativas de Débitos, seguindo critérios técnicos da EY, entre 0 e 10, onde 0 é a pior nota e 10, a melhor. **Fonte** EY - Ano 2016

### Determinante Infraestrutura

#### Subdeterminante Transporte interurbano

• **Indicador** Conectividade via rodovias

#### Forma de cálculo

Soma das rotas por rodovias (em quilômetros) das cidades analisadas para todas as demais 31 cidades do estudo. **Fonte** Google Maps - Ano 2015

• **Indicador** Número de passageiros em voos diretos por ano

#### Forma de cálculo

Total de passageiros (em todos os voos) durante o ano anterior nos aeroportos com voos regulares num raio de até 80 km do centro da cidade. Para aeroportos com distância para o centro da cidade entre 40 km e 80 km, é considerado 90% do valor total. **Fonte** Infraero e concessionárias - Ano 2015

• **Indicador** Distância ao porto mais próximo

#### Forma de cálculo

Distância ao porto marítimo mais próximo, em quilômetros. **Fonte** Receita Federal e Google Maps - Ano 2015

#### Subdeterminante Condições urbanas

• **Indicador** Acesso à internet rápida

#### Forma de cálculo

Número de acessos à internet de alta velocidade (acima de 12Mbps) dividido pela estimativa populacional do município. **Fonte** Anatel e IBGE - Ano 2016

• **Indicador** Preço médio do m<sup>2</sup>

#### Forma de cálculo

Preço médio, por m<sup>2</sup>, de imóveis residenciais da cidade. **Fonte** VivaReal - Ano 2016

• **Indicador** Custo da energia elétrica

#### Forma de cálculo

Valor das tarifas residenciais cobradas pelas concessionárias locais e homologadas pela Aneel, em R\$/kWh (reais por quilowatt-hora). Não contemplam tributos e outros elementos que fazem parte da conta de luz, tais como: ICMS, Taxa de Iluminação Pública e Encargo de Capacidade Emergencial. **Fonte** Aneel - Ano 2015

• **Indicador** Taxa de homicídios

#### Forma de cálculo

Homicídios Dolosos, que correspondem à somatória das causas de óbitos X85 a Y09 estabelecidas pelo CID-10 (Classificação Internacional de Doenças da OMS), recebendo o título genérico de Agressões. Têm como característica a presença de uma agressão intencional de terceiros, que utilizem qualquer meio para provocar danos ou lesões que originam a morte da vítima. Não se incluem aqui mortes acidentais, homicídios culposos, mortes no trânsito etc. Para o cálculo das taxas por 100 mil habitantes, foram utilizadas as estimativas populacionais disponibilizadas pelo IBGE. **Fonte** DATASUS e IBGE - Ano 2014

• **Indicador** Mobilidade urbana

#### Forma de cálculo

Nota do indicador de Índice de tráfego do Waze Driver Satisfaction Index. A nota varia entre 0 e 10, sendo 0 a pior nota e 10 a melhor. Para as cidades de Cuiabá e Maringá, foram utilizadas notas de mesma proporção das construídas pelo Waze com respostas da comunidade de passageiros da 99 sobre a qualidade do trânsito dessas cidades. Fonte Waze/99 - Ano 2016

### Determinante Mercado

■ **Subdeterminante** Desenvolvimento econômico

• **Indicador** PIB total (log)

#### Forma de cálculo

Logaritmo do Produto Interno Bruto total do município, em reais. **Fonte** IBGE - **Ano** 2013

• **Indicador** Crescimento médio real do PIB nos últimos 3 anos

#### Forma de cálculo

Crescimento médio do Produto Interno Bruto do município, em valores reais (base - deflator nacional), por município, entre 2011 e 2013. **Fonte** IBGE - **Ano** 2011-2013

• **Indicador** Número de empresas exportadoras com sede na cidade

#### Forma de cálculo

Número total de empresas exportadoras dividido pelo total de empresas com pelo menos um funcionário. **Fonte** MDIC e RAIS (MTE) - **Ano** 2015

■ **Subdeterminante** Clientes potenciais

• **Indicador** PIB per capita

#### Forma de cálculo

PIB total do município, dividida pelo número de habitantes, ponderado pelo Índice de Gini -- multiplicado por (1 - (Gini)). **Fonte** IBGE - **Ano** 2013

• **Indicador** Proporção entre grandes/médias empresas e médias/pequenas

#### Forma de cálculo

Média entre a proporção de (1) empresas com mais de 250 funcionários e empresas entre 50 e 249 funcionários; e (2) a proporção de empresas entre 50 e 249 funcionários e 10 e 49 funcionários. **Fonte** RAIS (MTE) - **Ano** 2014

• **Indicador** Compras públicas (média por empresa)

#### Forma de cálculo

Despesas pagas de investimentos e dispêndios pagos na contratação de serviços de terceiros realizados pela prefeitura, dividido pelo total de empresas do município com pelo menos um funcionário. Rubricas selecionadas a partir da FINBRA, adotada como proxy de compras públicas. **Fonte** FINBRA (STN) e RAIS (MTE) - **Ano** 2015

### Determinante Acesso a capital

■ **Subdeterminante** Capital disponível via dívida

• **Indicador** Operações de crédito por município (em relação ao PIB)

#### Forma de cálculo

Valor anual, em reais, das operações de crédito, para pessoas físicas e jurídicas, dos bancos múltiplos com carteira comercial, dividido pelo PIB total do município. **Fonte** Banco Central e IBGE - **Ano** 2015 e 2013

■ **Subdeterminante** Acesso a capital de risco

• **Indicador** Proporção relativa de Venture Capital

#### Forma de cálculo

Porcentagem relativa dos investimentos de Venture Capital e Aceleradoras feitos (X) nas 32 cidades, comparada à porcentagem relativa de PMEs (Y) nas 32 cidades (X/Y); considerando os investimentos que ocorreram entre 2011 e 2016. **Fonte** Spectra Investments e RAIS (MTE) - **Ano** 2016 e 2015

• **Indicador** Proporção relativa de Private Equity

#### Forma de cálculo

Porcentagem relativa dos investimentos de Private Equity feitos (X) nas 32 cidades, comparada à porcentagem relativa de grandes empresas (Y) nas 32 cidades (X/Y); considerando os investimentos que ocorreram entre 2011 e 2016. **Fonte** Spectra Investments e RAIS (MTE) - **Ano** 2015 e 2014

• **Indicador** Capital poupado per capita

#### Forma de cálculo

Valor médio mensal dos depósitos em poupança e depósitos de longo prazo, de pessoas físicas e jurídicas, dividido pelo número de habitantes estimado do município. **Fonte** Banco Central e IBGE - **Ano** 2014

### Determinante Inovação

■ **Subdeterminante** Inputs

• **Indicador** Proporção de Mestres e Doutores em C&T

#### Forma de cálculo

Número de mestres e doutores residentes com currículo cadastrado na Plataforma Lattes nas áreas de ciências exatas e da terra; ciências biológicas; engenharias; ciências agrárias, ciências da saúde, que trabalham em empresas privadas, em relação ao total de empresas com pelo menos um funcionário. **Fonte** CNPq e RAIS (MTE) - **Ano** 2016 e 2015

• **Indicador** Proporção de funcionários nas áreas de C&T

#### Forma de cálculo

Número de trabalhadores no município ocupando funções ligadas às áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, de acordo com critérios definidos internamente a partir da listagem de ocupações (CBO - Classificação Brasileira de Ocupações) dividido pelo total de trabalhadores no município. **Fonte** RAIS (MTE) - **Ano** 2015

• **Indicador** Média de investimentos do BNDES e da FINEP

#### Forma de cálculo

Investimentos totais do BNDES e da FINEP dividido pelo total de empresas com pelo menos um funcionário. **Fonte** BNDES, FINEP e RAIS (MTE) - **Ano** 2015

• **Indicador** Infraestrutura tecnológica

#### Forma de cálculo

Média padronizada do (1) Nº de Unidades Sibratec + (2) Projetos realizados pelos Institutos SENAI de Inovação e Tecnologia + (3) Nº de Empresas instaladas em Parques Tecnológicos. **Fonte** SENAI, Sibratec, Parques Tecnológicos - **Ano** 2016

• **Indicador** Contratos de concessões (para cada 1.000 empresas)

#### Forma de cálculo

Total de contratos de Propriedade Intelectual depositados, dividido pelo total de empresas com pelo menos um funcionário, multiplicado por mil. **Fonte** INPI e RAIS (MTE) - **Ano** 2015

■ **Subdeterminante** Outputs

• **Indicador** Proporção de empresas com patentes

#### Forma de cálculo

Empresas com registros concedidos de Patentes e Programas de Software, para cada mil empresas com pelo menos um funcionário. **Fonte** Neoway - **Ano** 2015

• **Indicador** Tamanho da indústria inovadora

#### Forma de cálculo

Proporção de empresas de indústria inovadora (classes da CNAE 2.0 selecionadas) em relação ao total de empresas com ao menos um funcionário. **Fonte** RAIS (MTE) - **Ano** 2015

• **Indicador** Tamanho da economia criativa

#### Forma de cálculo

Proporção de empresas de economia criativa (classes da CNAE 2.0 selecionadas) em relação ao total de empresas com ao menos um funcionário. **Fonte** RAIS (MTE) - **Ano** 2015

• **Indicador** Tamanho das empresas TIC

#### Forma de cálculo

Proporção de empresas dos setores de tecnologia (classes da CNAE 2.0 selecionadas) em relação ao total de empresas com ao menos um funcionário. **Fonte** RAIS (MTE) - **Ano** 2015

### Determinante Capital Humano

■ **Subdeterminante** Acesso e qualidade da mão de obra básica

• **Indicador** Nota do IDEB

#### Forma de cálculo

Índice final do IDEB, calculado com base no desempenho escolar dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental das escolas públicas do município. **Fonte** Inep (MEC) - **Ano** 2015

• **Indicador** Proporção de adultos com pelo menos o Ensino Médio completo

#### Forma de cálculo

Média entre a proporção de Pais e Mães declarados com Ensino Médio completo pelos inscritos no ENEM. **Fonte** ENEM (Inep/MEC) - **Ano** 2014

• **Indicador** Taxa Líquida de matrícula no Ensino Médio

#### Forma de cálculo

Alunos de Ensino Médio entre 15 e 17 anos, dividido pela população estimada de pessoas com idade entre 15 e 17 anos. **Fonte** Censo Escolar (Inep/MEC) IBGE - **Ano** 2015

• **Indicador** Nota média no ENEM

#### Forma de cálculo

Nota média do ENEM para todas as provas dos inscritos na cidade. **Fonte** ENEM (Inep/MEC) - **Ano** 2014

• **Indicador** Proporção de matriculados no ensino técnico e profissionalizante

#### Forma de cálculo

Total de alunos inscritos no Ens. Técnico, dividido pela população estimada com mais de 15 anos. **Fonte** Censo Escolar (Inep/MEC) - **Ano** 2015

■ **Subdeterminante** Acesso e qualidade da mão de obra qualificada

• **Indicador** Proporção de adultos com pelo menos o Ensino Superior completo

#### Forma de cálculo

Média entre a proporção de Pais e Mães declarados com Ensino Superior completo pelos inscritos no ENEM. **Fonte** ENEM (Inep/MEC) - **Ano** 2014

• **Indicador** Proporção de alunos concluintes em cursos de alta qualidade

#### Forma de cálculo

Total de matriculados em cursos de alta qualidade, reconhecidos com as notas 4 e 5 no ENADE, nos últimos três anos, dividido pelo total de alunos matriculados em cursos de graduação avaliados pelo ENADE. **Fonte** ENADE (Inep/MEC) - **Ano** 2014

• **Indicador** Número de alunos concluintes em cursos de alta qualidade

#### Forma de cálculo

Log do total de matriculados em cursos de alta qualidade, reconhecidos com as notas 4 e 5 no ENADE, nos últimos três anos. **Fonte** ENADE (Inep/MEC) - **Ano** 2014

• **Indicador** Custo médio de salários de dirigentes

#### Forma de cálculo

Salário médio de funcionários em cargos de gerência e direção segundo classificação própria a partir da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações). **Fonte** RAIS (MTE) - **Ano** 2015

### Determinante Cultura

■ **Subdeterminante** Potencial empreendedor Para todos os indicadores do subdeterminante “Potencial para Empreender com Alto Impacto”, foi aplicado o Teste META, baseado em critérios psicométricos e criado pelo Instituto Meta Profiling.

O Teste META faz um diagnóstico sobre as 4 atitudes essenciais (Visão de Oportunidade, Proatividade, Criatividade e Sonho Grande) para qualquer empreendedor de alto impacto, validada internacionalmente com mais de 100.000 pessoas. Foram entrevistadas mais de 9.000 pessoas, via questionário online, entre junho e julho de 2015.

Para mais informações sobre o Teste META: <http://www.metaprofiling.com/documents/Meta-technical-manual-final.pdf>

■ **Subdeterminante** Imagem do empreendedorismo

• **Indicador** Status do empreendedor

#### Forma de cálculo

Percentual de respondentes que concordam parcial ou totalmente com a afirmação: “Você acredita que na sua cidade aqueles que tiveram sucesso ao começar um novo negócio têm status e são respeitados?”. **Fonte** Endeavor - **Ano** 2015

• **Indicador** Percepção sobre empreendedorismo na mídia

#### Forma de cálculo

Total de respondentes que respondem “muitas vezes” ou “sempre” para a pergunta “Na sua cidade, você vê histórias sobre novos empreendedores bem sucedidos na mídia?”. **Fonte** Endeavor - **Ano** 2015

• **Indicador** Percepção sobre relação entre empreendedor e funcionários

#### Forma de cálculo

Total de respondentes que “discordam” ou “discordam totalmente” da afirmação “Eu acredito que empreendedores exploram seus funcionários”. **Fonte** Endeavor - **Ano** 2015

• **Indicador** Incentivo ao empreendedorismo na família

#### Forma de cálculo

Total de respondentes que “discordam” ou “discordam totalmente” da afirmação “Se alguém muito próximo a mim - pais, irmã(o), esposo(a) - quisesse empreender, eu acharia difícil de apoiar, pela insegurança financeira”. **Fonte** Endeavor - **Ano** 2015

• **Indicador** “Dependência de empreendedores”

#### Forma de cálculo

Total de respondentes que “concordam” ou “concordam totalmente” com a afirmação “Eu acredito que o desenvolvimento do Brasil depende muito dos empreendedores”. **Fonte** Endeavor - **Ano** 2015

• **Indicador** Percepção sobre a dificuldade de empreender na cidade

#### Forma de cálculo

Total de respondentes que “discordam” ou “discordam totalmente” da afirmação “Empreender, na minha cidade, é bastante complicado”. **Fonte** Endeavor - **Ano** 2015

• **Indicador** Conhecimento pessoal de empreendedores

#### Forma de cálculo

Percentual de respondentes que responderam afirmativamente à pergunta: “Você conhece alguém pessoalmente que abriu um negócio nos últimos dois anos?”. **Fonte** Endeavor - **Ano** 2015

• **Indicador** Quão desejável é ser empreendedor na cidade

#### Forma de cálculo

Nota média, variando entre 1 e 10, em que 10 é “melhor opção de carreira possível” e 1, a pior, ao ser perguntado “Na sua cidade, a maioria das pessoas considera que abrir um negócio é?”. **Fonte** Endeavor - **Ano** 2015

# SIGLAS E SEUS SIGNIFICADOS

<b>ANEEL</b>	Agência Nacional de Energia Elétrica	<b>FACIAP</b>	Federação de Associações Comerciais e Empresariais do Estado do Paraná	<b>ITBI</b>	Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis	<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>B2B</b>	Business to business (empresa para empresa)	<b>FIEPE</b>	Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco	<b>JECEG</b>	Junta Comercial do Estado de Goiás	<b>PINTEC</b>	Pesquisa de Inovação Tecnológica
<b>B2C</b>	Business to consumer (empresa para consumidor)	<b>FINBRA</b>	Finanças do Brasil	<b>KwH</b>	Quilowatt-hora	<b>PME</b>	Pequenas e Médias Empresas
<b>B2Gov</b>	Business to government (empresa para governo)	<b>FINEP</b>	Financiadora de Estudos e Projetos	<b>LOG</b>	Logaritmo	<b>RAIS</b>	Relação Anual de Informações Sociais
<b>BNDES</b>	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social	<b>FIPE</b>	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas	<b>MBC</b>	Movimento Brasil Competitivo	<b>SEBRAE</b>	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>C&amp;T</b>	Ciência & Tecnologia	<b>FIR</b>	Faculdade Integrada do Recife	<b>MCTI</b>	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação	<b>Senai</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
<b>CBO</b>	Classificação Brasileira de Ocupações	<b>GII</b>	Global Innovation Index	<b>MDO</b>	Mão de Obra	<b>STEM</b>	Science, Technology, Engineering, and Mathematics (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática)
<b>CNAE</b>	Classificação Nacional de Atividades Econômicas	<b>GPS</b>	Global Positioning System	<b>MDIC</b>	Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços	<b>STN</b>	Secretaria do Tesouro Nacional
<b>CND</b>	Certidão Negativa de Débito	<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	<b>MEC</b>	Ministério da Educação	<b>TIC</b>	Tecnologia da Informação e Comunicação
<b>CNJ</b>	Conselho Nacional de Justiça	<b>ICE</b>	Índice de Cidades Empreendedoras	<b>MGE</b>	Médias e Grandes Empresas	<b>TJ</b>	Tribunal de Justiça
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico	<b>ICMS</b>	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços	<b>PGQP</b>	Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade	<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>DNA</b>	Ácido desoxirribonucléico	<b>IDEB</b>	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica	<b>MPE</b>	Micro e Pequenas Empresas	<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>EF</b>	Ensino Fundamental	<b>Inep</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira	<b>MTE</b>	Ministério do Trabalho e Emprego	<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>EIP</b>	Entrepreneurship Indicators Programme	<b>INPI</b>	Instituto Nacional de Propriedade Industrial	<b>NIT</b>	Núcleo de Inovação Tecnológica	<b>UFRRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>EM</b>	Ensino Médio	<b>IPTU</b>	Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana	<b>OCDE</b>	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico	<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>ENADE</b>	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes	<b>ISS</b>	Imposto sobre Serviços	<b>OSS</b>	Oxford Space Systems	<b>UNB</b>	Universidade de Brasília
<b>ENEM</b>	Exame Nacional do Ensino Médio	<b>ITA</b>	Instituto Tecnológico de Aeronáutica	<b>PE</b>	Private Equity	<b>Unicamp</b>	Universidade Estadual de Campinas
				<b>PEA</b>	População Economicamente Ativa	<b>USP</b>	Universidade de São Paulo
						<b>VC</b>	Venture Capital

## ANEXO 2:

## METODOLOGIA DO

## DETERMINANTE

## DE CULTURA

## EMPREENDEDORA

### DETERMINANTE DE CULTURA EMPREENDEDORA

#### Parceria: META

Para conhecer o estudo completo, acesse [info.endeavor.org.br/culturaempreendedoranobrasil](http://info.endeavor.org.br/culturaempreendedoranobrasil)

**Nesta edição, os dados do pilar de Cultura Empreendedora são os mesmos utilizados na edição anterior do ICE. Aspectos culturais de uma população não costumam mudar de forma significativa no período de um ano, com possíveis exceções — caso aconteça eventos marcantes na história da população a ponto de elas reavaliarem suas posições acerca do empreendedorismo, por exemplo.**

Uma cidade pode ter excelentes indicadores nas mais diversas determinantes. Por mais que a burocracia seja baixa, a infraestrutura moderna ou a renda disponível seja alta, nada disso pode fazer com que uma cidade se torne uma potência para fazer negócios se o local não tem moradores que pensem em criar

grandes negócios e que veem valor nos empreendedores. Esses são alguns aspectos importantes da cultura empreendedora de uma população, que foram pesquisados pela Endeavor neste ano em cada uma das cidades analisadas.

Foram realizadas 9.013 entrevistas pela internet, com aplicação do questionário nos habitantes das 32 cidades deste estudo, incluindo empreendedores, autônomos, empregados, donas (os) de casa e desempregados, durante os meses de julho e agosto de 2015. Uma amostra de empreendedores de alto impacto — empreendedores selecionados e apoiados pela Endeavor Brasil ao longo dos 15 anos de atuação no País — também foi usada como um grupo de referência (benchmark), para ter seus resultados comparados ao restante da amostra. Neste pilar, foram observados dois tipos de aspectos culturais ou determinantes: potencial para empreender com alto impacto e imagem do empreendedorismo, explicados a seguir.

### POTENCIAL PARA EMPREENDER COM ALTO IMPACTO

A principal medida usada no estudo para avaliar o potencial para se empreender com alto impacto é o teste META, ou Measure of Entrepreneurial Tendencies and Abilities - é um dos instrumentos de medição mais utilizados no mundo para avaliar o potencial para empreender com alto impacto. A medida foi desenvolvida pelo META Profiling, um instituto com cientistas da University College London, e que recebeu colaboração da New York University, do Harvard's Entrepreneurial Finance Lab (EFL) e do Governo do Reino Unido para a construção da metodologia do teste.

Nos últimos três anos, a metodologia foi testada em mais de 200 mil pessoas em mais de 25 países e mostrou ser um forte indicador de uma série de resultados de desempenho para empreendedores e não empreendedores, como crescimento organizacional, inovação e número de empresas abertas. O Teste META permite entender qual o potencial para empreender com alto impacto, ou seja, a capacidade para ser um empreendedor que inova, cresce e gera empregos. Os resultados do teste são divididos em quatro atitudes que influenciam o sucesso de qualquer empreendedor: visão de oportunidades (a sensibilidade de identificar novas oportunidades de negócios e tendências futuras), proatividade (a capacidade de iniciar novas ações antes da maioria), criatividade (a capacidade de gerar ideias inovadoras) e sonho grande (a capacidade de enxergar além, ter visão sistêmica e motivação para trazer mudanças com suas

ideias e negócios). As pontuações por atitudes variam entre 0 a 50 pontos, e compõem a pontuação final do Teste META, totalizando um máximo de 200 pontos. A média de pontos META dos pesquisados de cada cidade forma a média da cidade e a nota final deste indicador no ICE2016.

#### Por que há empate entre várias cidades nesse indicador?

Análises estatísticas foram realizadas para identificar quais motivos levam algumas cidades a terem médias no teste maiores ou menores em relação a outras. Essas análises indicaram que as diferenças nas notas de cada cidade, em parte considerável das vezes, não são estatisticamente significativas em cada uma das sete colocações apresentadas nos resultados desse determinante. Isso significa que cidades com maiores médias no teste hoje poderiam ter médias menores que as demais da sua posição numa outra medição com as mesmas características. Em termos práticos, isso significa, por exemplo, que Florianópolis não tem uma diferença de resultado estatisticamente relevante em relação a Teresina, por isso, as cidades estão “tecnicamente empatadas”. O mesmo não ocorre entre Florianópolis e Maringá, melhor posicionada e fora de um empate técnico.

Para conhecer mais sobre a metodologia e essas atitudes, acesse: [goo.gl/GrV2LV](http://goo.gl/GrV2LV)

### IMAGEM DO EMPREENDEDORISMO

A imagem do empreendedorismo traduz a imagem que a população de cada uma das cidades tem da atividade empreendedora e dos empreendedores em si. Trata-se, portanto, de um elemento ligado à cidade e não a um ou outro segmento. Essa “imagem” foi obtida por meio de um conjunto de perguntas específicas presentes no questionário, como o quanto empreendedores são bem vistos na cidade, o quanto eles estão presentes na mídia e quão atraente é a opção “empreender”. Quanto mais uma população concorda, fortemente ou não, com ideias positivas ao ambiente empreendedor, maior é sua média nessa determinante.

É importante notar que este Índice é um indicador do potencial e de propensão para empreender em cada cidade. Logo, não necessariamente reflete a real presença de empreendedores em cada região, que pode ser medida de diversas outras formas, mas a possibilidade de o impulso empreendedor se manifestar com mais intensidade, dadas as devidas condições para isso. Em conjunto com os demais determinantes analisados neste estudo, o Índice de Cultura Empreendedora auxilia a entender o desenvolvimento do ambiente empreendedor e a performance empreendedora em cada cidade estudada.

## REFERÊNCIAS

## BIBLIOGRÁFICAS

Ács, Zoltán J.; Szerb, László & Autio, Erko. "Global Entrepreneurship Index". GEDI. (2015)

Ahmad, Nadim. "A Proposed Framework for Business Demography Statistics". OCDE. (2006)

Ahmad, Nadim & Hoffmann, Anders N. "A Framework for Addressing and Measuring Entrepreneurship". OCDE. (2007)

Disponível em: [http://www.oecdilibrary.org/economics/a-framework-for-addressing-and-measuring-entrepreneurship\\_243160627270](http://www.oecdilibrary.org/economics/a-framework-for-addressing-and-measuring-entrepreneurship_243160627270)

Arboleda, Pedro; Dassel, Kurt & Grogan, C. Jeffrey. "Paths to Prosperity", Monitor Group. (2009)

Disponível em: [http://icma.org/en/icma/knowledge\\_network/documents/kn/Document/303489/Paths\\_to\\_Prosperty](http://icma.org/en/icma/knowledge_network/documents/kn/Document/303489/Paths_to_Prosperty)

Aspen Network of Development Entrepreneurs. "Entrepreneurial Ecosystem Diagnostic Toolkit". (2013)

Disponível em: <http://www.aspeninstitute.org/publications/entrepreneurial-ecosystem-diagnostic-toolkit>

Audretsch, David B. Thurik, Roy, Verheulm Ingrid & Wennekers, Sander. "Entrepreneurship: Determinants and Policy in a European-

U.S. Comparison", Boston/Dordrecht/London: Kluwer Academic Publishers, 11-83. (2002)

Bartholomew, D., F. Steele, I. Moustkaki, & J. Galbraith. "The Analysis and Interpretation of Multivariate Data

for Social Scientists", Londres: Chapman and Hall. (2002)

Dutta, Soumitra; Lanvin, Bruno & Wunsch-Vincent Sacha. "The Global Innovation Index" (2015)

Disponível em: <https://www.globalinnovationindex.org/content/page/GII-Home>

Endeavor Brasil. "Burocracia nos negócios: os desafios de um empreendedor no Brasil". (2015)

Disponível em: <http://info.endeavor.org.br/burocracianobrasil>

Endeavor Brasil. "Cultura Empreendedora no Brasil: o potencial para empreender com alto impacto". (2015)

Disponível em: <http://info.endeavor.org.br/culturaempreendedoranobrasil>

Endeavor Brasil & IBGE. "Estatísticas de Empreendedorismo". (2013)

Disponível em: <http://info.endeavor.org.br/estatisticas-de-empreendedorismo-2013>

Hoffmann, A., Larsen, M. & Oxholm, S. "Quality Assessment of Entrepreneurship Indicators", FORA, Copenhagen. (2006)

Disponível em: [http://ice.foranet.dk/upload/quality\\_assessment\\_of\\_entrepreneurship\\_indicators\\_002.pdf](http://ice.foranet.dk/upload/quality_assessment_of_entrepreneurship_indicators_002.pdf)

Lundström Anders & Stevenson, Lois. "Entrepreneurship Policy Theory and Practices", International

Studies in Entrepreneurship, Springer. (2005)

PwC. "Cities of Opportunity 6". (2014)

Disponível em: <http://www.pwc.com/us/en/cities-of-opportunity/>

The World Bank. "Doing Business: Measuring Business Regulations". (2013)

Disponível em: <http://www.doingbusiness.org/>

Thurik, Roy; Uhlaner, Lorraine M. & Wennekers, Sander. "Entrepreneurship and Economic Performance:

a Macro Perspective". International Journal of Entrepreneurship Education. (2002)



No Brasil, menos de 1% das empresas apresenta crescimento acelerado. E apesar de serem pouquíssimas, essas empresas, chamadas de Scale-ups, são responsáveis por quase 50% dos novos empregos do País. É urgente, portanto, que recebam a atenção devida. É mais do que necessário desenvolver políticas públicas em todos os níveis, mas especialmente nas cidades.

Analisando 32 cidades de todas as regiões do País por meio de 60 indicadores, o Índice de Cidades Empreendedoras 2016 dá continuidade ao trabalho de ajudar governos e sociedade civil a definir prioridades e acompanhar resultados. Além de fomentar o debate político sobre empreendedorismo, o estudo também é um guia para empreendedores refletirem sobre onde estão as melhores oportunidades para desenvolver seus negócios.

[www.endeavor.org.br](http://www.endeavor.org.br)

